

E. LOCKHART
O HISTÓRICO
INFANTE DE
FRANCO
LANDAU-BANKS
SEGUINTE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

E. LOCKHART
O HISTÓRICO
INFAMIE DE
FRANKIE
LANDAU-BANKS
SÉQUINTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



E. LOCKHART **O HISTÓRICO** **INFAME DE** **FRANKIE** **LANDAU-BANKS**

Tradução
ANDRÉ CZARNOBAI

SÉQUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

*Para os meus amigos da faculdade Kate, Polly, Cliff, Aaron
e Catherine, que sabem tudo sobre festas em campos de golfe
e aventuras na madrugada.*

UMA EVIDÊNCIA



14 de dezembro de 2007

Para: Diretor Richmond e o Conselho Administrativo da Escola Preparatória Alabaster

Eu, Frankie Landau-Banks, venho por meio desta confessar que sou a única por trás das malcriações da Leal Ordem dos Bassês. Assumo responsabilidade total pelos transtornos provocados pela Ordem — incluindo a Garota da Biblioteca, os Cãezinhos na Janela, a Noite dos Mil Cães, a Revolta da Beterraba Enlatada e o sumiço do Peixinho.

Isto é, eu escrevi as instruções indicando a todos o que deviam fazer.

Eu, e somente eu.

Não importa o que Porter Welsch tenha dito a vocês em sua declaração.

É claro que os cães da Ordem são seres humanos com livre-arbítrio. Eles executaram suas tarefas sem demonstrar qualquer tipo de remorso. Eu não os ameacei ou coagi de forma alguma, e se eles decidiram seguir as minhas instruções, não foi por medo de retaliação.

Vocês me pediram que eu lhes entregasse seus nomes. Respeitosamente, vou me recusar a fazê-lo. Não é meu papel pugnar ou impugnar o caráter deles.

Gostaria de ressaltar que muitas das traquinagens da Ordem foram elaboradas como crítica social. E que muitos membros da Ordem foram afastados de comportamentos muito mais destrutivos graças às atividades que prescrevi a eles. Então talvez minhas ações tenham contribuído para um bem maior, apesar das inconveniências que vocês, sem dúvida, sofreram.

Compreendo totalmente a infelicidade do Conselho com esses incidentes. Reconheço que minhas atitudes perturbaram o bom funcionamento de seu estabelecimento patriarcal. Ainda assim, gostaria de sugerir que vocês encarassem cada um dos projetos da Leal Ordem com desinfelicidade, por se tratar da desobediência civil criativa de alunos dotados de consciência política e que se expressam através da arte.

Não estou pedindo que desculpem o meu comportamento; apenas que não me culpem sem levar em conta o contexto.

Atenciosamente,

Frances Rose Landau-Banks

Frances Rose Landau-Banks,
turma de 2010



MUITO EMBORA, EM RETROSPECTIVA, não tenha sido tão surpreendente quanto as travessuras que ela aprontaria quando voltasse para a escola, o que aconteceu com Frankie Landau-Banks nas férias de verão após o primeiro ano do ensino médio foi um choque. Foi certamente perturbador o bastante para incomodar Ruth, a mãe conservadora de Frankie, e incitar diversos rapazes na vizinhança de Frankie em Nova Jersey a pensarem (e até fazerem) coisas que jamais haviam imaginado.

Frankie, por sua vez, também estava perturbada.

Entre maio e setembro ela ganhara dez centímetros e nove quilos, todos nos lugares certos. De uma criança magricela e desajeitada, com mãos muito grandes para os braços, uma cabeleira castanha, crespa e rebelde e um queixo tão pontudo que levou vovó Evelyn a dizer que “se é pra fazer uma cirurgia plástica, melhor que seja antes da faculdade”, ela se transformou numa mulher cheia de curvas e com uma beleza inusitada que os rapazes achavam nitidamente atraente. Seu rosto se arredondou, ela ganhou corpo e, de uma criança caseira, se converteu num prato cheio — tudo isso enquanto lia os contos da Dorothy Parker e bebia limonada, deitada tranquilamente em uma rede no seu quintal suburbano.

A única coisa que a própria Frankie havia feito para ajudar na mudança foi investir em creme sem enxágue para domar o *frizz*. Ela não era o tipo de garota que tentaria sozinha uma “transformação total”. Ela tinha passado bem pela Escola Preparatória Alabaster sem isso, apesar de seu colégio interno ser (como Zada, sua irmã mais velha, ressaltava) uma instituição dominada pela elite protestante, onde os católicos estavam basicamente dentro do armário e os membros da “comunidade” tinham mudado em massa seus sobrenomes de coisas como Bernstein para coisas como Burns.

Frankie passou ilesa pela Alabaster por ser a irmã mais nova de Zada. Ela era veterana quando Frankie entrou na escola, e apesar de nunca ter sido imensamente popular, Zada tinha um grupo de amigos leais e era respeitada por falar o que pensava. Ela deixou Frankie andar com seu grupo no começo do ano letivo, e deixou bem claro para todo mundo que ninguém devia mexer com a sua irmã. Zada deixava sua irmãzinha sentar com ela no almoço sempre que necessário, e a apresentou a pessoas da equipe de remo, da equipe de lacrosse, do grêmio estudantil e do Clube de Debates. Frankie acabou entrando para este último — e provou-se uma competidora

surpreendentemente afiada.

Frankie honrou sua parte do acordo se esforçando ao máximo para não envergonhar Zada. Ela vestiu as roupas que Zada disse a ela para vestir, foi bem nas aulas e fez amizade com um grupo de calouros levemente nerds que não eram nem tremendamente bobocas, nem tragicamente cafonas.

Quando o verão terminou e Zada partiu rumo a Berkeley, Frankie estava linda, cheia de curvas e tão sensual que adolescentes chegavam a parar quando passavam por ela na rua. Mas se a intenção destas páginas é descrever de forma precisa a transformação de Frankie e seu suposto mau comportamento, é importante notar que seu desenvolvimento físico não foi, no início, acompanhado por um desenvolvimento mental semelhante. Intelectualmente, Frankie não era, nem de longe, a mente quase criminosa que criou a Sociedade de Libertação dos Peixes e que, quando adulta, provavelmente irá comandar a CIA, dirigir filmes de ação, projetar foguetes ou, quem sabe (se ela se perder no caminho), chefiar uma organização criminosa. No começo do segundo ano, Frankie Landau-Banks não era nada disso. Ela era uma garota que gostava de ler, tinha tido apenas um namorado, gostava da equipe do Clube de Debates e ainda mantinha hamsters numa gaiola cheia de túneis coloridos. Ela era muito inteligente, mas não havia nada estranhamente ambicioso ou anormal em suas funções mentais.

Sua comida favorita era guacamole e sua cor favorita era branco.

Ela nunca havia se apaixonado.

UM ENCONTRO CASUAL QUE SE PROVARIA FUNDAMENTAL



UM DIA DEPOIS QUE ZADA FOI para Berkeley, Frankie e sua mãe viajaram ao litoral para passar um feriado prolongado com os dois tios divorciados de Frankie e três primos. Eles alugaram uma casa decrépita de cinco quartos num terreno cimentado, a duas quadras de distância da praia e do calçadão.

Os primos de Frankie tinham todos entre dez e treze anos. E eram todos meninos. Um bando de criaturas vis, do ponto de vista de Frankie, já que eles passavam o dia se esmurrando, arremessando comida, peidando e bisbilhotando suas coisas, a menos que ela trancasse a porta do quarto.

Todos os dias o grupo arrastava cadeiras de praia, toalhas, pretzels, latas de cerveja (para os tios), sucos de caixinha e equipamentos esportivos até a praia, onde permanecia por umas boas seis horas. Frankie não conseguia ler um romance sem que colocassem um siri em seus joelhos, jogassem um balde de água salgada em sua barriga ou derramassem uma caixa de suco de uva em sua toalha. Ela não conseguia nadar sem que um de seus primos tentasse segurar suas pernas ou espirrar água nela. Ela não conseguia comer sem que um dos meninos roubasse uma batatinha frita do seu prato, ou chutasse areia sobre sua comida.

No último dia de viagem, Frankie estava deitada numa toalha de praia ouvindo seus tios carecas e levemente barrigudos discutindo a temporada dos Jackals na segunda divisão. A mãe de Frankie tirava uma soneca em uma cadeira de praia. Pelo menos por enquanto os primos estavam na água, competindo para ver quem ficava mais tempo sem respirar, e eventualmente tentando afogar uns aos outros.

— Posso ir até a cidade? — Frankie perguntou.

Ruth levantou os óculos de sol e franziu o cenho para a filha.

— Por quê?

— Pra dar uma volta. Tomar um sorvete. Talvez comprar uns cartões-postais — Frankie respondeu. Ela queria se afastar de tudo aquilo. A proximidade excessiva, as conversas sobre esporte, os peidos e socos.

Ruth se virou para um de seus irmãos.

— Ben, o centro da cidade não fica a, tipo, uns quinze quarteirões daqui? A que distância você acha que fica?

— Isso, uns quinze quarteirões — disse tio Ben. — Ela não deveria

ir sozinha.

— Eu não vou com ela. — Ruth baixou os óculos de volta até o nariz. — Vim até aqui para relaxar na praia, não para ficar olhando cartões-postais em lojas para turistas.

— Eu posso ir sozinha — disse Frankie. Ela não queria que Ruth fosse junto mesmo. — Quinze quarteirões não é tão longe assim.

— Tem um pessoal meio estranho por aqui — tio Ben alertou. — Atlantic City fica a poucos quilômetros ao norte.

— Princesinha, você não conhece a região — disse Ruth.

— A casa fica na Sea Line Avenue, número 42 — respondeu Frankie. — É só virar à esquerda na Oceanview e seguir numa linha reta até o lugar onde ficam as lojas. Fui até o supermercado com o tio Paul, lembra?

Ruth contorceu os lábios.

— Não acho uma boa ideia.

— O que você acha que vai acontecer? Não vou entrar no carro de nenhum estranho. Eu tenho celular.

— Não é uma cidade conhecida — disse Ruth. — Não quero discutir sobre isso.

— Mas o que você acha que vai acontecer?

— Não quero entrar no mérito.

— Como você acha que eu atravesso a rua quando estou na Alabaster, hein?

— Princesinha...

— Porque eu atravesso a rua quando você não está comigo, mãe. Surpresa.

Tio Paul falou:

— Deixe ela ir, Ruth. Eu deixei o Paulie Júnior ir no ano passado, quando ele tinha só doze anos, e tudo correu bem.

— Viu? — Frankie virou-se para a mãe.

— Fique fora disso, Paul — disse Ruth, rispidamente. — Não dificulte a minha vida.

— Tudo bem o Paulie Júnior ir até a cidade e eu não? O Paulie Júnior ainda enfia o dedo no nariz. Isso é muito dois pesos e duas medidas.

— Não é, não — respondeu Ruth. — O que o Paul faz com o Paulie Júnior é problema dele, e o que eu faço com você é problema meu.

— Você está me tratando como um bebê.

— Não, não estou, princesinha — Ruth disse. — Estou tratando

você como uma adolescente muito atraente, mas ainda muito novinha.

— E sem cérebro.

— Talvez sem o melhor julgamento das coisas — disse Ruth.

— Desde quando eu julgo mal as coisas?

— Desde que você resolveu caminhar quinze quarteirões até uma cidade que não conhecemos direito usando só um biquíni de lacinho.

— Ruth tinha se irritado. — Eu não devia ter deixado você ir às compras com Zada. Sério, Frankie, você está praticamente pelada. Se você fosse até a cidade e se perdesse, o que você acha que ia acontecer?

— Eu usaria o meu celular para ligar para você.

— Esse não é o meu ponto.

— Então quer dizer que se eu fosse feia, você me deixaria ir? — Frankie perguntou.

— Não começa.

— Que tal se eu desse uma passada em casa para colocar um vestido?

— Frankie.

— Se eu fosse um garoto, você me deixaria ir?

— Você quer estragar nosso último dia de viagem com uma briga? — estourou Ruth. — É isso que você quer?

— Não.

— Então pare de me responder desse jeito. Deixe isso pra lá e aproveite a praia.

— Então tá. Vou dar uma volta no calçadão. — Frankie levantou, enfiou os pés nos chinelos, pegou a bolsa onde estava a carteira e saiu caminhando pela areia.

— Volte em uma hora! — gritou Ruth. — Ligue para o meu celular se for se atrasar.

Frankie não respondeu.

Não é que ela quisesse muito aqueles cartões-postais — ou mesmo que quisesse ir à cidade tanto assim. Não é que Ruth fosse cheia de regras, também; ou que Paulie Júnior tivesse ido sozinho no ano passado.

O problema era que para eles — para o tio Ben e sua mãe, e talvez até mesmo para o tio Paul — Frankie ainda era a *princesinha*.

Não uma pessoa inteligente, com senso de direção e capacidade de usar um celular. Não uma pessoa que poderia resolver um problema.

Nem sequer uma pessoa capaz de caminhar quinze quarteirões

sozinha sem ser atropelada.

Para eles, ela era a *princesinha*.

Inocente.

Precisando de proteção.

Inofensiva.

*

Meia hora e duzentos metros calçadão adentro mais tarde, Frankie estava tremendo naquele biquíni de lacinho. Ela tinha comido metade do sorvete de chocolate antes de o céu ficar nublado. Agora a casquinha estava lhe dando calafrios, mas tinha custado quase cinco dólares e ela não era capaz de jogar fora.

Suas mãos estavam grudentas e ela se arrependia de não ter levado um moletom junto.

— Você vai comer isso?

Frankie se virou. Sentado na beirada do calçadão, com os pés balançando, estava um garoto grandão, com o cabelo cor de areia e uns dezessete anos de idade. Seus olhos pequenos e amigáveis estavam apertados por causa do vento, e seu nariz era coberto de sardas.

— Está muito frio.

— Posso comer?

Frankie o encarou.

— Sua mãe não te ensinou que mendigar é feio?

O garoto riu.

— Ela tentou. Mas pelo jeito sou um caso perdido.

— Você realmente quer um sorvete que foi lambido por uma estranha? Isso é nojento.

— É mesmo — disse o garoto, esticando o braço para pegar o sorvete. — Mas só um pouquinho. — Frankie deixou que ele o pegasse. Ele botou a língua para fora e encostou na casquinha. Então empurrou o sorvete todo para dentro, cobrindo-o com a boca. — Viu? Agora o pior já passou e ficou só a minha baba. E consegui sorvete de graça.

— ã-hã.

— Você ficaria surpresa com as coisas que as pessoas fazem quando você pede a elas.

— Eu não queria o sorvete mesmo.

— Eu sei. — O garoto sorriu. — Mas talvez você tivesse me dado mesmo que quisesse. Só porque eu pedi. Você não acha?

— É muita presunção sua. Cuidado.

— Detesto ver comida sendo desperdiçada. Estou sempre com fome.

O garoto levantou as sobancelhas e, de repente, Frankie sentiu que sua mãe tinha razão quanto ao biquíni de lacinho. Não era roupa suficiente.

Ela estava ali, vestindo basicamente sua roupa de baixo, enquanto conversava com um garoto desconhecido.

E o biquíni era ainda menor que sua roupa de baixo.

E o garoto era uma gracinha.

— Em que série você está? — ela perguntou. Para falar de alguma coisa trivial.

— Indo para o quarto ano. E você?

— Segundo.

— Você é uma criança!

— Não diga isso.

— Tudo bem. — Ele deu de ombros. — Mas pensei que você fosse mais velha.

— Bem, eu não sou.

— Onde você estuda?

— No norte de Massachusetts. — Frankie disse o que os alunos da Alabaster sempre diziam, para evitar a ostentação de admitir que estudavam em uma das mais caras e rigorosas escolas particulares do país. Do mesmo jeito que alunos de Yale inevitavelmente diziam que estudavam “em New Haven”.

— Onde? — o garoto perguntou.

— Por quê? Você conhece o norte de Massachusetts?

— Um pouco. Estudo na Landmark de Nova York.

— Ah.

— Agora é a sua vez. Onde você estuda?

— O nome da escola é Alabaster.

— Uau. — Um sorriso se formou no rosto do garoto.

— Que foi?

— Ora, todo mundo já ouviu falar da Alabaster. Exeter, Andover e Alabaster. O triunvirato das escolas preparatórias.

— Acho que sim. — Frankie corou.

— Dirigi da cidade até aqui só para passar a tarde — disse o garoto.

— Sozinho?

Ele deu de ombros.

— É. Eu tive uma briga com a unidade menstrual.

— Com quem?

— Minha mãe. A unidade menstrual, a unidade maternal, você sabe.

— Você brigou com a sua mãe, e então resolveu vir até aqui sozinho para afanar sorvete de garotas?

— Algo assim.

O celular de Frankie vibrou em sua bolsa.

— Falando em mães — ela disse, e abriu o telefone. — A minha está furiosa.

— Onde você está? — Ruth perguntou. — Estou caminhando pelo calçadão e não vejo você em lugar nenhum.

— Estou perto do quiosque de sorvete. Por quê?

— Paulie Júnior pisou numa água-viva. Estamos arrumando as coisas. Que quiosque de sorvetes? Tem pelo menos uns cinco.

— Espera aí. — Frankie não queria que sua mãe visse o garoto. Aquele garoto esperto e estranho com quem ela provavelmente não deveria estar conversando. E ela também não queria que o garoto conhecesse Ruth. — Ela está puxando a minha correia — ela disse a ele, estendendo a mão. — Tenho que ir.

A mão dele era quente e firme.

— Boa sorte na escola — ele disse. — Talvez eu te veja por aí.

— Frankie? Frankie! Com quem você está falando? — Ruth vociferava ao telefone.

— Você não vai me ver por aí — riu Frankie, começando a se afastar. — Você mora em Nova York.

— Talvez eu more, talvez não — disse o garoto. — Você disse Alabaster, não?

— Isso.

— O.k., então.

— Tenho que ir. — Frankie colocou o telefone de volta no ouvido. — Mãe, estou voltando. Chego aí em cinco minutos. Será que dá pra você relaxar?

— Até mais — o garoto gritou.

Frankie gritou de volta:

— Espero que tenha gostado do sorvete.

— Prefiro o de baunilha! — ele gritou.

E quando ela se virou para vê-lo mais uma vez, ele tinha sumido.



O PAI DE FRANKIE, FRANKLIN, queria um filho homem para batizá-lo com o mesmo nome que o seu. Entretanto, ele sabia que, uma vez que Ruth tinha quarenta e dois anos quando Frankie nasceu, provavelmente ele não chegaria a ter um. Ele decidiu que daria à garotinha o nome mais próximo possível de Frank. Então eles deram a ela o nome de Frances, e passaram a chamá-la do que ela é chamada até hoje.

O pai dela virou Sênior, um apelido que combinava com ele.

Quando Frankie tinha cinco anos, seus pais se divorciaram. Ruth achava que Sênior não dava o devido valor para suas capacidades intelectuais e seus esforços pessoais. Sênior (um ateu de família protestante) se irritava com o fato de Ruth ser judia praticante, e sentiu que a pressão de manter relações com duas meninas pequenas e uma esposa por vezes mal-humorada estava interferindo no aperfeiçoamento de suas técnicas de golfe e no avanço de sua carreira médica (que não era tão célebre quanto ele desejava). Depois da separação, Ruth levou as crianças para viver perto de sua família, em Nova Jersey, enquanto Sênior continuou em Boston, fazendo visitas mensais às crianças — e pagando todos os gastos do colégio interno.

Sênior Banks era médico especialista em problemas pulmonares. Em sua mente, porém, ele era um *Veterano* — mais preocupado com a sua rede de camaradas da Ivy League do que com as doenças de seus pacientes. Ele estudou na Alabaster (no tempo em que era exclusiva para meninos), depois foi para Harvard, assim como o pai dele tinha estudado na Alabaster e depois ido para Harvard.

“Veterano” é o mesmo que “aluno experiente”, mas na cabeça de Frankie — mesmo antes de sua explosão intelectual no segundo ano — o termo ainda era válido para o seu pai. A juventude de Sênior ainda era seu principal aspecto definidor. Seus antigos colegas da escola eram seus amigos mais próximos. Eles eram as pessoas com quem ele jogava golfe, saía para beber, e cujas casas de campo ele visitava nas férias. Eram as pessoas que Sênior recomendava para vagas de emprego, que o mandavam pacientes e o convidavam para integrar a diretoria de organizações artísticas — pessoas que o conectavam a outras pessoas. Sua carreira médica se tornara consideravelmente mais rentável na última década, desde que ele se divorciara de Ruth.

Quando Frankie ia começar o segundo ano, ela e Ruth dirigiram até Boston e buscaram Sênior para a última parte da viagem. Apesar da relativa falta de envolvimento em sua vida, o pai de Frankie não

perderia a oportunidade de dar uma volta no velho campus e relembrar seus dias de glória. Ele e Ruth mantiveram uma atmosfera de gentileza falsa e tensa enquanto o carro seguia em direção a Massachusetts.

Enquanto dirigia, Sênior ia falando sobre patinar na lagoa e ir a jogos de futebol.

— Estes serão os melhores anos da sua vida — ele declarou. — É agora que você vai fazer as amizades que vão durar para sempre. Essas pessoas vão te conseguir empregos, e você vai conseguir empregos para elas. É uma rede que trará oportunidades, princesinha. Oportunidades.

Ruth suspirou.

— Sênior, fala sério. O mercado de trabalho é mais democrático agora.

— Se está mudando — resmungou Sênior —, por que eu estou pagando pela Alabaster?

— Para que ela tenha uma boa educação?

— Não estou pagando pela educação. Isso ela poderia ter gastando dez mil dólares a menos por ano. Estou pagando pelos contatos.

A mãe de Frankie deu de ombros.

— Só estou dizendo para aliviar um pouco a pressão. Deixe a princesinha encontrar seu próprio caminho.

— Alô, mãe — disse Frankie, do banco de trás. — Eu posso responder por mim mesma.

Sênior tomou um gole do café que estava numa garrafa térmica.

— Estou sendo realista, Ruth. É assim que o mundo funciona. Você entra no clube, se dá bem no clube, e isso torna sua vida mais fácil. Depois disso é moleza conhecer as pessoas certas para fazer qualquer coisa que você quiser.

— Nepotismo.

— Não é nepotismo; é como o universo funciona. As pessoas contratam pessoas que elas conhecem, escolas admitem pessoas que elas conhecem. É natural. Frankie está criando vínculos, e as pessoas estão criando vínculos com ela.

— Pai, já faz um ano que eu estudo lá. Você está falando como se eu nunca tivesse ido à Alabaster.

— O segundo ano foi quando as coisas realmente começaram a acontecer para mim.

Frankie pensou: Pobre Sênior. Ele não tem vida. Só a lembrança de uma vida. É patético.

Então ela pensou: Eu não tenho amigos na Alabaster de quem eu goste tanto de ter por perto quanto Sênior gosta dos amigos dele do ensino médio.

Talvez *eu* seja patética.

E então ela pensou: Toda essa história de clubinho é idiota.

E então ela pensou: Eu gostaria de estudar em Harvard.

E então ela pensou aquilo que não tirava da cabeça durante toda a viagem até a Alabaster: Será que Matthew Livingston vai prestar atenção em mim este ano?



INFORMAÇÕES QUANTO À LOCALIZAÇÃO e descrição da Alabaster, os requisitos para frequentar as aulas e as atividades esportivas obrigatórias serão dadas nestas páginas apenas a título de curiosidade. Não possui a menor relevância para a compreensão da Leal Ordem dos Bassês, da Sociedade de Libertação dos Peixes ou qualquer outra organização espúria que cometeu os assim chamados “crimes” na Alabaster o fato de que Frankie Landau-Banks cursou dança moderna e jogou *ultimate frisbee*, muito embora ela o tenha feito. Não importa que ela tenha escolhido o latim como disciplina eletiva porque seu pai achou que ela deveria cursá-la. E não é da conta de ninguém a decoração de seu quarto no alojamento.

É crucial, todavia, compreender o seguinte: Frankie Landau-Banks era — e ainda é — uma garota comum, em muitos sentidos. Ela gostava de roupas e ficou feliz de ter crescido o suficiente durante o verão para precisar renovar todo o seu guarda-roupa. Ela comprava exemplares da revista *In Touch* na loja de conveniência e sabia de cor curiosidades idiotas sobre celebridades. Ela ria de maneira abobalhada quando se divertia ou ficava com vergonha. Ela se sentia estranha na presença de quem era popular, e não conseguia se decidir se era bonita ou horrorosa, porque não raro ela se sentia dos dois jeitos no intervalo de uma hora. No começo do segundo ano ela sentia saudades da irmã, estava preocupada com as aulas de geometria e evitava o Porter (membro antigo do Clube de Espionagem e jogador de lacrosse com quem ela tinha namorado por sete meses no ano anterior) para se dedicar a correr atrás de rapazes que eram mais velhos que ela e nem sabiam de sua existência.

A saber, Matthew Livingston.

Outras informações sobre a Alabaster que têm real importância para este relato:

1. A colega de quarto de Frankie, Trish, era uma loira sardenta com cara de cavalo que tinha passado metade do verão praticando esportes ao ar livre numa Outward Bound e a outra metade em Nantucket, trabalhando como ajudante num estábulo. Ela era uma dessas pessoas que são amigas de todo mundo, apesar de não ser especialmente próxima de ninguém além de seu namorado, Artie. Trish se interessava por psicologia, debates e assar bolos. Ela jogava lacrosse e hóquei sobre a grama, e parecia destinada a ter uma casa em Kennebunkport. Ela parecia ter mais dentes do que cabiam na boca, apesar de todos serem retos e brancos.

2. Artie, o namorado de Trish, era membro do Clube de Tecnologia Audiovisual (CTA), o que significava que ele levava consigo as chaves de um bom número de prédios do campus.

3. Alabaster estava completamente conectada — todos os dormitórios tinham redes sem fio. Cada aluno tinha um laptop (inclusive nos custos da matrícula) e um e-mail institucional.

4. O campus da Alabaster — assim como o de qualquer outra escola preparatória que encaminha seus alunos para a Ivy League — tem muitos, muitos prédios, a maioria dos quais não possui qualquer interesse. Todavia, estes são dignos de nota:

a. um teatro velho, praticamente abandonado, eclipsado por

b. um complexo esportivo novinho em folha;

c. um museu da Casa do Fundador;

d. uma capela com vitrais enormes reproduzindo a crucificação de Jesus Cristo, diversas imagens da Virgem Maria e vários santos, onde ocorria uma assembleia matinal obrigatória no início de cada semana;

e. um ginásio antigo (agora desocupado e lacrado enquanto espera ser reformado)

f. um ginásio novo, com uma parede de escalada de primeiríssimo nível; e

g. a biblioteca Hazelton, joia arquitetônica do campus, cujo topo exibía um domo enorme e brilhante.

5. No prédio principal, assim como em vários outros lugares importantes, pomposas pinturas a óleo de antigos diretores, professores distintos, figuras literárias e presidentes do Conselho Administrativo estavam penduradas nas paredes, com uma grandeza imponente mas levemente ridícula. Todos os retratados eram homens.

6. E por fim: muitos dos prédios, levantados no final do século XIX, eram ligados por túneis construídos para a manutenção dos canos de calefação que passavam por baixo da terra. Esses túneis estavam trancados, e o acesso dos estudantes a eles era expressamente proibido pela administração. Mas não teríamos uma história aqui se não existisse uma maneira de entrar.

O CONGLOMERADO DE CLUBES NERDS

EIS UMA HISTÓRIA SOBRE Frankie Landau-Banks:

No começo do primeiro ano, o Clube de Xadrez, o Clube de Espionagem, a Olimpíada de Ciências, o Clube de Horticultura, os jogadores de RPG, a Copa de Geografia e mais alguns outros se agruparam, por causa da quantidade relativamente pequena de membros em cada um deles.

Eles chamaram a si mesmos de Conglomerado de Clubes Nerds, juntaram dinheiro e decidiram dar uma festa. A festa era, em parte, uma tentativa de arrebanhar mais membros — para aumentar a frequência esparsa de alunos na maioria dessas atividades extracurriculares —, mas era principalmente um evento social. Haveria um DJ, salgadinhos de milho, creme de cebola para mergulhar os salgadinhos de milho, refrigerante quente e, talvez, um globo de discoteca.

Um convite ligeiramente tardio para participar do Conglomerado foi feito ao Clube de Debates, do qual Frankie já fazia parte e, naturalmente, os membros do Clube de Debates estavam debatendo se deveriam ou não aceitá-lo. Eles não se consideravam nerds e, na verdade, nem eram vistos como nerds de maneira geral. Debatedores tinham um status similar ao daqueles que participavam do grêmio estudantil — se você fosse mesmo popular, não se daria ao trabalho de participar; mas participar do Clube de Debates não conferia alienação social imediata.

Tendo a festa em vista, alguns membros argumentaram que debater era, de fato, coisa de nerd. Eles deveriam aceitar o fator nerd presente na atividade que haviam escolhido. Se você chamasse de “contenda” em vez de “debate”, certamente pareceria nerd. De qualquer forma, a única maneira de criar uma armadura contra as acusações de ser nerd seria reinventar o termo, de modo que *nerd* e *chique* significassem a mesma coisa, como sem dúvida significavam em algumas partes do Vale do Silício. “Temos de transformar o nerd sem graça num nerd chique”, um proponente chegou a argumentar pra valer, enquanto outro observou que combater a acusação autoproclamando-se “não nerd” era a coisa mais nerd que se poderia fazer. Em seguida ele explicou que estava usando o termo “nerd” no sentido pejorativo apenas na última parte da frase, como ele esperava (mas não ousava supor) que seus colegas de clube tivessem entendido.

Os dissidentes argumentaram que colocar em risco a precária imagem bacana que o Clube de Debates tinha poderia arruinar a posição social de vários de seus membros. Aliar-se aos membros da Copa de Geografia, que eram notórios tiradores de melega do nariz e

peidorreiros, poderia levar a um rebaixamento do moral coletivo dos membros da equipe de debates, possivelmente fazendo com que aqueles gozando de uma melhor posição social viessem a abandonar a equipe para evitar sua associação ao Conglomerado. Com vários de seus líderes batendo em retirada, os dissidentes argumentaram, a equipe de debates sofreria as consequências: perderia as competições que costumava ganhar, cairia de posição no ranking, e seus membros não conseguiriam entrar nas melhores faculdades. A coisa toda iria por água abaixo.

Frankie, que era então apenas uma novata na equipe, falou e encerrou a discussão.

— Estamos esquecendo dois pontos-chave — ela disse, depois de fazer um gesto pedindo a palavra.

— E quais são? — perguntou Zada, que estava, como presidente do clube, agindo como moderadora.

— Primeiro — disse Frankie —, se nosso objetivo aqui é manter ou aumentar a posição social do Clube de Debates, temos que pensar em nós mesmos como políticos.

— E?

— Depois que formarem um conglomerado, um monte de nerds desprezados podem causar um estrago brutal. Seria inteligente de nossa parte não irritá-los se temos qualquer pretensão de dominação social.

Houve um momento de silêncio.

— Nós não devemos irritá-los — explicou Frankie — porque quem sabe o que eles vão fazer, agora que se uniram?

Mais silêncio. Então Zada disse:

— Bom ponto. Qual é o segundo?

— Vai haver uma festa. Um monte de gente que conhecemos vai. E estamos convidados.

— E daí?

— Bem. Nós queremos ir? Eu, particularmente, gostaria de ir à festa.

Houve uma rápida votação e, quando ela chegou ao fim, os debatedores da Alabaster haviam se juntado formalmente ao Conglomerado de Clubes dos Nerds.

A saída daquela sala foi o momento mais feliz de Frankie Landau-Banks em seu primeiro ano.

Na festa, Frankie conheceu Porter Welsch, do Clube de Espionagem, e dançou com ele. Os membros do Clube de Espionagem

tinham a pretensão de dominar maravilhas tecnológicas como equipamentos de vigilância, identificação de digitais e detectores de metal, mas na realidade eles não tinham nada além de um par de binóculos e uma câmera muito pequena, e passavam a maior parte do tempo lendo e discutindo a obra de John le Carré e Frederick Forsyth. De qualquer maneira, eles eram apenas quatro.

Porter já tinha, aos quinze anos de idade, um metro e noventa de altura. Seu cabelo era preto e cheio, e sua corpulência era incomum até mesmo para rapazes extremamente altos de sua idade. Ele não era um grande dançarino, mas sabia disso, e as caras que fazia enquanto dançava davam a ele uma expressão permanentemente assustada — como se, de tempos em tempos, ele ficasse surpreso de se ver dançando. Com uma garota, ainda por cima.

Frankie já sabia quem Porter era, é claro.

O pai dele era presidente de uma companhia de energia extremamente lucrativa, ainda que aparecesse frequentemente no *The New York Times* devido a práticas comerciais controversas. (As pessoas na Alabaster sabem esse tipo de coisa sobre as famílias umas das outras.) Vários anos atrás houvera um processo judicial que terminou com um júri empatado, e algumas outras ações ainda estavam correndo na justiça — mas o sr. Welsch seguia como um próspero, senão notório, CEO. Porter era o mais novo de três irmãos, e todos frequentaram a Alabaster; sua irmã, Jeannie, estava dois anos à frente.

Porter perguntou se Frankie queria estudar álgebra com ele na biblioteca na tarde seguinte, e ela disse que sim. Eles riram enquanto faziam o dever de casa (coisa de nono ano). Ambos gostavam de ler e de Mentos sabor morango. Antes que Frankie percebesse, Porter já estava levando-a de volta até o dormitório e eles se beijaram debaixo da luz de um poste.

Ela gostava dele. Ele era grande. Ele parecia mais com um homem do que os outros garotos da sua idade. Ela gostava da bagunça do dormitório dele, repleto de pilhas de brochuras. Ela também gostava de assistir às partidas no campo de lacrosse, onde ele era uma estrela. Ela mal conseguia acreditar que ele gostava *dela*, já que àquela altura ela parecia uma criança desajeitada, que não conseguia controlar direito os braços e as pernas grandes demais, com um queixo acentuado e cachos indomáveis; mas Porter disse que a achava engraçada e que seus olhos eram bonitos.

Foi legal ter um namorado. E muito embora eles não tenham se “apaixonado” nem jamais falado de amor, Frankie e Porter saíram por muitos meses. Ela ia aos jogos de lacrosse dele. Ele assistia aos debates dela. Eles trocavam e-mails adoráveis e sempre passavam as noites de sábado juntos. Ela conheceu a família dele quando eles vieram no Dia

de Visita dos Pais (e na verdade ficou surpresa ao ver o pai dele, todo jovial, com um começo de calvície, já que Porter tinha falado dele com tanta repulsa). Eles ficavam de mãos dadas no cinema e sentavam juntos no refeitório. E foram o casal mais duradouro do primeiro ano.

Até a metade de maio.

No dia 19 de maio, Frankie flagrou Porter ficando com Bess Montgomery, uma garota do terceiro ano com o rosto em formato de coração e uma queda por garotos altos.

Frankie chorou.

Porter inventou desculpas.

Frankie disse que não queria falar com ele nunca mais.

Ela achou que ele iria bater em sua porta, implorando perdão, mas ele nunca fez isso.

MATTHEW



NO SEGUNDO DIA DE AULA do segundo ano, antes de as aulas começarem, Frankie notou a presença de Matthew do outro lado da quadra.

Ele estava no último ano. Tinha uma covinha no queixo, sempre um sorriso no rosto, cabelos negros rebeldes e óculos de armação escura que contrastavam com seus ombros muito, muito largos. Matthew era um Livingston, o que queria dizer que seu pai era dono de jornais em Boston, Filadélfia e Burlington. Sua mãe era uma socialite badalada que arrecadava doações para a Fundação contra o Diabetes Juvenil, além de algumas outras causas nobres dos liberais. Originalmente, a família dele era de Jamestown — mas você jamais imaginaria uma coisa dessas só de olhar para suas roupas. Assim como outros alunos da Alabaster, Matthew não ostentava riqueza no modo de se vestir. Calça de sarja surrada, uma camiseta vermelha fininha com uma mancha na barriga, tênis antigos e a mesma mochila que Frankie sabia que ele havia usado no ano anterior. Ele era o editor do jornal da escola e peso pesado da equipe de remo, no comando estratégico da meia nau. Mas ele era conhecido sobretudo por organizar festas de madrugada e roubar carrinhos de golfe.

Quando Frankie viu Matthew em seu segundo ano, ela estava indo de bicicleta até o ginásio novo para encontrar sua colega de quarto, Trish, e nadar. Ela o viu caminhando e ficou tão concentrada na maneira como seus quadris dançavam por baixo da cintura de suas calças cáqui arruinadas que — bobinha — perdeu o controle da bicicleta, subiu na grama e caiu.

Ai! A perna dela ficou arranhada e ela pagou um mico. Frankie ficou se sentindo uma idiota — até que Matthew Livingston (Matthew Livingston!) veio correndo em sua direção para ajudá-la.

Então ela se sentiu um gênio. E desejou que seu cabelo não estivesse todo armado por causa do calor de setembro. Porque ele estava ali, em pé ao lado dela, parecendo preocupado. Matthew Livingston!

— Você está bem? — Matthew puxou a bicicleta de cima dela e a arremessou de lado como se não pesasse nada.

Frankie olhou para a perna. Estava sangrando perto do tornozelo. Ela ficou aliviada quando algo razoavelmente inteligente saiu de sua boca:

— Eles dizem “é como andar de bicicleta” — ela tentou ser

espiritosa —, mas parece que não é.

Matthew sorriu.

— Você comprou pernas novas para o novo ano letivo?

— É isso — respondeu Frankie. — Elas ainda não estão funcionando direito. — Foi surpreendentemente fácil falar com ele. No ano passado ela tinha sido incapaz de dizer duas palavras sequer quando ele estava por perto. — E olha só — Frankie disse, fazendo beicinho —, agora elas estão todas sujas.

Ele estendeu a mão e a ajudou a se levantar.

— Você é caloura aqui, não? Eu sou Matthew Livingston.

— Não. — Seu rosto não demonstrou, mas por dentro ela era só desânimo. Ele não se lembrava dela.

— Como assim? — Matthew perguntou.

— Estou no segundo ano. Já estava aqui no ano passado.

— Sério?

— Eu sou a Frankie, irmã caçula da Zada Landau-Banks.

— Eu não sabia que a Zada tinha uma irmã.

Na verdade, Zada tinha apresentado Frankie a Matthew mais de uma vez. Frankie já tinha até sentado para jantar com Matthew (e muitos outros) no refeitório. Duas vezes. Em uma delas, para ilustrar um ponto, ele juntou as espigas de milho de todos na mesa e começou a construir uma maquete do Partenon usando bandejas de plástico, as espigas e pequenos copos de suco, para então abandonar o projeto quando já tinha feito mais da metade, dizendo: “Ah, isso é nojento demais, vou ter que perder a discussão”.

Na outra vez, no final da primavera, ele e seu amigo Dean falaram sobre atravessar o país dirigindo com alguém chamado Alfa. Eles estavam planejando uma viagem de Boston a San Francisco, parando em restaurantes engordurados de beira de estrada enquanto atravessavam o país.

— Nós vamos em busca da fatia de torta de maçã perfeita — explicou Matthew.

— Ou de cereja — acrescentou Dean.

— Ou de cereja. Ou de merengue de limão. Alguma torta realmente incrível, é o que quero dizer. A ideia é voltar pra escola no ano que vem pelo menos cinco quilos mais gordos do que estamos agora.

— E nós vamos filmar, também — disse Dean. — Tipo um documentário sobre a gente viajando pelo país comendo torta.

— Isso se nós sobrevivermos.

— Sim, o Alfa dirige que nem um louco. Nós contamos que ele está tentando organizar um racha naquela escola em que ele estuda?

— Quem é Alfa? — Frankie perguntou.

Zada sacudiu a cabeça como se dissesse “fica quieta, eu te explico depois”, e perguntou:

— Por que ele quer fazer um racha?

— Ele andou assistindo *Juventude transviada*. Você sabe como ele é, ele gosta de criar confusão. Enfim, esses caras de Nova York vieram com um papo tipo “o quê, você vai correr contra a gente nesse Volvo?”, porque ele tem um Volvo usado que a mãe deu pra ele, e o Alfa falou tipo “sim, vou correr contra vocês nesse Volvo!”, e daí os caras viram ele dirigindo e ficaram apavorados, porque o Alfa naquele Volvo é que nem qualquer um de nós num maldito carro de corrida.

Zada revirou os olhos.

— Mas que babaca.

Dean riu.

— Ele não vai tirar um racha com os caras pra valer. Você conhece o Alfa, ele fica só na lábia.

— Mas ainda assim dirige feito um louco — disse Matthew. — Então vamos voltar ou cheinhos ou mortos, mas de qualquer forma haverá mudanças no ano que vem.

— E teremos feito um filme! — acrescentou Dean. — Não importa o que aconteça.

— Vocês são malucos — Zada tinha se levantado, rindo, para levar sua bandeja de volta. Frankie foi atrás.

— E é por isso que você ama a gente! — Matthew gritou para ela.

— Talvez sim, talvez não — Zada respondeu por cima do ombro.

— Pra onde a Zada foi? — Matthew agora perguntava a Frankie, enquanto ela levantava a bicicleta.

— Berkeley. Partiu o coração do meu pai por não ter ido para Harvard.

— Ela foi aceita em Harvard? — Matthew pareceu impressionado. Frankie adorava as ruguinhas que apareciam em seus olhos. — Quem não escolheria Harvard?

Frankie deu de ombros.

— Ela não é muito ligada nessas coisas. Ela queria ir para algum lugar mais tranquilo, e mais longe de casa. Ele é severo, o meu pai.

Matthew concordou balançando a cabeça.

— Então, você quer que eu lhe mostre o campus?

— Eu já disse que eu não sou nova aqui. Você só não está lembrando de mim do ano passado. — Ela estava se sentindo levemente ferida.

— Eu sei que você não é nova.

— Ah.

— Mas...

— Mas o quê?

— Você quer que eu lhe mostre o campus mesmo assim?

Ele estava flertando com ela.

Matthew Livingston, de quem Frankie tinha gostado desde aquele Partenon de espigas ridículo, mesmo quando ela estava saindo com Porter; Matthew, que fazia seu coração disparar sempre que o via; Matthew, com aqueles ombros largos e aquelas maçãs do rosto de escultura de gelo, debaixo da armação escura dos óculos... Ele estava flertando com ela.

— Me ajude, me ajude. Estou sangrando e não consigo encontrar o ginásio novo! — ela gemeu, dobrando o pulso de forma dramática sobre a testa.

— Agora sim — disse Matthew, e depois a acompanhou até onde ela tinha que ir, inventando mentiras sobre todos os prédios que encontraram pelo caminho.

ALFA



O NOME REAL DO ALFA ERA Alessandro Tesorieri, mas ninguém mais o chamava assim. Em apenas dois dias como calouro (agora ele estava no último ano), seu status de macho alfa já era tão evidente que alguém fez uma piada sobre isso — e desde então ele tem sido o Alfa.

A mãe do Alfa nunca foi casada com o pai dele. Quando Alessandro tinha apenas um ano, sua mãe, Elena, então solteira, conheceu um magnata simpático do ramo das joalherias e resolveu deixar que ele a sustentasse por alguns anos — embora eles nunca tenham morado juntos. O menino cresceu em meio ao luxo. As melhores escolas, uma cobertura na Quinta Avenida, uma casa no campo. O casal ficou junto por mais de uma década, até o verão após o segundo ano do Alfa na Alabaster — quando o magnata deixou Elena por uma mulher mais nova. Ele deixou a mãe do Alfa ficar com a cobertura que havia comprado para ela, com seu custo de manutenção mensal altíssimo, e desapareceu de suas vidas.

Sem pagar as mensalidades da escola do ano que começava.

Assim, Alfa cursou seu terceiro ano numa escola pública de Nova York, adquirindo, portanto, status de lenda na Alabaster. Mas apesar dos rumores sobre seus triunfos nos rachas, nas brigas de galo e no pebolim, o garoto estava arrasado. Sem comunicar Elena, ele mandou uma carta ao diretor Richmond no começo da primavera, explicando a situação (a cobertura ainda não tinha sido vendida e o trabalho amador de Elena como designer de interiores não rendia muita coisa), e pedindo para retornar e cursar o último ano — com uma bolsa de estudos.

Ele foi recebido como um herói. Matthew contou a Frankie a história completa do Alfa naquele dia em que a acompanhou até a piscina. E ainda que ela não tivesse dito nada — ela percebeu que Matthew queria divagar sobre o amigo sem ser questionado —, Frankie achou que soava mais como um retorno com o rabo entre as pernas do que uma conquista.

Um macho alfa ainda é um macho alfa quando se afasta de seu bando?, ela ficou pensando. Em um novo bando, ele seria capaz de galgar posições até virar macho alfa? Ou se tornaria o desprezado, o excluído, o estranho de quem ninguém gosta? E, se ele realmente tivesse se tornado o macho alfa em seu novo bando, como todo mundo achava que Tesorieri tinha feito, ele iria mesmo querer voltar para o bando antigo?

— Por que ele voltou? — Frankie perguntou a Matthew.

Eles estavam parados do lado de fora do ginásio novo, olhando pelas janelas de acrílico para a parede de escalada que ia do chão até o teto. Frankie já estava atrasada para a natação àquela altura. Ela sabia que Trish provavelmente já estaria batendo perna com a pranchinha de um lado para o outro sem ela. Mas ela também sabia que Trish a perdoaria, já que seu furo envolvia Matthew Livingston.

— Ele não conseguia viver sem mim — Matthew brincou.

— Mas se ele tinha tanta liberdade, como você disse, organizando rinhas no Lower East Side e tudo mais... Não parece ser o tipo de cara que v  querer voltar para o colégio interno, onde, tipo, cada segundo do nosso dia é planejado, e alguém sempre está supervisionando tudo que fazemos.

— Para um cara como o Alfa, as regras existem para serem quebradas. Ele gosta de um desafio — disse Matthew, olhando para Frankie, e não para os escaladores. — Eu acho que o Alfa e seu Volvo e seu galo de estimação já tinham rodado a cidade toda. Ele teve de voltar para cá para ter alguma coisa de fato para fazer.

Frankie sacudiu a cabeça.

— Ele voltou porque estudar na Alabaster vai garantir que ele consiga entrar numa boa faculdade, n ?

— Provavelmente — Matthew admitiu. — Opa, e por falar no diabo...

— O quê?

— Ele está logo ali. — Matthew bateu com o punho fechado na janela de acrílico. — Alfa!

— Ele está na parede de escalada?

— Ele está na maldita parede. Ele apareceu do nada. Juro que ele não estava ali quando nós olhamos antes, estava?

Frankie deu de ombros, entrou no ginásio novo com Matthew e desceu vários lances de escada até a base da parede. Dean estava segurando Alfa por uma corda enquanto ele descia. Matthew e Frankie ficaram olhando.

Frankie havia imaginado Alfa Tesorieri como um *bad boy* italiano, com uma barba rala e uma jaqueta de couro preta, pilotando uma moto.

Mas ele não era assim.

Ele era... aquele cara da praia.

Aquele que tinha afanado o sorvete dela.

Aquele que tinha dito: “Pelo jeito eu sou um caso perdido”.

Aquele que tinha dito: “Estou sempre com fome”.

Com uma estatura média, cabelos cor de areia, peito largo e cara de bebê, Alfa não estava olhando para Frankie.

— Arggggh! — ele gritou quando pisou no chão. — Essa parede me chutou daqui até Tuscaloosa. Estou declarando guerra a essa parede, Dean. Você está me ouvindo? Essa parede vai se ferrar até o fim do semestre.

— Você está fora de forma, mano — disse Dean, abafando o riso.

— Era como se eu estivesse carregando cada torta de coco desgraçada que eu comi nesse verão lá em cima dessa parede maldita. — Alfa se atirou escandalosamente de cara nos colchões empilhados no chão. — Vou ficar aqui deitado e ter uma conversa íntima com o cheiro de chulé — ele anunciou. — É tudo que eu consigo fazer a essa altura.

— Mano, o Livingston está aqui com uma garota.

Alfa deu um pulo.

— Livingston! — ele gritou, correndo na direção de Matthew. — Deixa eu enxugar meu suor em você num gesto de amor fraterno! — Ele esfregou a cara rosada na camiseta de Matthew. — Como foi em Vineyard?

— Ovelhas por toda a parte, mano — disse Matthew. — Ovelhas a perder de vista. E quando acabavam as ovelhas, bois.

— Eu adoro bois! — Alfa olhou Frankie nos olhos rapidamente, depois voltou a desviá-los. Será que ele a tinha reconhecido?

— Você adora bois? — Matthew deu um sorriso sacana.

— Não, sério, eles são tão viris. Você não adoraria ser um boi? — perguntou Alfa.

— Não, muito obrigado, não adoraria — disse Matthew.

— Quem é você? — Alfa se virou para Frankie. — Me chame de Alfa.

— Esta é a Frankie — Matthew disse.

Então ele não a tinha reconhecido. Frankie estendeu a mão e Alfa a apertou. Estava molhada de suor, mas ela lembrava como era seu toque.

— Desculpe pelo suor. Agora que esfreguei meu suor em você, estamos ligados para o resto da vida. Você sabia disso?

Ela riu.

— Sério. Só faço isso com as pessoas que eu gosto. Você me viu fazendo com o Livingston, né? É como se fôssemos irmãos de sangue.

Matthew chutou Alfa de mentirinha.

— Não fale assim com ela, ela nunca mais vai querer andar com a gente.

— Ah, então você está com o Livingston agora? — Alfa perguntou.

— Nós acabamos de nos conhecer, mano — riu Matthew. — Corta essa.

— Mas ele é o mais bonito entre nós, você não acha? — Alfa disse, secando a testa. — Ele é tipo um Adônis, ou algo assim.

Isso Frankie não podia negar, mas em vez disso disse:

— Acho que conheci você na praia umas semanas atrás.

Alfa apertou os olhos, da mesma maneira que tinha feito na tarde em que se encontraram pela primeira vez.

— Sou de Nova York. Não tem praia lá, a menos que você esteja falando de Coney Island. Mas, ei, qualquer garota do Livingston é minha amiga. A propósito, Dean, esta é a Frankie.

Dean se aproximou.

— Oi, Frankie.

— Ela é a irmã caçula da Zada — explicou Matthew. — Vocês se lembram da Zada?

— Você é caloura? — Dean perguntou.

— Segundo ano — Frankie respondeu.

— Que engraçado — Dean disse. — Eu jurava que nunca tinha visto você na vida. Eu teria lembrado de você. É claro que teria.

Quando Matthew não a reconheceu, Frankie ficou levemente satisfeita por ter mudado de forma tão radical que ele nem sequer sabia que ela era aquela garota; quando Alfa não a reconheceu, ela se sentiu pequena. Era só mais uma garota com quem ele tinha conversado na praia, e depois esquecido. Mas quando Dean não a reconheceu, ela ficou zangada.

— Eu almocei com você mais de uma vez — ela disse, olhando fixamente para ele. — Porque eu costumava sentar com a minha irmã. Um dia nós conversamos sobre Piratas do Caribe.

— O brinquedo da Disney ou o filme?

— O brinquedo. A versão antiga versus a versão atualizada.

— Não me lembro.

— Eu falei pra você que tinha Miceys e sombras do Pluto escondidos na versão antiga. E que Zada e eu tínhamos visto isso na internet antes de ir.

Dean balançou sua cabeça.

— A pedra gigante que parece com o Pateta?

Ele deu de ombros, e Frankie ficou pensando como é que ele podia ter esquecido uma conversa como aquela.

— Ele é um babaca por não lembrar — disse Matthew, como se ele mesmo não tivesse feito algo bem parecido.

— Diga que você é um babaca, Dean.

— Ah, eu sou um babaca. Pode perguntar pra qualquer um por aí.

— Alfa — Frankie disse, virando-se —, o Dean é um babaca?

— Claro, Frankie-em-quem-suei. Mas ele também não tem mais memória de curto prazo. Ele obliterou metade dos neurônios com aquela engenhoca que tem no quarto.

Dean concordou com a cabeça.

— É verdade. Minha função cognitiva está claramente comprometida.

— Exceto pela média A. — Matthew deu um soco no braço de Dean.

— Exceto nada — respondeu Dean. — É tudo fumaça e espelhos. Não prestem atenção no homem atrás da cortina.

Frankie não conseguiu ficar zangada, apesar de estar certa de que Dean estava mentindo sobre não se lembrar dela. Como é que ela poderia ficar zangada com eles? Eles eram tão completamente indignos. Magnificamente bobos. Dispostos a tirar sarro de si mesmos na primeira oportunidade, a se humilharem, admitir fragilidades. Dean fez pouco de si mesmo e agiu quase como se estivesse envergonhado de sua média A. Alfa não ficou envergonhado por quase não ter conseguido fazer nem mesmo o trajeto fácil da parede de escalada; ele suava nas pessoas e tirava sarro de sua forma física. E Matthew... Bem, ela simplesmente não conseguia ficar zangada com ele.

Aqueles caras estavam tão seguros do seu lugar no mundo — profundamente confiantes nos seus méritos e no seu futuro — que não precisavam usar qualquer tipo de máscara.

AS GAROTAS



— ERA O MESMO CARA DA PRAIA, eu juro pela vida da minha mãe — encerrou Frankie, enquanto ela e Trish atravessavam a piscina segurando as pranchas e batendo as pernas.

Trish, vocês lembram, era a colega de quarto.

— Não acredito! — ela disse, ofegante pelas pernadas.

— Era ele — disse Frankie.

— Aquele que pegou seu sorvete? Cujo nome você nunca soube?

— Sim.

— E vocês caíram nos braços um do outro?

— Ele não me reconheceu.

— Sem essa.

— Nenhum deles me reconheceu, Trish.

— Você está de brincadeira.

— Nem Dean, nem Matthew, e nem esse Alfa. É como se eu fosse invisível.

— Como se você *tivesse sido* invisível — corrigiu Trish. — E agora não é mais.

— Só porque os meus peitos cresceram? Não pode ser; eles devem olhar para o rosto das meninas de vez em quando. Senão, como é que iam reconhecer as pessoas?

Trish riu.

— Aposto que se todas nós começássemos a usar ou enchimento ou sutiãs redutores, os garotos dessa escola ficariam totalmente confusos e seriam incapazes de identificar pelo menos metade da população feminina. Você nunca reparou como eles estão sempre olhando para os nossos peitos?

— Não.

— Bem, sem querer ofender, mas você não tinha muito peito no ano passado. Mas é isso que eles fazem. Eles falam olhando direto para as Garotas. Se é que você me entende.

— Não pode ser só pelas Garotas.

— Sim, pode.

— Fala sério.

Trish deu um impulso para sair da piscina.

— O.k., você tem razão. Matthew não lembrou de você porque ele

é o figurão do campus. Ele só se preocupa com as pessoas que pertencem ao mundinho dele, e ignora todos os demais, mesmo quando estão debaixo do seu nariz. A menos que ele veja uma garota que o atraia.

— Ah, eu não acho que ele seja assim.

— Que seja. Quanto ao Dean, entretanto, você está certa. Eu acho que ele está mentindo, porque esse Dean está sempre tentando parecer importante. Ele age como se não lembrasse de você porque isso faz ele se sentir grande... dá a ele a vantagem numa conversa.

— Mas pra que ele precisaria disso?

— Porque o Matthew obviamente gosta de você. E o Dean se sente ameaçado por qualquer coisa que possa afastar o Matthew dele.

— Que bom que sua mãe é psiquiatra.

Trish torceu seu cabelo molhado.

— É bom mesmo. Mas continuando, o terceiro... Não tem nenhuma chance desse Alfa não ter reconhecido você. Só faz duas semanas que vocês flertaram na praia.

— Eu até mencionei como foi que nos encontramos, mas ele desconversou. Como se não fosse ele. — Frankie agora também estava fora da água. Ela enxugava as pernas com uma toalha.

— Por que ele faria uma coisa dessas?

— Não sei.

— Mas o cara da praia sabia que você estudava na Alabaster, né? Então, se ele é o mesmo cara, ele sabe que você é a mesma garota.

— Pois é. — Elas foram até a sauna e se deitaram, sentindo o cheiro da madeira quente.

— Você está chateada? — perguntou Trish. — Você gosta dele?

— Eu acho... — Frankie ficou pensando. — Talvez... Mas eu estava com Matthew Livingston.

Trish levantou e ajeitou a toalha.

— É por isso que esse Alfa fingiu que não lembrava de você — ela disse, enquanto se alongava.

— Por quê?

— Porque você estava com o Matthew.

— E daí?

— E daí que o Matthew estava falando com as Garotas, e quando Matthew fala com as Garotas, todos os concorrentes se afastam.

— Que nojo.

— Só estou dizendo.

— Que o Alfa se afastou em consideração ao Matthew?

— Matthew... Bem, vamos colocar assim — disse Trish. — Se eu não estivesse com o Artie, eu não diria não para o Matthew. Não tem uma garota na Alabaster que diria não. Ele é Matthew Livingston. Então, ainda que esse Alfa tivesse chegado primeiro, ele se afastou quando viu que Matthew tinha pegado você.

— Você está me fazendo parecer um pedaço de carne.

— Não, é claro que você não é. Eu queria estar no seu lugar.

— Como assim?

— Seria divertido ter uns rapazes brigando por mim. Eu nem fiz dezesseis anos ainda e já estou, tipo, casada.

— Não dá nem pra saber se ele gosta mesmo de mim — disse Frankie.

— Qual deles?

— Qualquer um. Matthew.

— Eu não acho que o Alfa tenha puxado conversa com você por causa do sorvete.

Frankie se alongou.

— Talvez ele não seja tão alfa assim, se recuou desse jeito.

— É o que eu estou dizendo — disse Trish.



FRANKIE VIU MATTHEW NO REFEITÓRIO várias vezes na semana seguinte, sentado em uma mesa cheia de alunos do último ano; mas era impossível para uma aluna do segundo ano ir até uma mesa dessas só para dar um oi na frente de todo mundo. Uma vez ele passou correndo por ela no pátio, vestindo seu uniforme de futebol com um par de chuteiras pendurado numa das mãos. “Atrasado!” ele explicou, abrindo um sorriso, olhando por cima do ombro e saltitando na direção do campo.

Ah, e ele tinha pernas lindas.

Será que ele não estava interessado, no fim das contas? Frankie ficou pensando enquanto via ele se afastar. Será que ela era nova demais para ele?

Será que ele tinha deixado de gostar dela quando ela falou sobre o brinquedo dos Piratas do Caribe com o Dean?

Ela passou a semana inteira tentando não pensar nele, estudando de verdade para as aulas. No fim de semana ela foi à cidade com Trish e Artie, e eles jogaram uma partida de *ultimate frisbee*.

No começo da segunda semana de aula, entretanto, Frankie trocou o latim por uma eletiva chamada cidades, arte e protesto, que parecia mais divertida. A aula era ministrada por uma professora chamada srta. Jensson. Ela era nova na Alabaster e usava cardigãs de lã bordados e saias esquisitas. Ela tinha feito mestrado em história da arte na Universidade Columbia, e disse para todo mundo que tinha vindo a Alabaster para fugir de Nova York — mas estava gastando um tempo discutindo isso em aula. Que ironia.

Foi a primeira vez que Frankie pegou uma matéria que não podia ser descrita em uma única palavra: francês, biologia, latim, história. A srta. Jensson falava sobre as diversas concepções de cidade, e como cidades que se desenvolvem organicamente se diferenciam de cidades menores e mais planejadas, como o próprio campus da Alabaster. Os alunos liam sobre crítica arquitetônica, a história de Paris, e estudavam o pan-óptico — um tipo de prisão projetada por Jeremy Bentham, um filósofo do final do século XVIII/ começo do século XIX, que nunca chegou a ser construída.

A arquitetura do pan-óptico de Bentham foi planejada para permitir que um vigia observasse todos os prisioneiros sem que eles soubessem se estavam ou não sendo vigiados — o que dava a eles a sensação de serem constantemente observados por um ser onisciente.

Em outras palavras, todo mundo no pan-óptico sabia que poderia estar sendo observado a qualquer momento; então, no fim das contas, só o mínimo de vigilância era necessário. O pan-óptico criaria um senso de paranoia tão profundo que seus habitantes se tornariam praticamente autônomos.

Então, a srta. Jensson fez os alunos lerem um trecho de um livro chamado *Vigiar e punir*, em que Michel Foucault usa a ideia do pan-óptico como uma metáfora para a sociedade ocidental e sua ênfase na regulamentação e observação. Ele quis dizer que vivemos nossas vidas em lugares que funcionam como o pan-óptico. Escolas. Hospitais. Fábricas. Escritórios. Até as ruas da cidade.

Alguém está observando você.

Ou alguém *provavelmente* está observando você.

Ou você *se sente* como se alguém estivesse observando você.

Então você segue as regras, quer alguém esteja observando você ou não.

Você começa a pensar que quem quer que seja que esteja observando você é superior. Que o observador sabe coisas sobre você que você nunca disse a ninguém.

Mesmo se o observador for uma pessoa idiota, como o diretor de um colégio interno.

Ou um estudante de dezoito anos.

Ou uma garota de quinze anos *fingindo* ser um estudante de dezoito anos.

É uma paranoia sistemática. Tipo, é como quando você tem aquela sensação esquisita de que seu pai sabe que você bebeu aquela cerveja, ainda que você a tenha bebido quatro dias atrás e não haja a menor evidência de que ele saiba de fato.

Ou quando você está sozinha em casa e vai usar o banheiro e tranca a porta mesmo assim.

Ou quando você tem um namorado novo e está sozinha no seu quarto e enfia o dedo no nariz — e daí você pensa em como foi nojento, e como, de alguma forma, o seu namorado deve ter visto e agora ele vai largar essa futucadora de nariz gosmenta que você é na próxima vez que te encontrar. E você meio que consegue ouvir a voz da sua vó na sua cabeça, lembrando você a usar um lenço. E aquela garota popular horrorosa... você consegue ouvir a voz desagradável dela na quinta série, quando ela pegou você limpando uma catota embaixo da carteira e te chamou de “comedora de catota” pelo resto do ano, mesmo que se você estivesse comendo suas catotas obviamente não estaria limpando embaixo da carteira pra começo de

conversa.

Então, não é uma questão de você enfiar o dedo no nariz porque quer, ou deixar de enfiar porque está cheio de germes. Você está tendo um debate mental com todas as forças que podem estar observando você e a condenando pela sua futucada (potencial ou real), apesar de racionalmente saber que ninguém está te vendo.

Isso é o pan-óptico.

Cidades, arte e protesto era muito melhor do que latim. Frankie adiantou toda a leitura.

OS CONVITES



FRANKIE NOTOU OS ENVELOPES azul-claros pela primeira vez em sua aula matinal de história, no meio da segunda semana do ano letivo. Star Allan, uma aluna do segundo ano que morava no mesmo corredor de Frankie, estava sentada com sua amiga Claudia, comparando bilhetes.

Star era pequena. Ela era timoneira da equipe de remo. Tinha uma voz alta, impertinente, e um rabo de cavalo tão comprido e balançante que Frankie ficava se perguntando como é que ele não a derrubava para trás. Seu cérebro era do tamanho de um grão de milho.

— Você recebeu um destes? — Star gritou do outro lado da mesa, mostrando seu envelope e o cartão que veio dentro dele.

— Não.

— E você? — Star perguntou a Trish.

— O que é isso?

— Ah, se fosse pra você saber, você saberia! — cantou Star. — Se você não ganhou um, não posso mostrar o meu!

Mais tarde, durante o almoço no refeitório, Frankie não conseguiu não notar os envelopes azul-claros nas mãos e bolsos de diversos alunos populares do último ano. E quando ela olhou na direção da mesa no canto, onde eles costumavam sentar, Matthew, Dean, Alfa e o seu bando estavam estirados para trás em suas cadeiras, com os cartões atirados sobre a mesa.

Frankie conferiu sua caixa de correio depois do almoço, mas não tinha nada lá além de um panfleto sobre o polo aquático de sábado.

Naquela noite, Frankie estava sozinha na biblioteca. Ela tinha deixado o dormitório para ir a um grupo de estudos para a prova de biologia do dia seguinte e, quando acabou, foi até a seção oito mil procurar alguma coisa divertida para ler.

Fazia frio em meio às prateleiras de metal no porão da biblioteca, e havia um cheiro de papel empoeirado. Frankie estava procurando um livro de P. G. Wodehouse, pois tinha lido *Algo fresco* no verão; mas ela não tinha se dado ao trabalho de olhar no catálogo, então vasculhava o W sem lembrar direito como soletrava o sobrenome do autor (cuja pronúncia era igual à de “Woodhouse”), e ponderando se deveria se dar ao trabalho de subir as escadas para fazer uma busca no computador, ou simplesmente ver se tinha alguma outra coisa decente para ler que fosse mais fácil de encontrar — quando ouviu vozes.

No fim da longa fileira de estantes havia uma área de estudos, uma série de cubículos com portas de acrílico, iluminados por luzes fluorescentes, com espaço suficiente para duas cadeiras e uma mesa. Quatro garotos do último ano — Matthew, Alfa, Dean e Callum — estavam enfiados dentro de um deles, dois sentados em cima da mesa e dois nas cadeiras. Os cubículos eram praticamente à prova de som, então Frankie não conseguia ouvir o que diziam. Ela tirou tudo aquilo da cabeça, exceto a sensação persistente de que Matthew Livingston estava há alguns metros de distância do seu corpo — e vasculhou a letra W ainda mais adiante, onde finalmente acabou encontrando uma prateleira com os livros de Wodehouse.

Ela pegou *O código dos Woosters* porque gostou do título, abriu e sentou no chão. Ela ficou concentrada o suficiente na leitura para levar um leve susto quando os garotos abriram a porta do cubículo, deixando o barulho se espalhar pelas prateleiras.

— Gidget... — Callum, que era amigo de Matthew, estava rindo. — Não acredito, cara. — Gidget era uma aluna do terceiro ano bem bonita que até então tinha conseguido não sair com ninguém da Alabaster.

Matthew deu um tapinha na cabeça de Callum.

— Não é caridade, seu babaca.

Callum perguntou:

— Como assim?

— É um adiantamento por um serviço futuro — Matthew respondeu.

— Tanto faz.

— É sério — disse Alfa, colocando o braço em volta dos ombros de Callum. — Talvez a gente precise dos seus talentos mais adiante este ano.

— O.k.

— Mas, antes disso, você tem um encontro na sexta com a Gidget.

Matthew disse:

— Alfa, você está sempre bancando o cupido.

— É verdade. — Frankie viu quando Alfa passou pelo corredor em que ela estava sentada, na dianteira do bando. — Eu adoro interferir na vida dos outros — ele continuou. — Me diverte um bocado.

— Você é doente, sabia? — Matthew deu um sorriso sacana.

— Deveriam me prender — Alfa filosofou. — Opa, perai: já fizeram isso!

O pan-óptico, Frankie pensou.

— A prisão Alabaster — riu Matthew.

— Tão maravilhosamente verde, tão pungente, tão intelectual — gemeu Alfa, fingindo afetação —, que mesmo quando o macho alfa consegue escapar ele acaba voltando de joelhos e implorando: me prendam!

Os garotos subiram a escada, fazendo barulho na biblioteca como se fossem os donos do lugar.

Um minuto depois, Frankie ouviu os passos de alguém voltando por entre as prateleiras. Ela olhou para cima e lá estava ele — sua silhueta contra a luz que vinha de dentro de um dos cubículos de estudo —, Matthew.

— Ei — ele disse. — Achei que fosse você. O que você está lendo?

Ela ergueu *O código dos Woosters* e mostrou a ele.

— Legal.

— Você leu?

— Já li alguma coisa dele. Esqueci o quê. Escuta...

— Que foi? — Ela quis ficar de pé, mas como ele estava bem ali, quase em cima dela, se ela se levantasse seus rostos ficariam constrangedoramente próximos.

— Você conferiu sua correspondência? — Matthew perguntou.

— Hum. Hoje de manhã, mas não recentemente.

— Bem — ele sorriu e se virou para caminhar até a saída da biblioteca —, você deveria dar uma olhada.

Seus passos se apressaram até virarem uma corrida, e logo ele tinha ido embora.

Frankie deixou uma pilha de livros no chão e partiu em direção às caixas de correio, no prédio principal. O saguão estava deserto, exceto pelos ex-diretores e presidentes do Conselho Administrativo reluzindo nas pinturas penduradas nas paredes. Frankie mostrou a língua para eles e abriu sua caixa de correio; suas mãos tremiam.

Dentro dela havia um envelope azul-claro lacrado com cera vermelha, como uma carta de amor vitoriana.

“Frankie Landau-Banks,” dizia o cartão dentro dele, em letras recortadas de um jornal. O resto do texto tinha sido impresso por um computador, e devia ser o mesmo para todos os destinatários:

Não conte a ninguém que você recebeu este convite. Sábado à noite, dez minutos após o toque de recolher, vista-se de preto. Traga bebida, se puder. Vá até o campo de golfe. Não seja visto! Seu parceiro nesta vida de crimes é...

e então havia um espaço, e depois mais letras recortadas:

“... Matthew Livingston.”

Não havia assinatura, nenhuma pista de quem teria enviado o convite. Frankie olhou o verso do cartão. Nada. Ela olhou o envelope mais uma vez. No lacre de cera vermelha havia o desenho de um cão com as orelhas caídas. Um bassê.

O Sênior havia sido um Bassê na Alabaster. A cada dois meses ele levava Frankie e Zada numa churrascaria chique de Boston, com alguns de seus velhos amigos — Hank Sutton (CEO de uma empresa de celulose), William Steerforth (um advogado de renome), e o dr. John Montague (diretor de um hospital na região de Boston). Os homens normalmente acabavam com duas garrafas de vinho e três filés grandes, enquanto Frankie e Zada comiam fondue de queijo. Eles ficavam meio bêbados, os Veteranos, com todo aquele vinho e proteína animal — e começavam a falar sobre os Bassês.

Era uma sociedade secreta, mas era difícil dizer exatamente *pra quê* ela servia. A maioria das reminiscências de Sênior envolvia brincadeiras feitas no campus, como deixar mensagens codificadas misteriosas no quadro de avisos, ou sair depois do toque de recolher. Ele e seus amigos pareciam querer que Frankie e Zada soubessem que a sociedade existia — e que eles haviam sido membros —, mas não respondiam nenhuma pergunta direta. Uma noite, enquanto todos admiravam os restos de uma refeição pesada espalhados pela toalha branca toda suja, os Veteranos confessaram que mantinham um diário de suas travessuras num caderninho que eles chamavam de *O histórico infame*. Mas quando Frankie perguntou ao sr. Sutton o que eles haviam escrito, ele riu e sacudiu a cabeça.

— Bem, se eu contasse a você, não seria mais um segredo, seria?

— Mas você está nos contando sobre a sociedade — Frankie disse.
— O que pode ser assim tão secreto?

— Segredos são mais poderosos quando as pessoas sabem que você os tem — disse o sr. Sutton. — Conte a eles um pedacinho do seu segredo, mas mantenha o resto bem guardado.

— Onde você guarda esse histórico?

— Colado firme com dupla face! — riu o dr. Montague, que tinha bebido mais cabernet do que devia.

— Olhem para o oeste, rapazes! — falou Sênior, dando uma risadinha.

— Ah, não — lamentou o sr. Steerforth. — Isso de novo, não.

— Não acredito que fizemos aquilo — disse o dr. Montague, abafando o riso. — Olhem para os livros, rapazes!

— Como assim? — Frankie quis saber.

— Nada, nada — disse o dr. Montague.

— Ignorem seu pai e estes sujeitos tolos à minha esquerda — disse o sr. Sutton. — Vocês, duas juvenzinhas encantadoras, sabem se comportar muito melhor do que eles em um bom restaurante.

— Quem sabe a Frankie não se torna uma Bassê? — comentou Zada, àquela altura já no último ano, enquanto Frankie era caloura. — Talvez ela se junte a eles. Vocês deviam contar tudo para ela.

O sr. Sutton soltou uma gargalhada sincera, e o sr. Steerforth disse:

— Sinto muito, Frankie, mas é uma organização exclusivamente masculina.

— Você sabia disso, Zada — Sênior chamou-lhe a atenção. — Por que está dando essas ideias à princesinha quando sabe que ela vai se decepcionar?

— É, eu sabia — disse Zada. — Mas acho isso imbecil, só isso.

— Chega — disse Sênior, perdendo a paciência.

— Quem quer sobremesa? — perguntou o dr. Montague. — Vou pedir uma torta holandesa.

Agora Frankie olhava para o lacre com o bassê na aba do envelope, e pensava na sociedade secreta de seu pai. Ela ainda existia, isso estava claro, e ela ficou se perguntando como funcionava e que tipo de poder exercia no campus.

Mas (sejamos honestos) os pensamentos de Frankie estavam principalmente em outro lugar. Afinal de contas, Matthew Livingston — Matthew Livingston! — finalmente a havia convidado para sair.

O BOSQUE



A SEGURANÇA NA ALABASTER ERA FRACA. A sensação de estar sendo constantemente vigiado, criada pela natureza pan-óptica do colégio interno, era suficiente para fazer com que a maior parte dos alunos obedecesse às regras sem a necessidade de níveis mais elevados de vigilância.

Matthew passou um bilhete por baixo da porta do dormitório de Frankie na manhã de sábado, explicando que ela deveria descer a escadaria norte até o segundo andar (passando, portanto, o mais longe possível da sala do supervisor), e depois atravessar o salão até a cozinha pequena que ninguém usava, a qual tinha uma porta dos fundos que dava numa pequena varanda cujos degraus levavam até as lixeiras atrás do alojamento. Dizia-se que a tranca da porta era ligada a um alarme, mas Matthew sabia que, pelo menos no ano passado, ele nunca havia sido acionado.

Um bilhete com a letra de Matthew.

Embora *QUEIME ISTO* estivesse escrito em letras grandes no fim do bilhete, Frankie o carregou consigo metade do dia antes de por fogo nele.

Ela iria sair com Matthew Livingston.

Tarde da noite.

Para uma festa que ele estava dando com os amigos.

Se você tivesse perguntado a ela no ano anterior, Frankie teria dito que algo assim era impossível. Ela era uma criança, e ele quase um homem. Ela era ninguém, e ele era notável. E, apesar disso, estava acontecendo — tão fácil quanto, bem, cair de uma bicicleta.

Trish não havia sido convidada. Seu namorado, Artie, também não. Frankie sentiu remorso, mas Trish disse a ela para tirar isso da cabeça.

— Já vou ficar no campo de golfe por, tipo, umas duas horas no sábado. Artie quer jogar. Não vou voltar lá no meio da noite para ficar vendo um monte de caras do último ano bebendo cerveja. Odeio esse tipo de festa.

— Desde quando? — perguntou Frankie, se alongando em sua cama de solteiro. — Desde quando você já *foi* a esse tipo de festa?

— Meus irmãos me levaram a algumas em Nantucket nesse verão, e eu só fiquei com frio e entediada, vendo uns caras se exibindo na praia e ficando bêbados.

— Não tinha nenhuma garota?

— Sim, tinha garotas, mas... — Trish deu um suspiro. — Era uma coisa muito masculina, por algum motivo. Eu fui algumas vezes, e depois só disse ao Topher e ao James que preferia ficar em casa.

— E o que você ficava fazendo?

— Assistindo filmes com meus pais. Fazendo *crumbles*.

— Tipo, de amoras?

— E de pêssego. E ruibarbo.

— Sério?

— É divertido — respondeu Trish. — Muito mais divertido do que ficar ouvindo caras conversando sobre esportes e falando tudo enrolado, isso eu te garanto.

Frankie ficou indignada com a atitude da amiga. Ao se recusar a fazer o que os garotos faziam em favor de uma atividade tipicamente feminina, Trish havia fechado uma porta — a porta entre ela e aquele clube de meninos que os irmãos dela tinham na praia. Claro, ela ainda era bem-vinda. Ela poderia abrir aquela porta outra vez. Mas bastaria passar outro verão fazendo tortas na cozinha e os garotos iriam parar de convidá-la. E, em vez disso, se acostuariam a ter uma sobremesa quentinha esperando por eles quando voltassem.

— Você vai acordar quando eu ligar para você e me deixar entrar pela cozinha? — Frankie perguntou, escondendo sua irritação.

— Mas é claro — disse Trish. — Vou dormir com o celular do lado.

As noites ainda estavam quentes — setembro estava apenas começando —, então Frankie usou uma calça preta de algodão e uma camiseta azul-escura de manga comprida. Ela botou uma dose a mais de condicionador no cabelo rebelde, e deu um brilho rosa perolado às suas maçãs do rosto. Matthew esperava por ela no bosque atrás do dormitório Heaton, exatamente como ele disse que faria.

— Ei — ele sussurrou. — Você conseguiu.

Ela assentiu com a cabeça.

— Você recebeu meu bilhete direitinho?

— Sim.

— E você o queimou?

— Olha — Frankie levantou a mão perto do rosto dele.

— Band-aid.

— Eu não imaginava que aquilo iria queimar tão rápido. No que foi que você escreveu? Papel toalha?

Matthew riu. Eles estavam andando pelo bosque que cercava o campus da Alabaster, longe das luzes dos postes enfileirados no

gramado. Frankie conseguia ver outras figuras vestidas de preto caminhando pela escuridão, embora não fosse capaz de reconhecer ninguém.

Eles caminharam em silêncio por um minuto, então Matthew segurou sua mão — a que tinha o band-aid.

— Estou preocupado que você machuque novamente sua mão — ele disse. — Para sua própria segurança, acho que terei de segurá-la, para mantê-la a salvo de espinhos e animais silvestres ferozes.

— Tudo bem — disse Frankie. — Mas se estiver meio oleosa é por causa da pomada que passei, tipo, meia hora atrás. Não é que eu seja naturalmente coberta de óleo.

— Vou me lembrar disso.

— Não estou me esvaindo em pus, nem nada.

— Exibida.

A mão de Matthew era grande e reconfortante.

Frankie sentiu uma fagulha de alegria percorrer seu braço.

— É isso que procuro em uma garota — continuou Matthew. — Procuro por alguém que não esteja se esvaindo em pus.

Ela riu.

— Sério — ele disse, acariciando a parte de dentro do pulso dela com a outra mão enquanto eles caminhavam. — Fiquei feliz que você tenha vindo esta noite. Estava com medo de que você não viesse.

Ele estava doido? Ele era um aluno do último ano, atlético, considerado universalmente atraente; ele tinha um carro; ele seria dono de uma enorme rede de jornais de prestígio um dia; ele havia atravessado o país dirigindo com seus amigos, comendo torta e fazendo vídeos. E ela, Frankie... Bem, ela também não se achava nada mal. Ela sabia que era excepcionalmente inteligente em determinados assuntos e fazia seus amigos rirem regularmente, e agora também andava feliz por estar pelo menos razoavelmente bonita na maioria dos dias — mas ela era uma aluna do segundo ano, heterossexual, sem namorado nem influência social (especialmente agora que Zada tinha se formado). Em que planeta uma garota no lugar dela recusaria um convite para ir a uma festa num campo de golfe com Matthew Livingston?

A cabeça de Frankie começou a rodar.

Ela nunca quis nada tanto quanto queria que Matthew fosse seu namorado. Mas ele tinha acabado de dar aquela declaração — dizendo que teve medo de que ela não viesse —, que era praticamente impossível de responder com dignidade. O que ela poderia dizer que fosse mais provável de levá-la aonde ela queria chegar? Suas sinapses

entraram numa série de cálculos e avaliações que podem ser listados da seguinte forma:

Poderia dizer: “Aqui estou”.

Vetado. Soa tímido.

Poderia dizer: “É claro que eu vim”.

Vetado. Soa como se eu o idolatrasse.

Poderia dizer: “Por que eu não viria?”.

Vetado. Ele poderia ficar sem graça de ter de responder essa pergunta.

Poderia mudar de assunto.

Vetado. As pessoas gostam de ser ouvidas.

Poderia dizer: “Nunca fui a uma festa num campo de golfe”.

Vetado. Muito infantil.

Poderia dizer: “Estou sempre a fim de uma festa”.

Vetado. Muito irritante. Além do mais, soa como se eu tivesse ido a um monte de festas no ano passado, o que ele logo descobriria que eu não fiz.

Preciso fazer ele rir. E preciso inquietá-lo o suficiente para que ele não tenha certeza absoluta de que gosto dele.

Golfe. O campo de golfe.

— Sou uma golfista até que bem razoável — disse Frankie, após uma pausa de apenas 2,8 segundos. — Nunca desperdiço a chance de dar umas tacadas.

Pronto. Matthew riu!

Frankie ficou toda satisfeita. Aquilo era melhor do que vencer um debate.

— Você vai precisar de óculos infravermelhos — ele disse.

— O quê, você não trouxe?

— Hum. Não.

— Você espera que eu jogue golfe noturno sem equipamento militar pesado? — Frankie fingiu um beicinho. — Não acho justo. Sem suporte técnico, preciso ser considerada café com leite.

Aliviada por coisas relativamente compreensíveis e até mesmo interessantes estarem saindo de sua boca, Frankie ficou olhando disfarçadamente para Matthew. Seu perfil era de alguém nascido em Boston, e sua pele branca reluzia por baixo das sardas de final de verão.

— Se eu soubesse que você era tão exigente, teria feito

preparativos muito melhores — ele disse.

— A-há! Então é você quem está dando essa festa.

Matthew assentiu com a cabeça.

— Eu e o Alfa. Nós formamos pares para todo mundo, e o Alfa pediu para a loba fazer os convites.

— Loba?

— A namorada do Alfa.

Alfa tinha uma namorada. Desde quando Alfa tinha uma namorada? Ele não tinha flertado com a Frankie apenas três semanas atrás?

— Não sabia que ele tinha namorada — ela disse, do jeito mais frio que pôde.

— Ah, ele sempre tem uma. E ela sempre é a loba — disse Matthew. — A garota pode até mudar; na real, a garota sempre muda. Mas o nome é sempre o mesmo.

Hum. Frankie ficou pensando se não tinha subestimado o Alfa. Depois de encontrá-lo na parede de escalada, ela ficou pensando que ou ele não se lembrava dela, ou havia se afastado porque Matthew a abordara primeiro. Mas, agora, aparentemente o Alfa já estava com a loba — e, se ele sempre estava com alguém, era pelo menos tão popular com as garotas quanto Matthew.

— Não era pra ele ser um cachorrão? — perguntou Frankie. — Em vez de lobo?

— É claro. Mas nós somos cavalheiros. Jamais chamaríamos uma garota de cachorra.

— Entendi. E o Alfa botou essa loba pra fazer os convites?

— Eles começaram a sair recentemente. Ela ainda está tentando impressioná-lo. — Matthew riu. — Ela ainda não se deu conta de que isso é impossível.

Frankie ficou absorvendo aquela informação. Quem era a loba? Como ela tinha conseguido se entrosar tão rápido com esse bando de garotos a ponto de eles pedirem para ela fazer os convites para a festa secreta?

E por que era impossível impressionar o Alfa?

É claro que ela não podia fazer ao Matthew nenhuma dessas perguntas, então disse outra coisa.

— Você formou os pares?

Ele deu uma risadinha.

— Sim.

— Então acho que você queria me levar a essa festa.

— Bem — disse Matthew, empurrando-a gentilmente com o ombro e segurando a sua mão. — Eu queria levar você a *algum lugar*. Mas ficava nervoso e não conseguia convidar você pra comer alguma coisa ou ir ao cinema, como um ser humano normal.

— ã-hã — Frankie foi sarcástica.

— É sério. Daí a gente teve essa ideia de dar uma festa, e eu não precisei convidar você para sair, mas ainda assim você vai sair comigo.

— Muita malandragem.

— Sou capaz de fazer coisas inacreditáveis para escapar de outras — disse Matthew.

— Tipo o quê?

— Organizei uma festa para não precisar te convidar para sair. Ano passado escrevi dois ensaios extras para a aula de inglês porque não queria fazer uma prova de vocabulário em italiano como exame final. Construí um barco esse verão para evitar ficar com uma garota que, sei lá, achava que era minha namorada. Ou queria ser, ou algo assim.

— Você construiu um barco?

— Um bem simples. Na casa que minha família tem em Vineyard. Fica numa vila de pescadores, Menemsha.

— Pensei que você... — Frankie pensou que Matthew tinha atravessado o país dirigindo com Dean e Alfa, mas ela se conteve porque não queria que ele percebesse que ele era tão importante para ela a ponto de ela se lembrar até dos planos dele para o verão. E, além do mais, ele poderia ter feito as duas coisas. — Pensei que você estava falando de um veleiro.

— Meu tio constrói esses, mas não. O meu era pra dar umas voltinhas, talvez pescar, talvez ir até Aquinnah com a minha bicicleta. Você conhece Vineyard?

— Não.

— Ah, eu preciso levá-la para conhecer. Tem um espaço ótimo para andar de bicicleta, que dá pra ir de balsa, ou num barquinho todo furado, no meu caso. E tem uns caras que tiram as lagostas do mar e jogam direto numa panela. Você gosta de lagosta, não gosta?

Frankie ficou pensando: Ele precisa me levar para conhecer Vineyard? Como assim?

E então ela pensou: Ele gosta de mim! Ele quer me ver no verão. Que será daqui a vários meses.

E então ela pensou: O que respondo pra ele?

Matthew soltou a mão de Frankie e pôs o braço em volta de seus ombros, enquanto o cérebro dela revirava a oferta que ele tinha feito de levá-la para conhecer Vineyard, o fato de ele aparentemente não saber que ela era judia (e não comia frutos do mar), e a suposição que ele havia feito de que eles passariam mais tempo juntos do que apenas aquela noite. Em 3,27 segundos ela decidiu que não existia nenhuma resposta direta que não a fizesse parecer superansiosa, ingênua, constrangida ou confusa — muito embora ela fosse essas quatro coisas.

— Você juntou algum outro casal esta noite? — ela perguntou em vez disso, pensando em Gidget e Callum.

— Alguns. Mas nada muito abominável.

— Tipo o quê?

— Um amigo meu que juntamos com uma garota de quem ele gosta. Nós colocamos juntos alguns amigos que não se conhecem muito bem. Sabe, pra ver o que acontece. Convidamos alguns alunos mais novos, mas não tantos assim.

— Então você não arquitetou nenhum conflito, colocando as pessoas junto com seus arqui-inimigos, nem nada assim?

Matthew ficou olhando para ela.

— Não sou muito fã de *schadenfreude*.

— O que é isso?

— É a felicidade com a desgraça alheia.

Frankie gostou daquela palavra. *Schadenfreude*.

— Eu também não sou — ela disse. — Mas teria ficado tentada a fazer mesmo assim. Só pra ver o que aconteceria com a organização social se eu formasse uns pares incomuns.

— Você tem mesmo uma mentezinha perversa, sabia?

Frankie riu.

— Estou falando sério. Aposto que você é pura encrenca dentro dessa embalagem bonita.

— Quem falou que é “inha”?

— O quê?

— Minha mente perversa.

— O.k., é uma mente perversa de bom tamanho. Dentro de uma embalagem bonita. Esse era o meu ponto.

Frankie sentiu-se corar.

— Obrigada.

— De nada — disse Matthew. — Gosto de garotas que sabem

aceitar um elogio. Você sabe como muitas garotas ficam todas: “Ah, eu? Não sou bonita, sou horrorosa”.

— Sim.

— Pois é, é tão mais legal quando alguém simplesmente agradece. Então, não se torne aquela garota, o.k.?

— Aquela garota horrorosa? O.k.

Eles saíram do bosque e seguiram por um caminho até o lado mais próximo do campo de golfe.

— Frankie?

— O quê?

— Aquilo sobre eu e o Alfa termos organizado a festa. Você não vai contar para os seus amigos, ou algo assim, vai?

— Não.

— Promete? Seus lábios estão selados?

Frankie não entendia por que aquilo era tão importante, mas assentiu com a cabeça.

— Não se preocupe — ela disse a ele. — Sou incrivelmente boa em guardar segredos.



ELES CHEGARAM A UM PEQUENO depósito no clube, com garagem para os carrinhos de golfe e armários para os alunos. As luzes estavam apagadas e o prédio estava trancado. Por um momento, a paisagem noturna parecia deserta. Frankie e Matthew contornaram a lateral da casa e olharam para o campo que se estendia colina abaixo.

Cerca de quarenta pessoas caminhavam naquela direção. Todas usando cores escuras, muitas levando cerveja e algumas com toalhas para estender na grama. Em sua maioria, eram estudantes do último ano, ainda que Frankie pudesse identificar Star de mãos dadas com Dean, que era fácil de localizar porque estava vestindo uma jaqueta de caça laranja.

Matthew pegou a mão dela e eles correram juntos colina abaixo.

Uma hora depois, Frankie estava com frio, assim como todo mundo. Todos haviam subestimado o que deveriam vestir. Os cobertores que as pessoas levaram para sentar em cima acabaram enrolados nas garotas, e sem eles não tinha lugar nenhum para sentar — então praticamente todo mundo estava de pé.

As pessoas estavam bebendo cerveja e fumando cigarro, mas não havia tanta cerveja assim (todo mundo era menor de idade), e a maior parte já tinha acabado. Cinzas e bitucas de cigarro sujavam o gramado, e Frankie ficou irritada por ninguém ter pensado em colocá-las dentro das garrafas de cerveja ou mesmo em seus bolsos.

Matthew estava circulando, fazendo o papel de anfitrião, mesmo que ninguém pudesse saber que a festa era dele.

Não havia ninguém com quem Frankie pudesse conversar. A maioria das pessoas ali não sabia quem ela era. Ela ficou parada sozinha, pensando. Ela tinha consciência de que não podia ficar irritada por Matthew não estar ao seu lado — era uma festa, e havia muita gente ali com quem ele provavelmente mal tinha falado desde junho. Mas conforme ela ficou vendo Matthew rir junto com Callum, Dean e Alfa, Frankie lembrou como ele a tinha chamado de “embalagem bonita”, como ele tinha insinuado que sua mente era pequena, como ele tinha dito a ela para não mudar — como se ele tivesse algum tipo de poder sobre ela. Uma parte minúscula dela queria ir até ele e gritar: “Eu posso me sentir horrorosa de vez em quando se eu quiser! E posso falar para todo mundo o quanto sou insegura, se eu quiser! Ou posso estar bonita e fingir que acho que estou horrorosa, por falsa modéstia — também posso fazer isso se eu quiser. Porque você, Livingston, não manda em mim e nem me diz que

tipo de garota eu devo me tornar”.

Mas a maior parte dela estava simplesmente feliz por ele ter passado o braço em volta dela e dito que a achava bonita.

Frankie sentou-se por um momento, mas a grama estava fria e levemente úmida, então ficou de pé novamente. Ela viu Porter — seu ex, um dos poucos alunos do segundo ano ali — conversando com Callum num canto. Ela não queria falar com ele, então foi na direção oposta e acabou encontrando Star.

— Você tinha razão — Frankie disse, dando um tapinha no ombro dela. — Eu recebi um convite.

Star se virou.

— Eu te perguntei isso?

Como é que ela podia não se lembrar de ter perguntado sobre o convite? Ela devia saber que Matthew estava interessado em Frankie, porque ela tinha decidido perguntar exatamente para Frankie sobre a festa, em vez de qualquer outra garota mais popular e mais óbvia da turma de história.

Frankie estava tentando gostar de Star, façanha que ela nunca havia se preocupado em realizar. Com as evoluções recentes em relação a Matthew, havia uma possibilidade razoável de que ela e Star se tornassem as namoradas de dois amigos do último ano, então valia a pena elas se conhecerem melhor. Mas o descaso de Star a havia incomodado.

Frankie estava começando a perceber que aquela memória seletiva demonstrada por Dean, Star e sua laia não era nem estupidez, nem problema mental. Era um jogo de poder — talvez subconsciente por parte do jogador, mas ainda assim pensado para causar desconforto a uma pessoa que seja percebida como ameaça por algum motivo. Talvez Star estivesse se sentindo ameaçada porque Frankie era inteligente e ela não; talvez porque Star quisesse ser a única garota do segundo ano com o status elevado de ter um namorado da turma de Matthew; ou talvez porque Star fosse insegura e desconfiasse de mulheres e garotas que não fossem iguais a ela, em geral. De qualquer forma, ela se sentia ameaçada por Frankie, então fingiu o esquecimento, da mesma forma que Dean havia feito.

— Na aula de história — Frankie lembrou Star.

— Aquela aula é tão chata — Star fez uma careta. — Não consigo aguentar. O Grigoryan começa a falar e eu vou toda contente para um lugar feliz dentro da minha cabeça, até que ele acabe. Você devia ver o meu caderno. Ali tem, tipo, alguns dos rabiscos mais complexos da história da Alabaster.

— Não é assim tão ruim.

— Bem, não se comparada a geometria — Star disse.

— Você não gostou daquela apresentação de slides sobre Napoleão?

— Hum. Não.

— Todo complexado por ser baixinho, com aquelas entradas no cabelo e aquela pancinha? Você não gostou nem daquele quadro que vimos hoje de manhã? E toda aquela conversa sobre ele ficar conhecido como “Pequeno Cabo”, e ser o único que sabia o nome de todos os seus soldados?

Uma amiga de Star chamada Claudia apareceu. Era uma ruiva alta sem uma única sarda. Jogava futebol. Tinha uma tendência a enfeitar as frases com palavras grandiosas, cujos significados não eram de sua total compreensão.

— Ei-ei — ela disse a Star, cumprimentando Frankie com a cabeça. — Olha só isso. — Ela levantou o envelope que trazia seu convite azul. — Que tipo de cachorro é esse? — ela disse, apontando para o lacre de cera.

— Não sei — disse Star. — Talvez um beagle?

— O Snoopy é um beagle — disse Claudia, balançando a cabeça.

— Mas meio que parece com o Snoopy.

— Nada a ver. As dobras epicânticas do Snoopy não são assim.

Star riu.

— O Snoopy é demais! É o cachorro mais fofo de todos.

— É um bassê — disse Frankie.

— O Snoopy não é um bassê — disse Claudia. — O Snoopy é um beagle, eu acabei de dizer...

— Sim, mas...

— Oh, lá está o Dean — Star disse a Frankie, apontando. — Ele é meu namorado agora, você sabia?

Frankie concordou com a cabeça.

— Acho que as pessoas já estão comentando. Enfim, tenho que lembrá-lo que ele vai me pegar de carro amanhã para irmos ao cinema. Vem, Claudia.

E elas se foram.

Frankie ficou vendo elas irem embora com seus rabos de cavalo balançando e se deu conta de que tinha entediado tanto aquelas duas que Star teve de inventar uma desculpa para sair de perto.

Mas, por outro lado, elas também haviam entediado Frankie.

A festa estava um saco. Eram pessoas paradas em pé no meio do frio.

Pouco depois da uma da manhã, todos começaram a se dirigir ao bosque, em direção aos alojamentos, em grupos pequenos para não fazer barulho. Matthew acompanhou Frankie pelo bosque escuro, segurando sua mão e sussurrando confidências sobre seu desejo de se tornar editor de jornal, e sobre como no verão anterior ele, Dean e Alfa tinham pegado uma carona com um caminhoneiro que dirigia um Mack quando o Volvo estragou, e ficaram comendo torta numa parada por várias horas antes de chamar o guincho.

Ele foi com ela pelo bosque até as árvores que ficavam atrás do alojamento.

— Posso te dar um beijo? — ele sussurrou enquanto ela abria o telefone para ligar para Trish.

Como é que ele podia pedir uma coisa daquelas?

Como é que ele podia imaginar que ela não aceitaria?

— Nem pensar — ela disse, e o puxou em sua direção.

— Você está sendo muito má comigo — ele sussurrou em seu ouvido.

— O.k., eu mudei de ideia — ela disse.

Os lábios dele estavam frios por fora, e Frankie tremia mesmo com os braços dele em volta dela.

Matthew parou de beijá-la e exalou o hálito quente nas costas da blusa dela, rindo. Então, eles se beijaram mais uma vez.

Ela não ligou para Trish pela próxima meia hora.

*

A maioria das mulheres jovens, quando se deparam com a natureza peculiarmente masculina de determinados eventos sociais — geralmente aqueles que incorporam cerveja ou outras substâncias que certamente queimarão alguns neurônios, frequentemente envolvendo ambientes congelantes ao ar livre ou dormitórios imundos e quase sufocantes, mas que também podem incluir, em círculos mais intelectualizados, assistir a filmes russos enfadonhos — vai reagir de uma dessas três maneiras.

Algumas, como Trish, vão questionar o sentido de tudo aquilo, se dar conta de que provavelmente não há nem nunca houve sentido algum, e optar por atividades tipicamente femininas ou domésticas, como fazer tortas, deixando qualquer namorado que tenham “sair com os caras”.

Outras, como Star, ficarão entediadas a maior parte do tempo, mas

continuarão indo a esse tipo de evento porque são namoradas ou queriam ser namoradas desse tipo de garoto, e não querem parecer estraga-prazeres ou bruxas. Se os garotos estão lá, jogando no Xbox (dentro de casa) ou estourando bombinhas para fazer barulho sem um bom motivo (ao ar livre), as garotas ficarão conversando entre elas e passando discretamente a impressão de que estão interessadas no que quer que os garotos achem interessante.

O terceiro grupo embarca prontamente e de forma agressiva nessas atividades. Essas garotas não gostam da posição marginalizada em que são naturalmente colocadas nesse tipo de evento, e estão determinadas a não ficarem excluídas. Elas fazem as mesmas coisas que os garotos, de forma entusiástica, ainda que às vezes meio falsa. Elas bebem cerveja, jogam videogame, acendem as bombinhas. Elas ficam acordadas durante filmes russos obscuros. Elas até compram a cerveja, ganham no videogame e aparecem com uma M-80 bem quando as bombinhas estão começando a perder a graça. Se for uma exigência em seu círculo social, elas leem artigos sobre Andrei Tarkovsky.

Independente de seu entusiasmo ser forçado ou inteiramente genuíno, essas garotas têm o respeito dos garotos — que não são, afinal de contas, homens das cavernas, mas sim homens esclarecidos do século XXI, que têm prazer em deixar que mulheres entrem em seus círculos privados se elas demonstrarem seu valor.

Como eu disse, a maioria das garotas reage de uma dessas três formas, mas Frankie Landau-Banks não fez nada disso. Ainda que ela tenha voltado para casa naquela noite sentindo-se mais feliz do que em qualquer outro momento de sua curta existência, ela não confundiu a festa no campo de golfe com uma boa festa, e também não se convenceu de que tinha se divertido lá.

Ela achou que tinha sido um evento idiota precedido por convites excelentes.

O que Frankie fez que não era muito comum foi imaginar-se no controle. As bebidas, as roupas, os convites, as instruções, a comida (não tinha nenhuma), o lugar, tudo. Ela perguntou a si mesma: se eu estivesse no comando, o que eu teria feito melhor?



NO DIA SEGUINTE, DOMINGO, Frankie acordou com o som de alguém batendo na porta. Trish já tinha saído, então Frankie foi abrir de pijama. Lá estava o Alfa, usando um moletom vermelho-escuro com grandes buracos nos cotovelos. Ele não falara com ela desde que eles haviam se visto no ginásio. Mesmo na noite anterior ele não tinha feito mais que cumprimentá-la com a cabeça quando a viu parada ao lado de Matthew, no gramado.

— Vem com a gente — ele dizia agora, como se fosse a coisa mais natural do mundo. — Nós vamos comer uma pizza.

Que “nós”?

Ela e o Alfa?

Ele estava convidando ela pra sair? Ele deveria saber que ela tinha ido à festa com Matthew.

Frankie tentou ganhar tempo.

— Ainda são dez da manhã — ela disse.

— Então vai ser um brunch.

— Onde é que você vai comer pizza uma hora dessas?

— O Luigi's, na Lowell, fica aberto vinte e quatro horas.

— Não tenho permissão para sair do campus — Frankie disse a ele, ainda decidindo se queria ir ou não. Apenas os alunos do último ano podiam deixar o campus sem autorização expressa ou supervisão.

— Quem é que vai saber? — ele perguntou a ela.

O Alfa tinha um ponto. Mas era aquela a natureza do pan-óptico: a maioria dos alunos da Alabaster não saía do campus — mesmo que fosse tão simples quanto pular um pequeno muro de pedras.

— Não quero ser pega — Frankie disse, pensando se a blusa do pijama era transparente e cruzando os braços sobre o peito.

— Matthew foi pegar o carro no estacionamento — Alfa disse a ela. — Ele estará nos esperando no portão em alguns minutos. Ele me disse que você seria parceira.

Ah. O Alfa estava lá por causa do Matthew. Então tudo bem.

Ela não tinha que escolher.

— Então, você vai vir com a gente comer pizza? — Alfa perguntou. — Ou você vai ser uma boa garotinha e ficar no campus?

— Desço em cinco minutos — Frankie disse a ele.

O carro do Matthew era um Mini Cooper azul-marinho. O motor já estava ligado quando Frankie e Alfa chegaram ao portão.

— Vou na frente — disse Alfa.

Frankie sentiu um princípio de aborrecimento, mas ele se dissipou assim que ela viu o sorriso de Matthew se iluminando.

— E aí, Frankie? Pronta pra matar uma pizza?

Ela concordou com a cabeça e se espremeu passando por Alfa para chegar até o banco de trás. Matthew engatou o carro.

— Gostaria de declarar, antes de mais nada — disse Alfa, acendendo um cigarro e abrindo a janela —, que qualquer coisa feita fora da Itália ou dos cinco distritos de Nova York não tem o direito legítimo de ser chamada de pizza.

— E como devemos chamá-la? — perguntou Matthew.

— Chame de disco de massa com tomate e queijo. Mas não é uma pizza.

— Um DDM — disse Matthew.

— Se você preferir. — Alfa soltou a fumaça. — Nós vamos comer um DDM borrachudo e seco. E vai estar melhor do que a comida do refeitório, e vai ser bom que a primeira coisa que vamos fazer nessa manhã de um domingo será comer um monte de gordura e sal, mas ainda assim não vai ser uma pizza.

— Você é muito esnobe, mano.

— Que nada. Pizza é uma comida popular. É barata, você pode comprar em qualquer esquina da cidade. É categoricamente impossível ser esnobe em relação a pizza.

— Você lembra daquele restaurante russo em que paramos em Chicago, onde aquela mulher com pelos saindo do nariz não deixou você pôr ketchup no bife? — perguntou Matthew.

— Sim, e daí?

— E daí que é possível ser esnobe em qualquer assunto. Aquele bife nem era assim tão bom — disse Matthew. — E mesmo assim ela não ia te deixar pôr ketchup no bife como se a vida dela dependesse daquilo.

— Qual a sua opinião sobre abacaxi? — perguntou Frankie, do banco traseiro.

— Numa pizza? — disse Alfa. — Imperdoável.

— Por quê?

— Porque é uma fruta. Não vai fruta numa pizza.

— O tomate é uma fruta.

— Isso não conta. — Alfa deu uma tragada no cigarro. — O tomate

pode ser uma fruta, mas é uma fruta peculiar. Tem um sabor marcante. É uma fruta que tem ambições que vão muito além das ambições das outras frutas.

— Sério?

— Com certeza. É um ingrediente essencial na culinária italiana. Você usa para fazer molhos, você coloca na salada com um pouco de muçarela e azeite de oliva, você usa para fazer *ratatouille*. E o que você faz com uma fruta normal? Nada. Você só pode comê-la. Ninguém vai descobrir que há uma culinária centrada na uva.

— E quanto ao vinho? — perguntou Frankie.

— O.k., o.k. Mas e quanto à toranja? Nada. Ou o abacaxi? Nada. Dá pra imaginar que exista uma culinária em torno do mirtilo? Todo mundo ficaria tão enjoado de comer mirtilo em uma semana que iriam morrer de fome. O mirtilo não tem versatilidade. O país que tivesse sua culinária baseada no mirtilo seria um país de lunáticos, que enlouqueceram por causa da mesmice constante de suas refeições diárias.

— O.k. — disse Frankie. — Mas você já experimentou pizza de abacaxi?

— Não preciso experimentar — disse Alfa. — É nojenta.

— Como é que você pode saber se nunca experimentou?

— Ela te pegou, mano — riu Matthew. — Esnobismo pizzaiolo está transbordando pelos seus poros neste instante.

— Nada a ver — Alfa jogou a bituca do cigarro pela janela e fechou a cara.

— Você não é nada esnobe quando o assunto é torta, isso eu devo admitir — disse Matthew, consolando-o. — Frankie, nós passamos três semanas atravessando o país de carro nesse verão, tentando comer o maior número possível de tortas diferentes...

— Eu...

— O quê?

Frankie tinha começado a dizer “Eu sei”, mas acabou pensando melhor.

— Nada.

— Enfim — continuou Matthew. — Alfa amou todas aquelas tortas igualmente. Ele gostava de tudo. Em contraste a isso, lá pelo, tipo, terceiro dia, o Dean já tinha se concentrado num único tipo de torta que ele gostava tanto a ponto de comer todos os dias.

— Qual era?

— Merengue de limão. Mas ele só conseguia comer metade, de

qualquer jeito.

— Aquilo não era normal — disse Alfa. — Quer dizer, me diga: é normal comer só metade de uma fatia de torta?

— Acho que não — disse Frankie. — Se estiver na minha frente, vou querer comer.

— E quanto a um picolé? — perguntou Alfa. — Ou um sorvete?

Frankie ficou sem palavras por um momento.

Alfa lembrava dela.

Daquele dia na praia.

Ela entendeu que ele lembrava. Provavelmente.

Mas seria melhor ter certeza.

Apesar de não poderem conversar sobre isso agora. Porque ela estava com Matthew.

Ela tinha escolhido o Matthew. Ou ele tinha escolhido ela.

Ou o Alfa tinha escolhido a loba. Ou algo assim.

— Eu já comi metade de um sorvete — Frankie disse a ele. — Mas o sorvete tem um fator de temperatura. Nunca está frio demais ou muito quente para se comer uma torta.

— Nunca está frio demais para tomar sorvete, também — disse Alfa. — Não no meu universo. — Ele se inclinou na direção do portulvas e ficou mexendo nos CDs. — Quem não gosta de comida, não gosta de sexo — ele continuou. — Aposto que esse é o problema do Dean. As notas dele são excelentes porque ele é completamente reprimido.

— Eu duvido — disse Matthew.

— Por que você acha que ele está saindo com aquele bichinho de pelúcia que tem metade da idade dele? Desculpe, Frankie.

— A Star é legal. — Matthew saiu da estrada.

— Você não gosta da Star? — Frankie perguntou. Ela tinha visto Star sentada na mesa dos alunos do último ano mais de uma vez, conversando e rindo com os amigos de Dean.

— Opa, peraí, ela não é um bichinho de pelúcia, ela é um DDM — disse Alfa. — Tipo, ela é legal, ela é o.k., mas ela não é... deliciosa. O que é perfeito para o Dean, porque ele é tão reprimido que nem sequer está interessado no que é delicioso.

— Isso não tem nada a ver com o fato de ela estar no segundo ano — argumentou Frankie.

Mas ela estava em desvantagem ali.

Eles pararam no Luigi's, que se revelou um lugar escuro com mesas

de fórmica vermelhas e uma máquina de *pinball* nos fundos, que atendia o pessoal que virava a madrugada no bar ao lado. PIZZA SÓ A PARTIR DO MEIO-DIA, dizia um cartaz no balcão.

— Não tem pizza mesmo? — Matthew perguntou a um rapaz que limpava as mesas.

— O cara que faz a pizza ainda não chegou — foi a resposta. — É domingo de manhã, ninguém quer acordar e fazer pizza. Nós temos refrigerante. Nós temos pão de alho.

— Eu aceito pão de alho — disse Alfa. — Vamos levar, sei lá, quantos? Uma dúzia para viagem.

Tinha uma máquina com a versão feminina do Pac-Man nos fundos do restaurante. Frankie procurou moedas em sua bolsa e colocou nela. Enquanto a pequena sra. Pac-Man mastigava suas pastilhas de energia, Frankie ouvia os garotos conversarem. Eles estavam sentados numa mesa próxima à saída.

— Esses troços são, tipo, os DDMS definitivos — disse Matthew. — Só massa, nada de tomate, nada de queijo.

— Não, são BDMS — disse Alfa. — Bolas de massa. Mas — ele cheirou o pacote — eles parecem estar bem carregados de alho. Não deveríamos subestimá-los.

— Deixa eu dar uma cheirada. — Matthew enfiou o rosto dentro do pacote.

— O que você quer apostar que a sua nova namorada não vai comer? — Alfa disse bem baixinho a Matthew.

— Não quero apostar nada — disse Matthew, pegando um dos pães do pacote e enfiando na boca. — Eu nunca apostaria o que uma garota vai comer.

— Taí uma coisa sobre as mulheres — disse Alfa, tamborilando os dedos no tampo de fórmica. — Elas não são vorazes.

— Você acha que não?

Alfa comeu outro pão de alho.

— Talvez elas tenham a capacidade de ser, escondida em algum lugar lá no fundo. Mas elas nunca botam isso em prática. Estão sempre comendo metade do sorvete e deixando o resto da casquinha para alguém.

De novo. O sorvete. Alfa queria que Frankie soubesse que ele se lembrava dela. E que, por algum motivo, ele estava decepcionado com ela.

Será que era por isso que ele não tinha ido atrás dela? Porque ele podia ter ido apesar do interesse de Matthew, não podia?

Ele achava que ela não era voraz. Que ela não ia atrás do que queria. Que ela era uma garota que tinha ido embora do calçadão assim que a mãe ligou para o celular dela.

— Se é assim, então o Dean é uma mulher — disse Matthew. — Ele deixou torta meio comida por todo o país.

Alfa riu.

— Ele é uma mulher. Em alguns aspectos.

Frankie não gostava de alho. Deixava ela enjoada. Mas ela forçou a sra. Pac-Man a comer a última pastilha em seu labirinto digital e deixou a apresentação entre fases rodando enquanto ia até a mesa em que Matthew e Alfa estavam sentados.

— Vocês não tinham pedido para viagem? — ela perguntou, sentando e apontando para o pacote de pães de alho.

— Sim, mas pra onde nós poderíamos ir? — perguntou Alfa. — Eles vão deixar o Mini Cooper fedendo de qualquer jeito.

— Deixa eu comer um — ela disse a ele.

Ele estendeu o pacote aberto para ela.

Contorcendo o rosto muito de leve, ela comeu o pão de alho em duas mordidas.

— Na noite passada ele disse que queria me levar para conhecer Vineyard — Frankie ficou se exibindo no telefone para Zada, mais tarde naquele dia.

— Típico — Zada disse. — É uma manobra clássica do Matthew.

Antes disso, Frankie havia dado um beijo de despedida envolto em vapores de alho em Matthew, antes de ele sair correndo para o treino de futebol.

Depois, o céu estremeceu e começou a chover. Agora ela estava caminhando pelo campus em direção à biblioteca, segurando uma sombrinha e pisando de propósito nas poças de chuva. Ela estava usando galochas vermelhas.

— O que é típico? — Frankie perguntou à irmã.

— Não estou dizendo que ele é do mal, nem nada assim, eu gosto do Matthew — respondeu Zada. — Só notei que é assim que ele funciona. Quando decide que gostou de alguém, ele é loucamente acolhedor.

— Então você está dizendo que ele não é assim só comigo.

— Não, não é. Mas ele só é assim com as pessoas de quem realmente gosta. Acho que é uma estratégia para quebrar o gelo em relação ao dinheiro e à família dele. Entende o que eu quero dizer?

— Não exatamente. — Frankie não queria ouvir uma interpretação

psicológica dos Livingston feita por Zada. Ela só queria ficar feliz porque Matthew gostava dela e queria levá-la para sua casa de veraneio.

— Funciona assim — explicou Zada. — Matthew sabe que algumas pessoas vão evitar se tornarem amigas dele por causa da posição do pai dele no mundo. Tipo, não vão convidá-lo para ir a lugares ou fazer coisas porque vão pensar que ele sempre deve ter algo melhor em vista. Ou porque não acham que pertençam ao seu seletor círculo de convivência. — Zada fez uma pausa. — Espera aí. Estou aqui no café e é minha vez de pedir. Eu queria um *muffin* de cenoura e nozes, uma salada de frutas e um *latte* de soja.

Frankie chegou à biblioteca e ficou parada do lado de fora debaixo da sombrinha, esperando que Zada terminasse de falar.

— Pronto, Frankie. Voltei. Do que eu estava falando?

— Do Matthew.

— Ah, é. Elizabeth Heywood me disse que no verão passado tinha tipo umas seis pessoas dormindo nos quartos de hóspedes da casa dele em Vineyard. Matthew convidou Elizabeth sendo que mal a conhecia; uma dessas coisas de momento, quando eles se conheceram numa livraria em Boston. Quando ela chegou, tinha todas aquelas pessoas ficando lá. É uma casa enorme, e algumas pessoas que estavam lá Matthew havia conhecido naquele verão mesmo, uns caras que estavam trabalhando de garçom durante as férias. Os pais dele estavam ficando na casa de hóspedes.

— Que bizarro.

— Quer ouvir a minha análise? — perguntou Zada.

— Não tenho como te impedir.

— O.k. Fazer o papel de anfitrião, ou se comprometer a fazê-lo, é a forma como Matthew dissipa o nervosismo que as pessoas possuem em relação à sua posição social. E, aqui é onde a coisa complica, paradoxalmente isso o ajuda a solidificar essa posição elevada.

— O quê?

— Porque ele está deixando que as pessoas vejam os bastidores do cotidiano de sua vida superprivilegiada. E na posição de anfitrião, o centro das atenções.

— ã-hã.

— O que você acha? — Zada sempre queria que Frankie concordasse com seus insights.

— Acho que você anda lendo muita sociologia, ou algo assim.

— Nunca é demais — disse Zada. — Tenho que ir agora, mas pense

nisso.

Ela desligou.



NO FIM DAS CONTAS, A LOBA era Elizabeth Heywood, a garota que tinha ido à casa de Matthew em Vineyard. Frankie conhecia Elizabeth mais ou menos por causa de Zada. Ela não era exatamente parte da turma do Alfa — mas era um par à altura dele, já que tinha passado grande parte do ensino fundamental como atriz de um seriado popular, fazendo o papel da filha cínica de um comediante famoso. Ela havia entrado na Alabaster como caloura no ano em que o programa terminou, mas ele ainda continuava sendo exibido. Tinha sido parte do ritual de iniciação de todo calouro nos últimos três anos ficar olhando Elizabeth caminhando pelo refeitório, um pouco mais velha e um pouco mais bonita do que seu personagem na TV.

Frankie sabia que Elizabeth tinha ganhado o dinheiro que estava pagando pela Alabaster. Ela também tinha ganhado o dinheiro que pagou por sua Mercedes vermelha, que descrevia como “uma compensação por ter passado a minha infância trabalhando com um monte de viciados em cocaína e bruxas manipuladoras” —, então ela se diferenciava de seus colegas da mesma maneira que dinheiro novo se diferencia de dinheiro velho.

Ela era extremamente conhecida em todo o campus — sem ser exatamente popular. Ela era mais do tipo que ficava indo de um lado para o outro, confortável em vários grupos sociais diferentes, sem estar firmemente associada a nenhum deles. Ela tinha aquele rosto largo, cheio de sardas e com covinhas enormes que você vê frequentemente em atores mirins que foram escolhidos por terem uma aparência tipicamente americana, e o cabelo dela, que tinha sido pintado de ruivo na TV, era castanho. Ela falava de forma distraída e levemente incompreensível, um traço que fez com que seu ibope fosse parar nas alturas na época de maior popularidade do programa.

Elizabeth e Alfa raramente eram vistos juntos, a menos que estivessem em um grupo, e nunca davam nenhuma demonstração de afeto. Ainda que estivessem saindo havia poucas semanas, eles se alfinetavam como se fossem casados havia anos.

Quando você está num colégio interno, e os obstáculos tradicionais como o transporte e as suspeitas dos pais são removidos da equação, os relacionamentos podem avançar rapidamente. Esse truísmo se aplicava não somente a Alfa e Elizabeth, mas também a Frankie e Matthew. Matthew era caloroso e dava demonstrações públicas de afeto. Menos de uma semana depois da festa no campo de golfe, Frankie era presença constante na mesa dele no refeitório.

A mesa era sempre composta de Matthew, Alfa, Dean e Callum — e (mais frequentemente do que qualquer um realmente a quisesse por lá) Star. Na maior parte do tempo juntavam-se a eles Elizabeth, Tristan e Steve (ambos jogadores de lacrosse e relativamente irrelevantes para este relato). Os caras faziam guerra de pãezinhos e discutiam política. E fofocavam e falavam sobre esportes e inclinavam suas cadeiras tão para trás que parecia certo que fossem capotar — mas isso nunca acontecia. Eles se divertiam mais do que qualquer outra pessoa naquele lugar.

Frankie estava muito feliz.

A qualidade de Matthew que ela mais gostava era sua aparente imunidade ao constrangimento. Por exemplo, Alfa disse uma coisa tão ridícula no jantar que Matthew esguichou suco pelo nariz, molhando toda a camiseta. Qualquer outra pessoa que Frankie conhecia teria ficado vermelha, sairia gaguejando do refeitório o mais rápido possível, trocaria de camiseta imediatamente e rezaria para que ninguém nunca mais falasse sobre o espirro de suco de maçã novamente.

Mas Matthew ficou de pé, ergueu os braços, vitorioso, e proclamou a si mesmo o ser humano mais nojento da Alabaster, desafiando qualquer um a provar o contrário. “Cheguem mais, venham todos. Aceitem o desafio. Veja se você é capaz de superar o Esguicho de Suco de Maçã do Livingston! Duvidamos seriamente que este nível supremo de nojeira possa ser superado, mas convidamos todos a tentar, e os apoiaremos em seus esforços.”

Dean tentou fazer uma montanha rosa de ketchup e purê de batatas, e depois lambê-la com sua língua repugnantemente comprida — mas, de acordo com uma votação, isso não foi páreo para o ESML. Alfa fez um som de peido com a axila, o que também não estava nem perto de ser nojento o suficiente.

— A minha decência em público me impede de ser um desafiante de verdade — ele disse. — Não estou reconhecendo a derrota. Sou educado demais para realizar atos de nojeira pesada enquanto calouros inocentes tentam comer sua carne misteriosa.

Callum alegou que não tinha esse tipo de constrangimento, começou a colocar todos os seus *croutons* dentro do suco de laranja e em seguida esvaziou o copo.

— Isso está mais para autopunição do que para nojeira — argumentou Matthew. — A pessoa que você está deixando enojada é você mesmo. E, você tem de admitir, essa estratégia é notadamente fraca.

Callum reconheceu a derrota, e eles se levantaram para limpar as

bandejas. Matthew pôs a mão na base das costas de Frankie. Ela jamais teria imaginado que se sentiria atraída por um garoto que tinha acabado de esguichar suco pelo nariz, mas ela estava.

Mais tarde, entretanto, ela não pôde deixar de perceber que, das cinco pessoas que estavam na mesa (incluindo Matthew), ela era a única que ninguém esperava que fizesse algo nojento.

E ela também não tinha se oferecido.

À medida que as semanas foram passando, Frankie começou a perceber que, apesar de Matthew acolher a entrada de outras pessoas em seu mundo de forma surpreendentemente calorosa, não ocorria a ele entrar no mundo de mais ninguém. Ela teve de apresentá-lo a Trish três vezes antes que ele comesse a reconhecê-la sozinho, e quase nunca ia ao dormitório de Frankie. Se ele queria vê-la, ligava e pedia que ela saísse para encontrá-lo.

Ele não conhecia nenhum amigo de Frankie do Clube de Debates, nem os colegas do segundo ano com quem ela convivia. Ele não tinha curiosidade sobre sua família. Ele esperava que ela se tornasse parte de sua vida, mas não queria ser parte da vida dela.

Muitas garotas não percebem quando estão nessa situação. Elas ficam tão focadas em seus namorados que esquecem que tinham uma vida antes do relacionamento, de modo que não se incomodam se os namorados não prestam atenção.

Frankie tinha percebido — mas não tinha certeza se ligava ou não. Ela nunca tinha se sentido muito próxima das pessoas de quem tinha ficado amiga no primeiro ano. Ela gostava muito da Trish, mas Trish estava envolvida com Artie. E Frankie não apenas adorava Matthew — ela adorava o mundo dele. Ele e seus amigos pareciam... melhores do que ela e os amigos dela.

Não por causa do dinheiro.

Não por causa da popularidade.

Roupas caras e posição social não tinham muito efeito em Frankie. Mas era o dinheiro e a popularidade que tornavam a vida de Matthew, Dean, Alfa e Callum extremamente fácil. Eles não precisavam impressionar ninguém e, portanto, eram notavelmente livres de arrogância, ansiedade e comportamentos aspiracionais cansativos, como competir por notas ou ficar julgando as roupas uns dos outros. Eles não tinham medo de burlar as regras, pois as consequências raramente se aplicavam a eles. Eles eram livres. E eram tolos. Mas estavam seguros.

Frankie e Matthew estavam saindo havia duas semanas quando ele a trocou por Alfa pela primeira vez. Eles estavam caminhando juntos depois de jantar, dando uma volta perto da lagoa só para estarem num

lugar bonito — do jeito que as pessoas fazem quando começam a namorar — quando o telefone de Matthew tocou.

Em vez de desligá-lo, como tinha feito nas duas primeiras semanas do relacionamento, Matthew o abriu.

— E aí, mano — ele disse, e então ficou ouvindo por alguns minutos. Frankie conseguia escutar o tom de voz grave e rouco de Alfa do outro lado da linha. — Preciso ir — Matthew disse, desligando o celular e beijando Frankie na bochecha três vezes para mostrar que ainda era louco por ela. — O pessoal combinou de estudar cálculo. Viajei, esqueci.

E ele se foi.

Ela ficou parada na beira da lagoa, vendo o sol se pôr, sozinha.

A segunda e a terceira vezes foram iguais. Alfa ligou e fez alguma exigência — e Matthew desapareceu. Sempre era alguma coisa que Frankie não podia contra-argumentar ou pedir para ir junto: um grupo de estudo de quartanistas, um encontro do jornal, arrecadação de dinheiro para o time de futebol. Mas era sempre o Alfa quem ligava, e Frankie não era boba.

Ele estava marcando seu território.

Matthew.

Mais frequentemente ainda, Alfa e os garotos vinham ao encontro de Matthew — tanto que às vezes Frankie tinha a impressão de que estava saindo com todos eles de uma só vez. Ela e Matthew iam estudar na biblioteca ou estavam caminhando em direção ao refeitório para jantar, e os manos apareciam correndo, rindo e se empurrando, barulhentos e alegres. Tristan segurava Frankie e a rodopiava (ele era um cara grande, o voga da equipe de remo), e Callum fazia um questionário sobre as garotas do segundo ano que achava atraentes. Ou então Alfa se enfiava entre ela e Matthew, enlaçando cada um com um braço enquanto caminhavam, deixando Frankie desconcertada com a firmeza com que a pegava pela cintura. O que quer que ela e Matthew estivessem conversando seria deixado de lado em favor do que quer que Alfa quisesse conversar.

Uma vez, Matthew, Alfa e Steve — voltando de um jogo de futebol — viram Frankie a caminho da piscina, onde se encontraria com Trish. Eles a seguiram e fizeram questão de entrar na piscina usando os calções do uniforme, empurrando uns aos outros na parte mais funda, dando bombas do trampolim.

Trish atravessou a piscina batendo pernas com Frankie por vinte minutos, e em seguida disse que ia sair para tomar uma ducha. Frankie continuou lá, e deixou a parte mais rasa da piscina em direção ao fundo, onde estavam os garotos.

Ela não se importava com eles ali. Não agora; nem nunca, na verdade.

Sim, ela queria ficar a sós com Matthew, mas adorava o jeito que o mundo se acendia quando os garotos estavam por perto — adorava o jeito que eles tiravam sarro uns dos outros, provocavam-se e conversavam efusivamente entre si. Como nas melhores famílias.

Geralmente, Matthew pegava a mão dela quando eles apareciam. Ou tocava seu pé por baixo da mesa, para que ela soubesse que ele continuava pensando nela. E os manos ficavam misturando suco com refrigerante, ou tentando memorizar datas para as aulas de história, ou desenhando coisas ridículas em seus cadernos, ou fazendo aviões de papel ornamentais em vez de estudar — e Frankie era parte daquilo. Ou quase.



COMO UMA PESSOA SE TORNA A pessoa que ela é? Quais são os fatores de sua cultura, infância, educação, religião, condição financeira, orientação sexual, raça, interações cotidianas — que tipo de estímulos a levam a fazer escolhas que farão com que outras pessoas a odeiem depois?

Este relato é uma tentativa de identificar os elementos da personalidade de Frankie Landau-Banks que contribuíram para o que aconteceria depois. O que a levou a fazer o que ela fez: coisas que mais tarde ela veria com uma mistura curiosa de arrogância e arrependimento. Os processos mentais de Frankie tinham sido estimulados pelas aulas da srta. Jensson sobre o pan-óptico, seus encontros com Alfa, a proibição que sua mãe lhe fez de caminhar da praia até a cidade, sua observação do quanto Matthew ficou contente quando a socorreu depois do acidente de bicicleta, e a raiva que sentiu de Dean por não se lembrar dela. Todos esses fatores tiveram um papel no que aconteceu depois. E aqui vai mais um:

Como você se lembra, Frankie estava lendo *O código dos Woosters*, de P. G. Wodehouse, por diversão. Ela o havia deixado no chão da biblioteca na noite em que recebeu de Matthew o convite para a festa no campo de golfe, mas no dia seguinte voltou lá e o retirou. O livro não deve ser descartado como influência em seu comportamento por uma série de razões.

Primeiro, os jovens neste e em muitos outros livros de Wodehouse — vários dos quais Frankie também leu — são membros do Drones, um clube inglês de cavalheiros povoado por rapazes bobalhões com os bolsos cheios de dinheiro e muito tempo livre. Ao contrário de todos os outros clubes descritos neste relato, o Drones tinha uma sede permanente. Havia uma piscina, um restaurante e diversos espaços para fumar, beber e compartilhar histórias. Bertie Wooster, Gussie Fink-Nottle, Catsmeat Potter-Pirbright e todos os demais personagens de Wodehouse criaram seus laços no colégio interno. Eles baseiam a maior parte de suas decisões éticas e financeiras (Devo lhe aconselhar numa aposta? Emprestar-lhe dinheiro? Pedir-lhe um favor?) no fato de o outro ser ou não um velho colega de escola.

Os Drones estão sempre a fim de se divertir. Eles roubam capacetes da polícia, apostam grana pesada em corridas de saco na escola, fazem os outros tropeçarem e caírem totalmente vestidos na piscina. E embora sejam, em sua maioria, muito limitados para se tornarem membros do Parlamento ou editores de jornais — muitos deles ficam

sem grana de tempos em tempos —, todos sempre serão Veteranos.

Segundo, o sr. Wodehouse é um estilista da prosa dono de um talento tão surpreendente que Frankie chegou a quase dar pulos de alegria quando leu algumas de suas frases pela primeira vez. Até sua descoberta de *Algo fresco* na prateleira mais alta da estante de Ruth, numa manhã morosa de verão, a leitura de lazer de Frankie consistia basicamente em best-sellers de mistério que encontrava nas estantes giratórias da biblioteca pública a uma quadra de casa e os contos da Dorothy Parker. Os jogos de palavra divertidos de Wodehouse penetraram nas sinapses dela como um verme em uma espiga de milho fresca.

“Ele falou com um certo que-é-isso em sua voz, e pude ver que, se não estivesse infeliz de fato, ele estava muito longe de estar desinfeliz.”

— *O código dos Woosters*

Frankie leu essa frase, que os fãs de Wodehouse amam e repetem sem parar uns aos outros (apesar de ela ainda não saber disso), e sua mente começou a zunir.

— Vem me dar um beijo — ela disse a Matthew. Eles estavam na área comum da biblioteca numa tarde de domingo, estudando. Frankie tinha terminado o que planejava fazer, e estava lendo Wodehouse para fazer companhia a Matthew.

Ele se levantou da mesa, caminhou até o sofá em que ela estava sentada e beijou seus lábios. Não havia mais ninguém por ali.

— Hummm — ela sussurrou. — Agora estou desinfeliz.

— O quê?

— Desinfeliz. Antes eu estava infeliz.

— Por quê?

— Está chovendo, não tem nada pra fazer além de estudar, a máquina de salgadinhos está quebrada. Sabe como é, infeliz.

— E agora você está...

— Desinfeliz.

Ela esperava que o rosto de Matthew se iluminasse ao ouvir aquela nova palavra, mas ele passou a mão suavemente no queixo dela e disse:

— Não acho que essa palavra significa o que você acha que ela significa.

— O quê?

Frankie não achava que era uma palavra de verdade. Ela achava que... Ela achava que fazia parte da teoria que mais tarde viria a

chamar de “positivo negligenciado”.

Prefixos como “in”, “não”, “an”, “des” e “im” fazem com que as palavras fiquem negativas, certo? Pode haver partículas gramaticais que não estou citando aqui, mas falando de modo geral. Então, você pega uma palavra positiva como “refreado” e acrescenta um “i” para ter uma negativa: irrefreado.

Possível. *Impossível*.

Sensato. *Insensato*.

Quando há uma palavra ou expressão negativa — *imaculado*, por exemplo — cujo positivo quase nunca é usado, e você decide usá-lo, você se torna um tanto quanto interessante. Ou pretensioso. Ou pretensiosamente interessante, o que às vezes pode ser bom. Em todo caso, você está desenterrando uma palavra morta. O positivo negligenciado de *imaculado* é *maculado*, o que significa moralmente impuro ou manchado. O positivo negligenciado de *incômodo* é *cômodo* — que significa suportável — apesar de quase ninguém usar nesse sentido.

Outras vezes o positivo negligenciado *não* é uma palavra. Nesses casos, é um positivo negligenciado imaginário, ou PONI.

(Frankie inventou tudo que está escrito depois da parte sobre *maculado* e *cômodo*, caso você esteja pensando em impressionar sua professora de português com seu conhecimento sobre PONIS.)

Alguns PONIS: *impetuoso* é alguém que age de cabeça quente, sem pensar, de forma impulsiva. A forma positiva não existe, então você pode inventar uma palavra nova e ilegítima.

Petuoso, significando cuidadoso.

Epto, significando competente, a partir de *inepto*.

Comodado, significando relaxado e confortável, a partir de *incomodado*.

Você pode criar mais PONIS ao fingir que algo é negativo quando não é — porque, como você pode justificar, tem um daqueles prefixos no começo.

Impugnar significa questionar, atacar com palavras. Vem do latim *in-* (contra) mais *pugnare* (lutar). *Pugnar*, por si só, tecnicamente significa lutar, tipo, brigar de soco. Mas para um positivista negligenciador de carteirinha, *pugnar* seria o mesmo que falar bem de alguma coisa.

Outra técnica que o positivista negligenciador pode usar é dar um novo significado a uma palavra que já existe mas, por meio das convoluções da gramática, tecnicamente não significa o que você decidiu que ela significa. O positivo negligenciado de *incriminar* é

criminar, que tecnicamente significa a mesma coisa — já que o *in-* não tem um peso negativo nesse caso —, mas é muito mais divertido se você usar significando o contrário. *Criminar*: fornecer um álibi a alguém.

Quando você redefine uma palavra desse jeito, você está criando um falso positivo negligenciado, o oposto de um positivo negligenciado imaginário, de modo que pode ser útil chamar essas falsetas de FAPONI. Mas como *falseta* é uma palavra mais divertida, Frankie preferiu ficar com ela. Mais tarde, quando bolou tudo isso.

Desinfeliz/ infeliz é uma falseta, ainda que Frankie não soubesse até que Matthew explicasse isso a ela (não nesses termos, é claro).

— *Desinfeliz* quer dizer descontente — ele disse, se aproximando do dicionário, que ficava num suporte alto. Ele virou algumas páginas. — Não quer dizer *feliz*, quer dizer... Olha, *desinfelicidade* quer dizer *desgraça*, ou melhor ainda, *infortúnio*. — Ele foi até a letra I. — *Infeliz* vem da mesma origem latina.

— Por quê? — Frankie ficou chateada por ele estar sendo tão literal. — Isso não faz nenhum sentido, porque se você diz que *desinfelicidade* é o mesmo que infortúnio, então *infelicidade* deveria ser o mesmo que felicidade.

— Hummm... — Matthew correu os olhos pelo dicionário. — *Des-* é um prefixo que pode ser usado tanto para tornar negativo quanto para intensificar.

Frankie se largou no sofá.

— Gosto mais da minha versão.

Matthew tirou o dicionário do suporte e se sentou na mesinha.

— Meu pai trabalha com jornais — ele disse. — Não sei se já contei a você.

Como se todo mundo na escola não soubesse quem era o pai dele.

— Ele começou como revisor, e costumava nos fazer usar o dicionário durante os jogos na nossa casa de verão. Então eu aprendi, com medo da humilhação pública, a procurar qualquer palavra sobre a qual não tivesse certeza absoluta.

Frankie não queria que Matthew estivesse certo. Na verdade, uma busca na internet mais tarde provaria que *desinfeliz* pode mesmo significar feliz, mas é uma formação a partir de *infeliz*, que provavelmente começou em *O código dos Woosters*, então hoje significa, de forma legítima, tanto uma coisa quanto o contrário.

Mas quando Frankie descobriu isso, já não falava com Matthew há um bom tempo.

O que a incomodava não era o fato de Matthew estar certo — mas

o fato de ele não ser capaz de simplesmente curtir a palavra inventada. Ele *precisava* estar certo. E havia passado a mão em sua cabeça — no caso, em seu queixo, como se faz com um cachorro — quando a informou que, basicamente, sua astúcia ao propor *desinfeliz* tinha sido completamente atropelada pela memória descomunal que ele tinha, capaz de recordar detalhes obscuros do dicionário.

— Era uma piada — ela disse a ele.

— Eu sei — ele disse. — Mas só teria graça se você estivesse mesmo inventando uma palavra, mas nesse caso não estava.

— Você não precisa me fazer sentir como se eu fosse uma idiota.

— Só estava ressaltando uma coisa que pensei que você gostaria de saber.

— Bela maneira de acabar com a graça.

— Não seja tão sensível, Frankie.

— Eu não sou.

— Você está fazendo bico por causa de uma palavra no dicionário.

— Então tá. — Frankie voltou para seu livro, mas não continuou a ler. Se ela fosse tão sensível, pensou, não ficaria muito tempo com aquele garoto, aquele garoto maravilhoso que a deixava tonta quando a beijava.

Ela perderia aquele mundo em que havia entrado, os ritmos imprudentes das trocas de insultos, a autoimolação desavergonhada, o ridículo vertiginoso de Matthew e seus amigos. Ela logo entendeu que ser insistente ou carente era o caminho mais rápido para perder seu lugar entre eles.

Ela não estava preocupada apenas em perder o afeto do namorado. Ela estava preocupada em perder seu status entre os amigos dele.

Matthew tinha feito Frankie se sentir *delével*. Sim, essa era uma boa palavra para descrever.

Ela arrancou uma folha do caderno e começou a fazer uma lista.

FRITAS COM QUEIJO



ALGUNS E-MAILS ENVIADOS no começo de outubro, que mais tarde cairiam nas mãos de outras pessoas além de seus destinatários:

De: Porter Welsch [pw034@alabaster.edu]

Para: Frances Landau-Banks [fl202@alabaster.edu]

Assunto: Ei

Frankie, e aí? Espero que tudo esteja correndo bem para você nesse semestre. Queria me desculpar pelo que aconteceu com a Bess no ano passado.

— Porter

De: Frances Landau-Banks [fl202@alabaster.edu]

Para: Porter Welsch [pw034@alabaster.edu]

Assunto: Re: Ei

Você está dizendo que *queria* se desculpar ou que *está* se desculpendo? Sua gramática é confusa.

De: Porter Welsch [pw034@alabaster.edu]

Para: Frances Landau-Banks [fl202@alabaster.edu]

Assunto: Este sou eu, pedindo desculpas

Me desculpe.

De: Frances Landau-Banks [fl202@alabaster.edu]

Para: Porter Welsch [pw034@alabaster.edu]

Assunto: Imprecisão consciente

Aliás, o que você quer dizer com “pelo que aconteceu com a Bess”?

Sua imprecisão foi consciente?

De: Porter Welsch [pw034@alabaster.edu]

Para: Frances Landau-Banks [fl202@alabaster.edu]

Assunto: Re: Imprecisão consciente — NÃO

Minha imprecisão foi inconsciente.

Por ter ficado com a Bess pelas suas costas.

Você não deixa passar nada, deixa?

De: Frances Landau-Banks [fl202@alabaster.edu]

Para: Porter Welsch [pw034@alabaster.edu]

Assunto: Re: Re: Imprecisão consciente — NÃO

Não. Mas por que pedir desculpas agora? Por que não durante o verão, ou no começo das aulas?

De: Porter Welsch [pw034@alabaster.edu]

Para: Frances Landau-Banks [fl202@alabaster.edu]

Assunto: Hambúrguer

Agora estou me sentindo propenso a pedir desculpas.

Que tal comer um hambúrguer na quarta-feira no Alpendre?

De: Frances Landau-Banks [fl202@alabaster.edu]

Para: Porter Welsch [pw034@alabaster.edu]

Assunto: Re: Hambúrguer

Por que eu deveria comer um hambúrguer com você? Me dê três motivos.

De: Porter Welsch [pw034@alabaster.edu]

Para: Frances Landau-Banks [fl202@alabaster.edu]

Assunto: Por que Hambúrguer?

Hambúrguer de graça, que eu vou pagar.

Porque eu queria ser seu amigo.

Porque tem uma coisa que eu queria conversar com você.

De: Frances Landau-Banks [fl202@alabaster.edu]

Para: Porter Welsch [pw034@alabaster.edu]

Assunto: Hambúrguer de quarta-feira

Eu sempre como fritas, nunca hambúrguer. Sou vegetariana. Você devia se lembrar disso a meu respeito.

De: Porter Welsch [pw034@alabaster.edu]

Para: Frances Landau-Banks [fl202@alabaster.edu]

Assunto: Re: Hambúrguer de quarta-feira

Você sempre pede fritas COM QUELJO. Viu? Não sou um idiota completo.

De: Frances Landau-Banks [fl202@alabaster.edu]

Para: Porter Welsch [pw034@alabaster.edu]

Assunto: Idiota

Sobre o que você quer conversar?

De: Porter Welsch [pw034@alabaster.edu]

Para: Frances Landau-Banks [fl202@alabaster.edu]

Assunto: Re: Idiota

Eu digo quando vir você.

Bjs e abs, Porter

De: Frances Landau-Banks [fl202@alabaster.edu]

Para: Porter Welsch [pw034@alabaster.edu]

Assunto: Bjs e abs

Não me mande bjs e abs, Porter. Só porque estou deixando você me pagar fritas com queijo não significa que você possa me mandar bjs e abs.

De: Porter Welsch [pw034@alabaster.edu]

Para: Frances Landau-Banks [fl202@alabaster.edu]

Assunto: Re: Bjs e abs

Abs, então.

P

De: Frances Landau-Banks [fl202@alabaster.edu]

Para: Porter Welsch [pw034@alabaster.edu]

Assunto: Abs

Você está querendo me deixar irritada?

De: Porter Welsch [pw034@alabaster.edu]

Para: Frances Landau-Banks [fl202@alabaster.edu]

Assunto: Re: Abs

ABS ABS ABS ABS ABS ABS ABS ABS ABS ABS ABS ABS

— Por que ele quer que seja no Alpendre? — Frankie reclamou para Trish na madrugada de sábado. Elas estavam sentadas em suas camas no dormitório, vestindo pijamas. Frankie deveria estar estudando para uma prova de história, e Trish estava folheando o livro *Histórias para aquecer o coração de aficionados por cavalos*. — Eu já aceitei o pedido de desculpas dele. Agora ele me manda e-mails cheios de abraços e quer me pagar fritas com queijo? Parece desnecessário.

— Ele quer ser seu amigo — disse Trish. — Ele só vai se sentir bem consigo mesmo e sobre o que fez com a Bess se você deixar ele mandar e-mails cheios de abraços.

— Você acha que eu devo contar ao Matthew que a gente vai almoçar?

— Sim.

— Por quê?

— Você ia gostar se o Matthew almoçasse com uma das ex-namoradas dele?

— Não.

— Pelas suas costas?

— Menos ainda.

— Então você tem que contar pra ele — concluiu Trish. — Isso é ser madura.

O celular de Frankie estava carregando, apoiado sobre o criado-mudo. Ela ligou para Matthew.

— Tenho que sair para comer com o meu ex-namorado — ela disse a ele. — Na quarta-feira.

— Aquele que traiu você com a Bess?

— Só tive um namorado.

— Além de mim.

— Além de você. — Ela se sentiu aquecida por dentro quando ele disse que era o namorado dela. — Ele quer me comprar fritas com

queijo para se sentir melhor consigo mesmo.

— Ah, não vá.

— Não, preciso ir.

— Por quê? Você não deve nada pra esse cara. Aliás, alguma vez ele pediu desculpas a você?

— Sim, na verdade ele pediu.

— Então o que mais ele tem pra dizer? Dê um bolo nele. Venha comigo e vamos fazer um piquenique na beira da lagoa em vez disso.

Teria sido tão fácil simplesmente aceitar o convite e evitar a discussão que parecia estar ganhando forma. Parte de Frankie queria aceitar. Mas ela estava muito curiosa para saber o que Porter tinha para dizer, e já tinha prometido ir.

— É só uma porção de fritas com queijo no Alpendre — ela disse a Matthew.

— Eu sei, mas você está deixando ele te passar a perna.

Frankie levantou e começou a andar de um lado para o outro.

— Não, não estou. Ele só quer conversar comigo.

Trish interrompeu.

— Matthew está com ciúmes?

Frankie fez um gesto com a mão para que ela se calasse, enquanto Matthew dizia:

— É, mas ele não merece conversar com você.

— Não vai acontecer nada — Frankie disse, ao telefone.

— Eu só acho que você não deveria ir. Não deixe que ele intimide você.

Desde quando alguém ia intimidá-la? Aquilo foi simplesmente ofensivo.

— O que ele está dizendo? — sussurrou Trish.

— Eu não deixo os homens me passarem a perna — Frankie disse a Matthew. — Só porque o Porter *fez* isso, não quer dizer que eu *deixe* ele fazer.

— O.k.

Ela detestou o tom ofendido que veio em sua voz. Mas ela disse o que estava pensando mesmo assim:

— Por favor, não me diga o que fazer.

— O quê?

— Não me diga o que fazer.

Matthew pareceu genuinamente surpreso.

— Eu nunca diria a você o que fazer.

— Você acabou de me dizer para não almoçar com o Porter!

— Mas você disse que não queria ir, eu estava te encorajando a se impor.

— Eu nunca disse que não queria ir! — Frankie gritou, frustrada.

Ela escutou alguém bater na porta de Matthew e a voz de Alfa dizendo: “Ei, mano, por que você está demorando tanto?”.

A voz de Matthew ficou ensolarada de repente.

— Alfa chegou. Frankie, vou ter que ir.

— Então tá.

— Não fique zangada, tá bem?

— Talvez. — Como é que ele podia desligar bem no meio da discussão?

— Faça o que você quiser fazer. O que quiser, tá bem?

— Tá bem.

— Não fique zangada.

— Tá bom. Tá bom.

— Você está zangada? Não fique zangada comigo porque eu sou louco por você.

— Não estou zangada. — E ela não estava. Não exatamente. Ele parecia tão lamurioso e preocupado, achando que ela estava zangada.

— Que bom — Matthew disse. — Preciso ir. Alfa precisa conversar comigo. Boa noite, querida.

— Boa noite.

Frankie fechou o telefone.

— Ele me deixou ir — ela disse a Trish.

— Ele *deixou*? Desde quando ele *deixa* você fazer as coisas? — Trish sentou-se na cama.

— Não, não foi desse jeito. Não é que ele esteja me *deixando* ir. Ele só não queria que eu fosse.

— Então ele está com ciúmes.

— Talvez. Mas ele não quer que eu fique zangada com isso. E terminou dizendo que eu podia fazer o que eu quisesse.

— Como é que o assunto mudou de você dizendo a ele que ninguém passa a perna em você para ele deixando você ir? — perguntou Trish. — Entre uma coisa e outra tem uma longa distância.

— É. — Frankie virou seu travesseiro do outro lado e apagou a luz.
— Ainda não entendi direito como foi que isso aconteceu.

A CAMISETA



NO DIA SEGUINTE, Matthew deu a Frankie sua camiseta do Super-Homem. Era uma camiseta bem fininha, azul-cobalto, que ele tinha havia três anos. Quando era caloura, ela o tinha visto muitas vezes usando aquela camiseta, seus ombros largos, a cintura estreita e os óculos de armação escura dando um visual muito Clark Kent — um corpo de super-herói coberto por um disfarce de jornalista. Então, quando Matthew usava aquela camiseta, era como se ele ainda fosse o Clark Kent, mas um Clark Kent usando o símbolo do Super-Homem, o que era totalmente metalinguístico. E sensual.

Matthew nunca tirava os óculos, a menos que a estivesse beijando. Quando ela o viu sem eles, ele não parecia em nada com o Super-Homem. Ele parecia confuso, como se estivesse faltando alguma coisa. Ela experimentou os óculos uma vez e se deu conta de que ele era tremendamente míope.

A tarde em que Frankie ganhou a camiseta foi uma das poucas vezes em que eles conseguiram ficar totalmente a sós no quarto que Matthew dividia com Dean. Era uma tarde de domingo, e a maioria dos colegas tinha pegado as vans do colégio em direção à cidade, onde eles almoçariam, veriam vitrines e fugiriam dos professores substitutos que os acompanhavam. Normalmente, uma garota só poderia entrar nos dormitórios dos garotos das sete às nove e meia da noite, o “horário de estudos em grupo”, para o qual ela teria de se inscrever formalmente. Então, naquele dia, Matthew levou Frankie até seu dormitório pela saída de incêndio, que podia ser alcançada ao subir em uma árvore ao lado de uma cerca viva que se conectava à escada, por onde você tinha de subir até o terceiro andar, entrar pela janela do banheiro e depois seguir pelo corredor.

Eles ouviram música e se beijaram na cama de Matthew por algum tempo. Depois jogaram palavras cruzadas e baixaram algumas músicas. Em determinado momento, Frankie notou o bibelô de um bassê de olhos caídos na mesa de cabeceira de Matthew — do tipo que você encontra em lojas Hallmark ou na sala de visitas da sua bisavó, coberto por uma fina camada de pó. A pintura do nariz estava gasta, e as patas estavam lascadas.

— Quem é o seu amigo aqui? — Frankie perguntou, deduzindo na hora que o cachorro de Matthew era o mesmo cachorro dos convites, que era o mesmo cachorro da sociedade secreta do Sênior.

— Por favor, não mexa nisso.

— Por quê? — Frankie pegou o cachorro e passou a mão em suas

orelhas de porcelana. — É muito valioso?

— Duvido.

— Bom, então por quê? — Ela tinha esperanças de que ele lhe dissesse, que compartilhasse seus segredos com ela.

— Tem valor sentimental, só isso. Será que você poderia, hã, parar de mexer nele, como eu pedi?

Frankie tirou as mãos do bassê e olhou para Matthew.

— Não vou quebrar. Qual é o problema?

Matthew estendeu o braço e pegou a mão dela, sorrindo.

— Não vou contar pra você. Volta aqui pra cama comigo.

Ela ficou onde estava.

— Não estou entendendo qual é o grande segredo — ela resmungou, ainda que soubesse.

— Não é um grande segredo. Só não quero falar sobre isso.

— Então tá.

— Frankie.

— Que foi?

— Por favor, não fique magoada.

— Não vou ficar.

— Você é minha namorada — sussurrou Matthew. — Você é minha garota e eu sou seu cara, e você é minha garota e eu sou seu cara. Não vamos brigar.

— Mas eu não posso mexer no seu cachorrinho de porcelana.

— Não — ele disse, beijando-a. — Você não pode mexer no meu cachorrinho de porcelana.

Eles se beijaram mais um pouco, e daí começou a ficar tarde, então Frankie levantou da cama e se abaixou para pegar seu suéter do chão. Matthew, talvez sentindo-se mal por não tê-la deixado mexer no seu bassê, tirou a camiseta do Super-Homem da cômoda e deu a ela.

— Tome — ele disse a ela. — Vista isso.

Ela teria de tirar a camiseta para vestir a outra e, por um instante, hesitou.

Ele era mais experiente do que ela, obviamente. Ele estava olhando para ela como se tirar a camiseta não fosse nada de mais.

— Vire de costas — ela disse a ele.

— O quê?

— Vire de costas. Não vou trocar de roupa na sua frente.

Ele se virou, obediente, sobre a cama, e enfiou o rosto em um

travesseiro.

— Mmmfff — ele disse com um som abafado.

— Que foi?

— Às vezes esqueço que você só tem quinze anos — ele disse.

Frankie estava metade comovida e metade magoada, mas vestiu a camiseta. Tinha o cheiro dele — de sabão, de pele e de menino.

— Obrigada.

Matthew sentou e a abraçou pela cintura. Porter nunca a tinha abraçado daquele jeito, como se estivesse sentindo um ataque de entusiasmo.

— Quero que você fique com ela.

Frankie usou a camiseta no dia seguinte, e viu pelo jeito que as pessoas olhavam que todo mundo sabia que era do Matthew. Ou tinha sido dele. E ela se sentiu bem por estar usando a camiseta dele.

Mas quando contou a Zada sobre aquilo, Zada disse:

— Credo, Frankie, não seja tão antiquada. Quer dizer, Matthew é um cara legal e tudo mais, mas usar a camiseta dele é como usar uma placa dizendo “Propriedade de Matthew Livingston” nos peitos.

— Zada!

— Tá, mas é.

— Não é.

— É como se ele tivesse marcado você.

— Pelo contrário — retrucou Frankie. — Ele me deu uma coisa que adora, uma coisa de que não gostaria de ficar sem.

— Nada, é como um cachorro fazendo xixi num hidrante. Ele está marcando você com o cheiro dele.

— Ah, para com isso.

— Tudo bem. Aqui vai outra interpretação. Você fica bem nessa camiseta? — perguntou Zada. — Tenho certeza de que fica.

— É, acho que sim — disse Frankie, dando uma risadinha.

— Então talvez ele queira ver você vestindo ela. Talvez ele esteja escolhendo suas roupas. O que você acha disso, de ele te vestir como uma boneca?

— Não. Se ele estivesse escolhendo minhas roupas, acho que me daria outras coisas para vestir, não uma camiseta velha.

— Mesmo?

— Fala sério, é uma camiseta toda esfarrapada.

— Talvez seja disso que ele goste.

— Zada. Talvez fosse algo que era *dele*, e que ele quis me dar. Como um sacrifício.

Zada riu.

— Um sacrifício?

— Se você quiser levar esse argumento adiante — disse Frankie —, você pode dizer que ele a deu para mim como uma oferenda para uma deusa.

— Agora você está sendo ridícula.

— Não mais do que você dizendo que ele é um cachorro, a camiseta é o xixi e eu sou o hidrante. Você está fazendo uma relação feliz parecer totalmente *maculada*.

— O quê?

— Maculada. Moralmente impura.

— Que seja.

— Talvez eu esteja vestindo uma oferenda que Matthew Livingston me deu em sacrifício, como tributo às minhas incríveis qualidades divinas.

Zada riu.

— Viu? — continuou Frankie. — Eu escutei quando você passou o verão todo falando sobre feminismo. E agora estou jogando de volta na sua cara! Retorcendo seu argumento até que ele implore por misericórdia! A doação da camiseta do Super-Homem foi um ato de submissão!

— Tá bem, tá bem, você venceu. Podemos mudar de assunto agora?

— Claro.

— Não vou para casa no Dia de Ação de Graças.

— Tudo bem. Será que você não pode simplesmente ficar desinfeliz por eu ter um namorado que me deu uma camiseta dele?

Zada fez uma pausa.

— Claro. Sim, estou desinfeliz por você ter um namorado que deu a você uma camiseta dele. Use proteção.

— Zada!

— Só estou falando. Tem camisinhas de graça na Planned Parenthood que fica na cidade; você pode ir até lá e sair de mãos cheias, se quiser.

— Nós estamos saindo há menos de quatro semanas!

— Só estou falando.

— Eu tenho quinze anos!

— Beleza. Tanto faz. Talvez a Berkeley esteja me pervertendo.

— É o que parece.

— Frankie?

— Hã?

— Não deixe que ele apague você.

— O quê?

— Não deixe que ele apague você — disse Zada. — Foi o que eu quis dizer sobre a camiseta.

— Não se preocupe — disse Frankie. — Eu sou indelével.

O CLUBE DO SUICÍDIO



NA SEGUNDA APÓS FRANKIE ter ganhado a camiseta, a srta. Jensson — professora de Cidades, arte e protesto — distribuiu uma pilha de artigos xerocados de jornais e revistas. A ideia era que servissem para estimular os alunos a escolherem o assunto que gostariam de abordar em seus trabalhos do semestre. Um dos artigos era sobre a história de um grupo de San Francisco autodenominado “Clube do Suicídio”.

O clube tirou seu nome de uma série de contos de Robert Louis Stevenson, que descreve uma sociedade pequena e seleta cujos membros concordaram, todos, em se matar. Eram homens desesperados — mas que viviam seus últimos dias livres de restrições sociais. Os membros do Clube do Suicídio de San Francisco, formado mais de cem anos após a publicação dessas histórias, não tinham planos de cometer suicídio. Eles só queriam viver o mesmo tipo de diversão desregrada.

Mais tarde o clube mudou de nome para Sociedade Cacofônica e, depois, para Cacofonia 2.0 — mas era basicamente a mesma coisa de qualquer forma. Os membros do clube se libertavam do senso de vigilância produzido pelo pan-óptico. O pan-óptico fazia com que eles sentissem que estavam sempre sendo observados, e eles estavam determinados a:

1. ir a lugares onde não podiam ser vigiados, como dentro do sistema de esgoto.
2. fazer aquilo que o vigilante imaginário e invisível não iria querer que jamais fizessem, como escalar até o topo de uma ponte; ou
3. comportar-se das maneiras menos ortodoxas possíveis para enfurecer o vigilante invisível, sem transgredir, tecnicamente, nenhuma regra — como dar festas em cemitérios ou se vestir de palhaço pela manhã, quando todos estão a caminho do trabalho.

Os membros do clube se recusavam a se conformar com certas regras tácitas, e faziam as pessoas perceberem a existência dessas regras ao quebrá-las em situações públicas.

Frankie acabaria fazendo seu trabalho do semestre sobre o Clube do Suicídio e as várias equipes de exploração urbana geradas por ele. Foi um trabalho excelente, e ela recebeu um A.

Servindo aos interesses de uma documentação completa, aqui vai um pequeno trecho do trabalho que ela entregou à srta. Jensson no dia 5 de dezembro do seu segundo ano.

As atividades do clube e de seus descendentes — a Sociedade

Cacofônica e a Cacofonia 2.0 — podem ser classificadas em duas categorias: exploração urbana e ridículo em público. Como exploradores urbanos, eles escalavam pontes suspensas, mais notavelmente a Golden Gate. Invadiam prédios abandonados e se arrastavam até o sistema de esgoto para um tour extraoficial. Davam festas à fantasia em cemitérios.

Enquanto pessoas públicas ridículas, eles se vestiam de animais e iam jogar boliche. Uma de suas ações mais conhecidas foi a “Palhaços no Ônibus”, em que dezenas de palhaços, aparentemente sem relação entre si, cada qual esperando em uma parada diferente na mesma rota, embarcaram em um ônibus municipal no horário em que todos estavam a caminho do trabalho (site da Santarchy, site da Cacofônica de LA).

Outra ação de destaque é “As Noivas de Março”, que acontece anualmente há oito anos. Os participantes colocam vestidos de noiva e saem desfilando pelas ruas, comprando testes de gravidez, flertando com balconistas em lojas de roupa social, fazendo compras na Tiffany’s, e experimentando lingerie na Victoria’s Secret. Eles terminam bebendo champanhe em um bar, onde a meta é “abordar turistas até sairmos casados ou expulsos de lá” (site das Noivas de Março).

Membros do clube são conhecidos por passar fins de semana inteiros vestidos de Papai Noel. O primeiro “SantaCon” — também chamado às vezes de “Santarchy” — foi concebido como uma celebração surrealista, um tipo de piada com as festas de fim de ano. Aconteceu em 1994, quando as pessoas desfilaram pelas ruas cantando versões depravadas de canções natalinas. Foi um sucesso tão grande que os organizadores acharam que tinha sido perfeito demais para repetir, mas logo em seguida acabaram adotando o lema: “Qualquer coisa que vale a pena ser feita vale a pena ser feita até enjoar” (site da Santarchy).

Agora o SantaCon acontece em aproximadamente trinta cidades; algumas ações arrecadam dinheiro para caridade, outras são mais um convite à bebedeira. O objetivo central não é criticar o comércio no Natal, embora alguns críticos tenham visto dessa forma. O objetivo central é o mesmo do Clube do Suicídio e da Sociedade Cacofônica: criar momentos psicodélicos na vida, em que as restrições comuns da sociedade se dissipam.

Quando os Papais Noéis de Portland foram convidados a se retirar de um shopping, eles começaram a gritar “Ho, ho, ho! Eu não vou!” e “Ser Papai Noel não é crime”. Quando a polícia os ameaçou, eles gritaram: “Um, dois, três... Feliz Natal!”. Depois, saíram correndo e embarcaram em um trem para o centro, onde foram todos comer

comida chinesa (PALAHNIUK, p. 142).

Muitas das aventuras do clube vão além da mera brincadeira e do surreal e se transformam em crítica social. Uma ação bastante recente, Palhaços Contra o Comércio, testou por quanto tempo um palhaço poderia ficar xingando executivos no centro de Los Angeles antes de ser preso ou levar uma surra. Outro evento, Assado de Pombo, patrocinado pela entidade fictícia Amigos da Televisão de Cachorro de Bay Area, foi promovido com a distribuição de um panfleto cômico que acabava criticando o confinamento de animais e a modificação genética (panfleto dos Amigos da Televisão de Cachorro).

Tanto As Noivas de Março quanto o SantaCon pegam símbolos sagrados de instituições seculares — o vestido de noiva representa o casamento, e Papai Noel representa o Natal — e os viram de ponta-cabeça.

Explorações urbanas são provocações às regras tácitas sobre o uso de espaços e serviços públicos. Você não deve brincar no cemitério. Você não deve escalar a ponte. Você não deve entrar nos túneis que passam por baixo da cidade.

Os membros do Clube do Suicídio fazem todas essas coisas. E o que é uma crítica social maior do que isso?

Mais tarde Frankie acabou queimando seu trabalho, por motivos que ficarão óbvios. Dessa vez ela foi cuidadosa o suficiente para queimá-lo no chuveiro de seu dormitório, e não se machucou.



FRANKIE SE ATRASOU POR ALGUNS minutos de propósito antes de encontrar Porter para o almoço na quarta-feira. Aquela troca de e-mails com ele tinha trazido de volta uma onda de insegurança que ela não sentia desde o ano anterior. Nos primeiros dias após o fim do namoro, Frankie ficou atormentada com a ideia de que Bess devia ser melhor do que ela. A simpática e comum Bess devia ser mais bonita, mais encantadora, mais experiente e inteligente do que Frankie — ou Porter não a teria traído.

Não importava que Bess não tivesse se tornado namorada de Porter depois do incidente.

Não importava que, no fundo, Frankie soubesse que era inteligente e encantadora.

O que importava era aquele sentimento de ser dispensável. De que, para Porter, ela era uma ninguém, que podia ser facilmente substituída por um modelo melhor — e o modelo melhor nem era assim tão bom.

O que significava que Frankie era praticamente desprezível.

Aquele era um sentimento ruim que não levaria a lugar nenhum, e cada palavra de cada e-mail que Frankie mandou para Porter era uma tentativa de lutar contra ele. Ela fez com que ele se desculpassem de várias maneiras, jogou positivos negligenciados pra cima dele, criticou sua gramática — e o tinha feito esperar antes de aceitar o convite. Tudo por causa do quanto ela se sentira mal ao lembrar como tinha significado pouco para ele.

A lanchonete Alpendre era uma cantina para os alunos que preferiam gastar dinheiro em vez de comer no refeitório. Tinha uma varanda antiga na entrada, mas por dentro era igual a qualquer lanchonete; você podia comprar hambúrgueres de carne e de frango, batatas fritas, refrigerantes, milk-shakes e sundaes. Havia uma prateleira de chocolates e uma geladeira cheia de sucos. A cada dois anos, os alunos faziam uma petição para que houvesse uma gama maior de opções tanto no Alpendre quanto no refeitório — como hambúrgueres vegetarianos, picolés de fruta e batatas assadas no Alpendre, e alguns vegetais de verdade no bufê de saladas do refeitório —, às vezes por motivos de saúde, às vezes para promover a agricultura sustentável. Mas a única concessão feita até então tinha sido um cesto de maçãs tristes ao lado da caixa registradora.

De qualquer forma, os alunos podiam pegar um prato descartável

cheio de comida gordurosa e comer ou do lado de dentro, com o calor e o barulho da grelha, ou do lado de fora, na varanda fechada por uma tela.

Quando Frankie chegou, Porter já estava lá, sentado do lado de fora com duas fritas com queijo. É claro que não era a primeira vez que ela o via naquele ano. Ela o via o tempo todo; ela até fazia aula de geometria com ele. Mas era a primeira vez que ela fazia qualquer coisa além de tentar evitá-lo, e quando ele levantou ela se sentiu pequena e infantil diante de sua corpulência.

— Ei, obrigado por ter vindo — ele disse.

— Sem problemas. Essas são as minhas? — Frankie estendeu o braço e agarrou uma batata com queijo, e depois sentou em frente ao Porter.

— Sim, eu não sabia o que você queria beber.

— Eles têm aquela limonada rosa?

— Vou ver.

Ele disparou para dentro e voltou alguns minutos depois trazendo uma garrafa de limonada rosa e uma lata de gengibirra Viva.

Frankie desejou não ter pedido aquela limonada rosa.

Limonada rosa era a bebida mais infantil que ela podia ter pedido.

— E aí, quais são as novidades? — Frankie perguntou.

Porter se inclinou na cadeira. Sua aparência era definitivamente menos nerd do que quando eles começaram a sair. Corte de cabelo novo. Camisa para fora das calças.

— O lacrosse está indo bem — ele disse. — O Clube de Espionagem está caindo aos pedaços agora que Buckingham se formou.

Frankie concordou com a cabeça.

— Fiquei sabendo que você vai trocar a festa do Conglomerado na sexta pelo seu namorado do último ano — provocou Porter.

— Como você sabe que eu tenho um namorado do último ano?

— Deixa disso, Frankie, todo mundo sabe.

— Todo mundo sabe?

— Claro. Um dos nossos, uma nerd, tirada da obscuridade pelo figurão do campus.

— Não é nada disso. — A descrição de Porter pôs Frankie na defensiva. Era assim que as pessoas a viam? Tirada da obscuridade por um garoto popular do último ano? Sua posição social inteiramente conferida a ela por Matthew?

Provavelmente.

Porque, é claro, aquilo era muito parecido com a verdade.

Mas era assim que Matthew a via?

— Então você e o Livingston estão firmes? — Porter perguntou.

— É — disse Frankie. — Acho que sim.

— Ele é bem mais velho.

— E daí?

— E daí — Porter comeu uma batata e se inclinou para trás na cadeira — que você está linda este ano, Frankie. Não deixe ele se aproveitar de você.

— Como é que é?

— Você sabe.

— Não, o quê?

— Não deixe ele se aproveitar.

— Era sobre isso que você queria falar?

Porter coçou o pescoço.

— Mais ou menos. É.

— Me diga que você não está dizendo o que eu acho que você está dizendo.

— O quê? — A expressão dele era inocente. — Não é nada contra você. Ou contra ele. Sou um cidadão preocupado.

— Por que a minha aparência faz você pensar que eu vou, de repente, deixar alguém se aproveitar de mim? — disparou Frankie. — Você não costumava pensar esse tipo de coisa a meu respeito. Eu nunca *deixei* você se aproveitar de mim.

— Não, mas...

— Sério, alguma vez eu fui alguém de quem era fácil se aproveitar?

— Hã...

— Quer dizer, fácil de trair eu sou. Disso eu sei. Você me deu todas as provas disso, muito obrigada. Mas alguma vez foi fácil se aproveitar de mim?

— Hã...

— Hein, Porter? Me responde.

— Nunca.

— Então.

— Livingston — balbuciou Porter. — Ele é...

— O quê?

— Como eu disse, mais velho. E você está...

— O quê? Você me mandou todos aqueles e-mails e fez todo um esquema para me dizer alguma coisa que queria dizer, então vamos logo com isso.

— Você está tão bonita agora, Frankie. É um elogio.

— E o que você quer dizer com “se aproveitar”, afinal? Você está partindo do princípio de que os caras querem fazer algo que as garotas não querem? Talvez a gente também queira. Talvez Matthew deva se preocupar se *eu* não vou me aproveitar *dele*.

— Não precisa me espinafrear. Eu estava tentando proteger você.

— Você acha que me dizer “tenha cuidado” vai fazer alguma diferença na minha decisão de transar ou não com Matthew? — Frankie sabia que tinha pegado pesado, mas estava furiosa. — Como se eu estivesse no meio de uns amassos com ele e pensasse, “Opa, peraí. Porter me disse que talvez possam estar se aproveitando de mim neste exato momento. Uau, que baita ajuda, acho que vou para casa”?

— Dá pra falar mais baixo? As pessoas estão olhando para nós.

Era verdade. Elas estavam.

Frankie abaixou a voz e soltou:

— Porter. Deixa eu explicar pra você. Quando estou ficando com Matthew, eu não penso em você. Nem um pouco.

— Uou, Frankie. Não foi o que eu quis dizer.

— Então o que você quis dizer? — vociferou Frankie. — Você quis dizer que porque o tamanho do meu sutiã está maior do que costumava ser você acha que eu não sou capaz de tomar conta de mim mesma? Ou você quis dizer que acha que o Matthew é um estuprador em potencial? Ou você quis me lembrar de que você é um homem grande também, e que vai me proteger, porque, uaaau, você é tão grande quanto o Matthew?

— Qual é, Frankie? — Agora Porter estava chateado.

Ela engatou a segunda.

— Ou você está dando esse monte de voltas para dizer que me acha uma vadia porque estou saindo com um aluno do último ano? Que eu devia cuidar da minha reputação? O que é que você realmente está tentando dizer, Porter? Porque, honestamente, eu gostaria de ouvir.

— Frankie, não sei o que foi que eu disse pra te deixar irritada, mas você está sensível demais. Eu comecei tudo isso com um pedido de desculpas, se você não se lembra.

— Não estou sensível demais. Só estou analisando seu comentário supostamente inocente.

— Você está maluca — disse Porter, levantando. — Eu estava

tentando fazer uma coisa legal para você. Pelos velhos tempos.

— Bom, nem precisava ter se incomodado.

Porter se afastou. Desceu as escadas, deixando suas fritas com queijo pela metade e sua gengibirra sem abrir.

Quando Porter desapareceu atrás de um prédio, Frankie abriu a latinha dele e bebeu metade, sem parar. Ela Tateou a camiseta do Super-Homem que vestia por baixo do cardigã.

Sua mente estava viva, como se tivesse sido usada de alguma maneira elétrica, desvelando todas as camadas *nócuas* da declaração aparentemente inócua de Porter. “Você está linda este ano, Frankie. Não deixe ele se aproveitar de você.”

Ela se sentiu estranhamente orgulhosa do que havia feito. Ela tinha entendido o que Porter realmente quis dizer, ela tinha certeza que sim.

Mas ela também sabia que tinha agido como um monstro.

Frankie não estava *feliz* por ter gritado com Porter — mas admirava a si mesma. Por não ter sido a menor naquela mesa, como tinha sido durante toda sua infância, dependendo dos maiores (Sênior, sua mãe, Zada) para compreender o mundo.

Por não ter feito beicinho ou resmungado, fechado a cara ou choramingado, por não ter tido nenhum desses comportamentos que uma pessoa tem quando fica ofendida mas acha que não tem como se defender.

Ela admirava a si mesma por ter assumido o controle da situação, por ter decidido o rumo que ela tomaria. Ela admirava sua própria habilidade verbal, sua coragem, seu domínio.

Então eu fui um monstro, ela pensou. Mas pelo menos não fui a irmãzinha de alguém, a namorada de alguém, uma aluna qualquer do segundo ano, uma garota qualquer — alguém cujas opiniões não importavam.

Frankie foi até a próxima aula sem procurar por Matthew ou Trish ou qualquer outra pessoa. Apenas sentindo o poder percorrendo seu corpo, com toda a culpa, senso de justiça, alegria e medo que o acompanham.

A LEAL ORDEM



COMO SEM DÚVIDA JÁ FICOU CLARO para os meus leitores, a Leal Ordem dos Bassês estava viva e ativa no campus da Alabaster. E para entender os eventos que se seguem, vocês precisam saber um pouco mais sobre a sua história.

Em meio a rumores de que teria sido fundada por um rapaz que mais tarde viria a liderar a segunda maior organização criminosa de descendentes de irlandeses nos Estados Unidos, a Ordem dos Bassês era mais benevolente do que a sociedade Skull & Bones de Yale, menos intelectualizada e mais secreta do que a Phi Beta Kappa e menos gótica do que a Ordem de Gimghoul, da Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill. Seus membros, a maioria alunos do último ano, eram convocados quando recebiam uma misteriosa carta convidando-os a uma cerimônia secreta de iniciação.

A presença da sociedade no campus era mais forte em alguns anos do que em outros. Frankie havia passado seu primeiro ano inteiro sem notar a presença da pequena insígnia de bassê que havia decorado o lacre do convite da festa no campo de golfe, apesar de, na verdade, ela já ter sido carimbada em diversos folhetos pendurados no quiosque de recados — folhetos escritos em código, onde “9/4/23/11/ALTA” queria dizer que às nove horas, no ponto de encontro número 4 (a área de serviço no último andar do alojamento Flaherty), no dia 23 de novembro, haveria um encontro de alta prioridade.

(É claro que os membros da Leal Ordem poderiam ter usado e-mails para comunicar os horários e locais de seus encontros, mas era parte de sua missão como sociedade secreta — assim como é parte da missão da maioria das sociedades secretas, na verdade — não ser completamente secreta. Ser um mistério sobre o qual as pessoas saibam apenas o suficiente, para ficarem se perguntando o que mais há para saber, de modo que a filiação na sociedade ganhe um certo prestígio. Se ninguém souber nada sobre a sociedade, é infinitamente menos empolgante envolver-se com ela, certo?)

A insígnia do bassê também havia sido carimbada, de forma um tanto ameaçadora, nos quadros de aviso dos dormitórios de várias alunas tagarelas do último ano, que um dia sentaram juntas no refeitório e zombaram da existência de uma sociedade secreta formada apenas por homens (se é que existia; elas não tinham certeza) em um colégio que era misto desde 1965.

Certa manhã de maio passado, a própria Frankie sem querer acabou dando de cara com um encontro dos Bassês — que ela havia

confundido com uma atividade da equipe de remo. Como havia flagrado Porter e Bess na noite anterior e, portanto, tinha passado a maior parte da noite soluçando no ombro de Trish e dizendo que odiava Porter, mas também se sentia sozinha sem ele, Frankie tinha saído do dormitório às seis da manhã para caminhar pelas margens da lagoa, uma pequena poça d'água decorada com uma ponte de pedra que ficava no limite do terreno do campus. Ali, às 6h14 da manhã, ela viu aproximadamente vinte e cinco garotos — metade do terceiro ano e metade do último, além de um garoto do segundo chamado Sam — parados na ponte, jogando moedinhas na água.

Frankie se escondeu atrás das árvores e ficou observando-os por um momento, perguntando-se o que teria motivado todos aqueles caras a acordar antes do café da manhã de domingo, que era servido às nove. Ela não queria passar por eles — ela queria ficar sozinha —, então estava prestes a dar as costas e se afastar dali quando Matthew Livingston tirou a camisa. O que a fez parar.

Então ele tirou o resto da roupa.

Quando ficou completamente nu, ele se jogou na lagoa. Os outros garotos o seguiram, exceto pelo aluno do segundo ano, que ficou na ponte cuidando das roupas.

Todos estavam em silêncio. Se falavam entre si, sussurravam, e basicamente só deram algumas braçadas na água e depois se arrastaram para fora do lago infecto para recolher suas roupas.

Eles tinham se esquecido de levar toalhas, então ficaram xingando e secando os braços e as pernas com as camisetas.

Frankie ficou assistindo por mais alguns minutos. Ela não conseguia evitar.

Assim que um dos rapazes olhou em sua direção, ela se esgueirou de volta por entre as árvores e atravessou o campus em direção à biblioteca.

A maioria das sociedades secretas — pelo menos aquelas sobre as quais você pode ler em livros ou na internet — está dentro das faculdades. Ou são adultas. São clubes sociais, ou clubes de honra, ou clubes comprometidos com algum sistema de valores — cavalheirismo ou igualdade ou excelência. São como fraternidades, exceto por não possuírem uma sede ou identidade pública. Nas faculdades, a filiação geralmente é local, não nacional, mas as adultas tendem a ser mais sérias, atingindo uma escala maior.

Nós não sabemos exatamente o que elas fazem. Porque são secretas.

A Leal Ordem dos Bassês foi concebida como uma sociedade para os eleitos entre os alunos da Alabaster — “eleitos” querendo dizer

aqueles oriundos de famílias particularmente endinheiradas e leais a Alabaster, e também aqueles que fossem considerados bacanas o suficiente. Muitas sociedades universitárias possuem algum conceito de excelência que orienta seu processo de seleção e, certamente, ninguém que não fosse excelente seria aceito como um Bassê. Mas era um conceito de excelência estabelecido por garotos de dezessete anos, não por professores e pais, então o potencial de manter uma conversa divertida contava consideravelmente mais do que a habilidade de produzir um artigo decente sobre a Segunda Guerra Mundial, e a excelência em campo só contava se a capacidade de tirar sarro dos colegas no vestiário fosse igualmente forte. Vir de uma família rica e possuir status social não bastava. O que essa condição fazia era conferir aos garotos que a possuíam uma sensação de segurança quase intangível sobre seu lugar no mundo, que geralmente (embora não sempre) os levava a uma posição social dominante, que por sua vez os levava a serem introduzidos na Leal Ordem.

É claro que qualquer coisa batizada em homenagem a um cachorro de orelhas caídas e pernas curtas não pode ser muito séria. A sociedade Skull & Bones, o que quer que ela faça, é sem dúvida muito menos ridícula do que os Bassês eram. Os Bassês não alegavam estar promovendo mudanças sociais ou sucesso acadêmico. Nem concebiam a si mesmos como rebeldes em qualquer sentido sério. Os Bassês eram mais focados em conseguir cerveja, sair e voltar para os dormitórios sem serem vistos, e fazer com que as garotas gostassem deles — e, mesmo assim, não seria errado dizer que eles eram poderosos.

Ser um Bassê era muito importante para aqueles garotos porque isso mediava suas relações com as outras instituições sociais que os moldavam — sendo a mais importante a Alabaster. Assim como Sênior Banks, eles viam a si mesmos como Bassês mais do que se viam como, por exemplo, tenistas, telespectadores, caucasianos, protestantes, moradores da Costa Leste, bons esquiadores, heterossexuais e jovens atraentes — ainda que a maioria deles fosse tudo isso. A Leal Ordem era importante porque o verdadeiro plano do clube, ainda que seus membros não enxergassem isso com clareza, era permitir a eles — àqueles cuja posição no mundo era completamente central — que experimentassem a emoção da rebeldia, um vislumbre do não convencional, e a boa e velha desobediência sem riscos.

Permitir que eles brincassem de serem maus. De serem diferentes. Sem nenhuma consequência. Dar a eles uma identidade descolada dos valores da escola que os moldava, e dar a eles uma família enquanto estivessem longe de casa. Porque, na verdade, quando estavam fazendo suas rebeldias de Bassê (ou seja, bebendo cerveja no campo de golfe), eles não estavam arriscando nem um pouco seu status

social. Eles estavam criando vínculos com outros futuros líderes mundiais, vínculos estes que lhes seriam muito, muito úteis nos anos seguintes à formatura.

Todos os anos, os membros da Leal Ordem davam continuidade à tradição de jurar lealdade ao novo rei e nadar sem roupas na lagoa. A nova leva de alunos do terceiro ano tem de tomar conta do Manto do Bassê, tanto literalmente quanto figurativamente (o manto era um cobertor de lã todo furado por traças, de uma cor marrom-bassê levemente asquerosa), e jogar moedinhas na Lagoa Sul num gesto simbólico que, às vezes, dizem representar a perda da inocência e, outras vezes, uma promessa de lealdade eterna.

Foi com esse ritual que Frankie se deparou no final do primeiro ano, e ele culminaria com um terceiranista (que já havia sido preparado para a liderança) assumindo a posição de rei Bassê — e ganhando a posse do cachorrinho de porcelana simbólico. Seus deveres dali em diante perante os outros membros da Ordem seriam de orientá-los, liderá-los, dar ordens e obrigá-los a cumpri-las.

No ano em que Frankie Landau-Banks interferiu no funcionamento do clube, a posição de rei Bassê era mantida por duas pessoas. Alfa tinha sido convocado no segundo ano para comparecer às festas e encontros dos Bassês com o combinado de que assumiria a posição de rei no final de seu terceiro ano. Mas aí ele acabou passando o terceiro ano em Nova York, e um substituto teve de ser encontrado, já que àquela altura ninguém sabia que o Alfa voltaria.

Esse substituto era Matthew Livingston.



TODA SEMANA UM FILME ERA exibido na Alabaster. Eram filmes de censura livre, apresentando apenas escolhas que não pudessem ser consideradas impróprias por qualquer um dos Veteranos conservadores que tivessem feito doações para construir o complexo de artes. Certo dia, no meio de uma semana de outubro, Matthew perguntou a Frankie se ela gostaria de assistir ao filme dos Muppets na sexta-feira.

— Sem os caras. Só eu e você, a Miss Piggy e um pacotão de Twizzlers — Matthew disse. — Eu passo para pegar você e caminhamos juntos até lá. — Eles não haviam tido muitos encontros que não envolvessem uma comitiva de garotos os acompanhando.

Trish (Clube de Debates) e Artie (Clube de Debates, Clube de Tecnologia Audiovisual) iam passar a noite de sexta na festa anual do Conglomerado de Clubes Nerds.

— Você tem que ir! — choramingou Trish, quando Frankie contou a ela sobre o filme dos Muppets. — Você é como uma heroína nesse processo; você é o único motivo pelo qual os debatedores foram convidados.

— Eu sei, eu sei — respondeu Frankie. — Mas pense dessa forma: doces, um namorado e uma sala escura de cinema ou um bando de nerds dançando a macarena de forma semi-irônica?

— Não, pense *dessa* forma — disse Trish. — Pedacos de plástico mastigáveis que não são comida de verdade, o mesmo cara com quem você passa todos os dias e um filme que é basicamente um show de marionetes para crianças de cinco anos, versus um DJ incrível, salgadinhos ilimitados e todos os seus amigos.

— Não são marionetes, são os Muppets — disse Frankie. — Eu tenho um caso de amor sério e justificado com o Kermit que vou preciar até o fim.

— Preciar?

— Preciar. O positivo negligenciado de depreciar.

— Você quer dizer defender. Você vai defender seu amor pelo Kermit até o fim.

— Preciar.

— Exaltar?

— Preciar. Vou preciá-lo. E o Animal também. Eu amo o Animal. Eu costumava assistir o DVD desse programa o tempo todo quando era

pequena.

Trish mudou de assunto.

— Nós devíamos fazer uma limpeza de pele e pintar as unhas na sexta antes de virem nos pegar. O que você acha de vir direto para cá depois do jantar para fazermos coisinhas de menina?

Frankie disse:

— Combinado. Quando tivermos terminado, estaremos totalmente grenhadas.

— Você vai estar grenhada — disse Trish. — Eu sou uma pessoa normal.

Naquela noite, Frankie chegou sozinha ao refeitório. Sua aula de dança moderna tinha sido encurtada por um motivo desimportante.

Ela se deu conta de que ainda não tinha ficado sozinha no refeitório desde o começo do segundo ano. Ela sempre ia tomar café com Trish ou alguma outra garota do alojamento, e almoçava ou com Matthew ou com alguns membros do Clube de Debates que eram seus colegas no quinto período. Às vezes ela jantava com Trish e Artie e sentava nas mesas dos segundanistas, mas geralmente, como a aula de dança liberava antes do treino de futebol de qualquer jeito, ela passava para buscar Matthew e seus amigos no ginásio novo.

Naquele dia, Frankie estava faminta e foi até o refeitório assim que ele abriu. Mas quando ela cruzou todo o bufê com sua bandeja cheia de berinjela gratinada e um suco de maçã, ela ficou parada, sozinha, sem ter muita certeza de qual era o seu lugar.

Trish e Artie estavam nas mesas do pessoal do segundo ano, bem como algumas outras pessoas que ela conhecia.

A mesa dos quartanistas, onde Matthew e seus amigos sempre sentavam, estava vazia.

Frankie deu uma olhada no relógio e calculou que eles ainda demorariam uns dez minutos para chegar.

Ela sabia que supostamente deveria sentar com os alunos do segundo ano. Ela só tinha o direito de sentar numa mesa de quartanistas quando um quartanista a convidasse. Não havia regras oficiais na escola sobre quem sentava onde no refeitório, mas ninguém abaixo dos quartanistas — nem mesmo um aluno do terceiro ano — havia sentado numa mesa de quartanistas sem o convite de um deles desde 1958.

Frankie queria sentar com Matthew e Alfa e seus amigos. Não só porque gostava de ficar com eles, mas porque sentar na mesa dos segundanistas seria como reconhecer que seu status não era igual ao de Matthew. Que ela não era realmente amiga dos amigos dele.

Também seria como se curvar às pressões do pan-óptico sobre as quais a srta. Jensson havia falado. Sentar com Trish e Artie seria como se conformar a regras tácitas devido ao medo de ser descoberto por um observador inexistente.

Ninguém vai me castigar, Frankie disse a si mesma.

Posso quebrar essa regra se quiser.

Ninguém pode me impedir, na verdade.

Frankie caminhou deliberadamente até a mesa de Matthew e sentou lá. Como se a mesa fosse dela. Como se ela tivesse o direito de estar ali.

Ela sentou e comeu.

Ela leu parte de *Ovos, feijões e torradas*, de P. G. Wodehouse. Artie e Trish chamaram o nome dela e acenaram, mas ela preferiu se fazer de desentendida e só acenou de volta para cumprimentá-los.

Ninguém falou com ela, embora houvesse vários quartanistas sentados nas mesas vizinhas, que ela conhecia razoavelmente bem de tanto sentar perto deles. Callum sentou na mesa ao lado com um monte de caras do lacrosse e nem sequer a cumprimentou com a cabeça.

Ela ficou lendo e comendo.

Havia uma parte de Frankie que se sentia como praticamente qualquer adolescente se sentiria naquela situação: constrangida. Ela desejava não ter quebrado aquela regra idiota. Ela queria que Matthew viesse resgatá-la. Ela ficou desmoralizada e triste por Callum não ter falado com ela, porque isso era uma prova de que ele e aqueles outros caras não a consideravam uma pessoa, mas sim um enfeite para os braços de Matthew. Talvez ela devesse ir até a mesa de Trish e sentar com eles, no final das contas — só que se ela levantasse agora seria ainda mais constrangedor, então *por que diabos ela tinha feito uma coisa tão idiota?*

Mas outra parte de Frankie estava curtindo o fato de ela ter feito dela mesma um assunto a ser comentado. De ela ter quebrado uma regra tão entranhada na mente de todos que nunca ocorreu a ninguém que não era, de fato, uma regra. De ela ter confrontado a sensação de vigilância criada pelo pan-óptico em seu colégio interno.

Finalmente, Matthew, Alfa e Dean chegaram, junto com Star e Elizabeth. Eles sentaram fazendo uma barulheira, largando sobre a mesa suas bandejas e copos de suco e de leite. Alfa foi buscar guardanapos. Dean correu até uma mesa próxima para pegar o sal.

Elizabeth foi a única a fazer um comentário sobre o lugar onde Frankie estava sentada. Ela era a intrusa ali, aquela que tinha ganhado

seu próprio dinheiro, aquela que não estava presa ao sentimento de *noblesse oblige* das classes privilegiadas — um sentimento de que Bertie Wooster sempre falava nos romances de Wodehouse, de que junto com o nascimento em um berço nobre vem a obrigação de tratar os outros bem.

— Assumindo o controle da mesa dos quartanistas, hein, tampinha? — provocou Elizabeth, mas não de um jeito indelicado, sentando ao lado de Frankie e largando sobre a mesa uma bandeja cheia de pratinhos com itens discretos do bufê de saladas: beterrabas em conserva, cogumelos em conserva, azeitonas recheadas com pimentão, passas, além de um pão torrado com manteiga e dois copos de suco.

— Talvez — disse Frankie, ficando na defensiva. — Ou talvez eu estivesse morrendo de saudades do Matthew e esperando por ele como um cãozinho solitário. Para quem está de fora, é difícil dizer, não é mesmo?

Elizabeth levantou as sobrancelhas.

— Você tem colhões.

Frankie odiava aquela expressão desde que Zada tinha lhe dito que equiparava a coragem ao aparelho reprodutor masculino, mas ela concordou com a cabeça e disse:

— Alguns dias eu tenho.

— O que você acha, Livingston? — Elizabeth perguntou a Matthew. — Sua garotinha esperando por você aqui na mesa dos quartanistas?

Matthew ficou de pé e se inclinou por cima da mesa para acariciar a bochecha de Frankie.

— Eu sempre fico contente de ver a Frankie.

— Manteiga derretida — balbuciou Alfa.

— Sai fora. Só toquei no rosto dela.

— Você é uma manteiga completamente derretida, maninho.

— Seja legal comigo, Alfa — disse Frankie, não gostando muito do rumo que a conversa estava tomando. — Estou sentada bem aqui.

— Eu não me importaria se o Dean fosse uma manteiga derretida — disse Star, com a cara amarrada.

— Não quis depreciar você, Frankie. — Alfa enfiou um pedaço grande de berinjela na boca. — Você é jovem e encantadora e nós sempre ficamos contentes em vê-la. Acontece que essa manteiga toda, senhorita, é difícil de engolir.

— Não fui eu que comecei com essa história de manteiga —

argumentou Frankie. — Foi o Matthew quem começou. Eu estava cuidando da minha própria vida. — Ela se sentiu como se tivesse dez anos de novo, a mais nova da mesa, tentando se manter fora da confusão.

— Alfa, nós já conversamos sobre isso — disse Matthew, olhando para o seu prato de massa.

Quando? Quando é que eles tinham conversado, e sobre o quê, exatamente?

— Já conversamos sobre isso — disse Alfa, fazendo uma pausa para tomar um gole de café. — Mas não chegamos a encerrar o assunto.

— Agora não é a hora e nem o lugar. — Matthew continuava com a cabeça baixa.

Eles tinham discutido por causa dela, Frankie tinha certeza. Por que o Alfa sempre ligava pro Matthew quando ele estava junto com ela? Será que o Alfa tinha ciúmes do Matthew com a Frankie — ou da Frankie com o Matthew? Ou será que o Alfa simplesmente não gostava dela? Ou gostava dela até demais?

— Garotos. — Elizabeth revirou os olhos. — Essa dose a mais de testosterona os deixa insuportáveis, você não acha?

— Você está falando de testosterona, tipo, o hormônio? — Star perguntou.

— Não, do outro tipo de testosterona — disse Alfa, bufando.

Star parecia desorientada.

Frankie deu de ombros.

— Não tenho certeza se tem a ver com a testosterona.

— Claro que tem — argumentou Elizabeth. — Garotos têm oceanos disso correndo nas veias. Eles ficam agressivos sem necessidade. Como esses dois, que agora estão parecendo dois alces brigando com os chifres.

— Não acho que dê para pôr a culpa na testosterona — disse Alfa. — Ninguém ficou violento, aqui. O que aconteceu foi que ficamos com a testa quente.

— Exatamente o meu ponto — disse Elizabeth. — Testosterona, testa. Aposto que as palavras têm até a mesma origem.

— Não têm, não — disse Matthew. — Na verdade não têm.

— Enfim, eu discordo. — Alfa balançou um pedaço de berinjela, olhando para Elizabeth. — A testosterona está me deixando excitado, e você vai poder lidar com as consequências disso mais tarde, mas o que está me deixando irritado com Matthew não é a testosterona.

— O que é, então? — Elizabeth segurou um pepino entre os dedos e o comeu.

— É o Matthew.

— Ha. Vocês são dois alces competindo para ver quem tem o chifre maior. Não é mesmo, Frankie? Star?

— Totalmente — disse Star, mordendo uma torrada. — Eles são uns animais.

Frankie sabia que se esperava que ela ficasse do lado de Elizabeth, mas ela não concordava.

— Eu acho que as garotas podem ser tão competitivas quanto os garotos — ela disse.

— Qual é? — disse Elizabeth. — Olhe para a natureza. Quem tem a maior cauda, o pavão ou a... como é que se diz?

— Pava — disse Matthew.

— Exatamente. E quem é que tem a galhada? A juba cheia de pelos? — perguntou Elizabeth.

— Os garotos — respondeu Dean.

— É, é — disse Frankie. — Mas os leões, na verdade, são um bom exemplo do que estou dizendo. As leoas passam o dia inteiro caçando gazelas enquanto os machos ficam sentados por aí e, sei lá, rugem. As fêmeas são mais agressivas do que os machos.

— Ah, não. — Elizabeth se virou para olhar para Frankie. — Porque sabe o que elas fazem depois que matam a gazela? Dão para o macho. E elas ficam todas juntas, como se fosse uma irmandade de leoas, enquanto os machos são solitários. Eles não ficam perto uns dos outros porque são muito combativos, mas as fêmeas são altamente cooperativas.

— Um viva para as leoas! — disse Star. — Solidariedade entre as mulheres é muito importante.

Mas Frankie disse:

— Você está caindo numa falácia, Elizabeth.

— Por quê?

— Porque uma vez que você afirma que mulheres são de um jeito e homens são de outro, e afirma que é assim em outras espécies e, portanto, também deve ser assim entre os seres humanos, então mesmo que parte disso seja verdade, mesmo que boa parte disso seja verdade, você está se preparando para fazer todo tipo de suposições que são, no fundo, uma porcaria. Tipo, que as mulheres tendem a cooperar entre si, e portanto não têm impulsos competitivos o suficiente para comandar grandes empresas ou liderar esquadrões do

exército. Ou que os homens são infiéis em sua essência porque querem espalhar sua semente. Suposições como essas não servem pra nada além de causar problemas no mundo.

— Uau — disse Elizabeth. — A jovem debatedora levanta sua cabeça feroz.

— Além do mais, você pode interpretar uma situação de diversas maneiras. Se fosse a pa...?

— Pavia — disse Matthew.

— Se fosse a pavia que tivesse a cauda azul, todo mundo diria que é porque as meninas são mais bonitas que os rapazes, e que as meninas se preocupam mais com a aparência, e que as garotas gostam dessas coisas espalhafatosas, cheias de fru-fru...

— Garotas são definitivamente mais bonitas — interrompeu Dean.

— Obrigada, querido — disse Star.

— Talvez em algumas espécies, mas não entre os pavões. Esse é o meu ponto — disse Frankie. — Entre os pavões, os garotos são mais bonitos, e daí vamos dizer que é a testosterona. Masculinidade em vez de beleza. Você entende o que estou dizendo?

— Entendi o seu ponto — Elizabeth disse, sarcasticamente. — Todo mundo entendeu o seu ponto. Mas o que estou dizendo é que esses caras se provocando é o mesmo que uma dupla de pavões abrindo suas caudas, cada um dizendo: “E aí, mano, se liga só na minha cauda, sou ou não sou o cara?”, do mesmo jeito que alguns exibem suas carteiras. E garotas não fazem isso.

— Vocês duas não estão fazendo isso agora? — perguntou Alfa.

Frankie o ignorou.

— O que estou dizendo é que se você começa a afirmar que mulheres são solidárias e envolvidas com a comunidade, você começa a subestimar pessoas que poderiam facilmente, sei lá, dominar o mundo.

— Uau, isso foi bem Oprah.

— A mesma coisa com os homens — disse Frankie. — Depois que você afirma que tudo neles se resume à testosterona, mesmo que isso seja parcialmente verdadeiro, você os leva a pensar que eles precisam se resumir à testosterona. E aí os caras destestosteronizados, os... como é o nome daquele peixe? Aquele que o macho é quem carrega os filhotes na barriga?

— Cavalo-marinho — disse Matthew, ainda olhando para o prato.

— Sim, e aí os cavalos-marinhos do mundo sentem como se tivessem de ser os alces do mundo, e ninguém respeita os cavalos-

marinhos, o que gera sofrimento. Não é?

Alfa terminou de comer e empurrou o prato para o centro da mesa.

— Eu gostaria de declarar — ele disse solenemente — que se Matthew fosse um animal, ele seria um cavalo-marinho.

— Mano — disse Matthew, sacudindo a cabeça. — Eu não sou um cavalo-marinho.

— Não é? Porque você se comporta como um cavalo-marinho.

— Qual é o problema de ser um cavalo-marinho? — perguntou Frankie. — Eu conheço um monte de garotas que adorariam um cavalo-marinho.

— Viu? — Alfa acenou na direção de Frankie. — Esse é precisamente o meu ponto.

— Qual? — perguntou Frankie.

— Alfa — a voz de Matthew estava séria. — Eu não disse que conversaríamos sobre isso mais tarde?

(Sobre o que eles iam conversar mais tarde? Alguma coisa sobre ela. Com as objeções de Alfa em relação a ela.)

— Ótimo — disse Alfa, levantando. Por um instante pareceu que ele ia embora, num acesso de raiva. Mas então ele aparentou ter mudado de ideia, deu a volta até onde Elizabeth estava sentada e sussurrou alto para todo mundo ouvir:

— Coma logo suas passas e vamos discutir a situação da minha testosterona a sós, o que você me diz?

Elizabeth balançou sua cabeça.

— Vou trabalhar na redação da minha inscrição para a universidade com a Hannah e a Rosemary depois do jantar. O senhor vai ter de lidar com sua testosterona sozinho.

— Essa foi forte — murmurou Dean.

— Ah, ela tenta mandar em mim — riu Alfa. — Ela tenta com todas as suas maquinações diabólicas. Mas eu sou imandável.

— Até parece — disse Elizabeth.

— É verdade — disse Alfa, acenando por cima do ombro enquanto deixava o refeitório. — Impossível de ser mandado, este sou eu.

Elizabeth ficou só mais um minuto depois que Alfa desapareceu. Daí ela juntou todos os seus muitos pratinhos em cima da bandeja e foi embora.

— Você acha que ela vai atrás dele? — Frankie perguntou a Matthew. Ela já tinha ouvido Alfa falar sobre sexo daquele jeito outras vezes, como se estivesse fazendo o tempo todo, como se sempre

tivesse feito, como se nunca tivesse sido virgem e como se sexo não fosse nada de mais. Mas isso sempre a deixava desconcertada.

— Elas sempre vão atrás do Alfa — disse Dean, dando um sorrisinho sacana. — Não importa o quanto elas falem alto, o quanto elas se esganicem, no final as lobas sempre acabam indo atrás dele.

Quando eles saíram caminhando juntos, Matthew não demonstrou qualquer reação por Frankie ter sentado sozinha na mesa dos quartanistas. E nenhuma reação sobre o debate com Elizabeth ou o comentário de Alfa a respeito do cavalo-marinho. Exceto não ter mencionado nada disso. Agora que Frankie havia parado para pensar naquilo, Matthew tinha ficado praticamente fora da conversa — algo bastante incomum para um cara cuja ideia de conversa amigável à mesa era discutir políticas públicas sobre o aborto ou a situação do Oriente Médio.

Ele também não chegou a perguntar sobre o almoço com Porter.

Enquanto eles caminhavam em direção aos alojamentos, Matthew ficou tagarelando sobre suas inscrições em várias universidades (Yale, Princeton, Harvard, Brown etc.), fez perguntas a Frankie sobre o jogo de *ultimate frisbee* no sábado, contou uma história engraçada sobre ter se vestido de ovo frito num Dia das Bruxas e acabar sendo perseguido por um garoto maior que estava vestido de garfo.

— Do que você estava falando quando disse ao Alfa que iriam conversar sobre alguma coisa mais tarde? — Frankie perguntou, interrompendo-o gentilmente.

— Ah, nada.

— Porque pareceu que era sobre mim. Como se o Alfa tivesse algum problema comigo.

— Tá de brincadeira? — disse Matthew, com um sorriso forçado no rosto. — O Alfa acha que você é ótima. Ele só está querendo se mostrar. Não seja tão sensível, está bem? — Então ele anunciou que tinha um grupo de estudos de cálculo, deu um beijo nela na frente do alojamento, e saiu caminhando pelo meio da noite.

Alguma coisa estava errada. Frankie podia sentir.

Talvez ela seria castigada por ter sentado àquela mesa, no fim das contas.



NA MANHÃ SEGUINTE, Star segurou Frankie pelo ombro quando ela saía da aula de história.

— Posso falar com você?

— Hum, claro. — Frankie despediu-se de Trish com um aceno e foi caminhando com Star até um banco, onde se sentaram.

— Dean e eu terminamos — Star despejou, seu rosto se contorcendo. — Quer dizer, aconteceu ontem à noite depois do jantar. Eu pensei que tudo estava indo bem, nós estávamos saindo e blá-blá-blá, estava tudo ótimo, e aí ele termina comigo.

Frankie disse que a única coisa que alguém poderia dizer naquele tipo de situação:

— Estou chocada. Vocês pareciam tão felizes. — Mas ela ficou pensando: Por que a Star está contando isso *pra mim*? Por que ela não foi chorar com a Claudia, ou a Ash, ou a Catherine, uma de suas amigas de verdade, que gostam dela de verdade?

— É como se ele tivesse mudado de ideia de uma hora pra outra, e não sei por quê. E eu pensei que estava bem na noite passada. Mas aí fui tomar café essa manhã e nenhum deles falou comigo, Frankie. Nem mesmo a Elizabeth. Ela não disse absolutamente nada pra mim, e eu estava bem ao lado dela, sabe, naquela mesa onde dá para tostar o pão.

— E o que ela fez?

— Eu disse “oi” e ela não respondeu. Daí eu disse que achava que ela já tinha ouvido falar sobre o Dean e eu, mas que ela não se preocupasse porque tinha sido uma decisão mútua. Ela só balançou a cabeça como se já soubesse que aquilo não era verdade e saiu dali. — Star deu uma fungada. — Daí a Claudia pegou uma mesa... Ela se finge de esperta, mas na verdade é muito burra às vezes, sabe? A Claudia pegou uma mesa que me obrigava a passar por todos eles para chegar até lá, e então eu pensei: “Tudo bem, Star, você tem que ter dignidade, você tem que fazer isso”. Então passei por eles e, depois de sentar naquela mesa todas as manhãs desde que o ano começou, passei por eles e ninguém disse uma palavra, nem mesmo “olá”, “bom dia”. Nada.

— Uau.

— Foi como se eu nunca tivesse sido amiga deles, como se eles nem estivessem me vendo.

— Que cruel.

— Quer dizer, como é que você anda com essas pessoas todos os dias durante dois meses e daí no outro dia elas não conhecem mais você? Estou falando sério, eles *realmente* não me conhecem mais, Frankie. Não é como se eles tivessem decidido me ignorar. Você sabe como é quando alguém está ignorando você. Você consegue sentir que eles sabem que você está ali. Mas era como se eles não me registrassem, como se eu fosse uma pessoa que eles jamais tivessem conhecido.

— Você quer que eu fale com eles?

Star sacudiu a cabeça.

— Eu só pensei que talvez o Dean ou outra pessoa teria falado com você sobre o motivo de ele ter terminado comigo. Ou que talvez ele tenha falado mal de mim quando eu não estava por perto.

— Não.

—Você parece muito mais envolvida com eles do que eu. Matthew respeita você, e o Alfa também.

Não, eles não me respeitam, Frankie pensou. Mas, em vez disso, ela disse:

— Eu não vi o Dean nem nenhum dos outros rapazes hoje de manhã. Tomei café com a Trish.

— Matthew não disse nada a você na noite passada?

— Não acho que os rapazes conversem sobre esse tipo de coisa. Pelo menos não logo após ter acontecido. Não em detalhes. Dean provavelmente ainda nem contou pra ele.

Star enxugou os olhos.

— Talvez não. Mas você me conta se ouvir alguma coisa?

Frankie fez que sim com a cabeça, mas ela não estava pensando em Star.

Ela estava pensando em como seria fácil que a mesma coisa acontecesse com ela.



NAQUELA SEXTA-FEIRA, depois de jantar mais cedo, Frankie e Trish colocaram máscaras de lama no rosto e pintaram suas unhas. Elas botaram música pop para garotas no CD player portátil e se revezaram abanando os pés uma da outra com um exemplar da revista *Horse Illustrated* de Trish.

— Você ainda está em tempo de se desculpar com Porter se está se sentindo mal pelo que aconteceu — Trish disse, admirando suas unhas do pé. — Mas eu não acho que ele esteja zangado com você, de qualquer forma.

— Ah, ele está zangado comigo, com certeza — disse Frankie.

— Eu acho que ele está zangado com Matthew por ser melhor do que ele é. Ele não gosta de se sentir pequeno quando se compara com seu novo namorado.

(Além de *Horse Illustrated*, Trish também assinava *Psychology Today*.)

— Tanto faz. Não é como se o Porter ainda gostasse de mim, de qualquer jeito.

— Talvez ele goste. — A testa de Trish se enrugou. — Quer dizer, por que não gostaria? Ele nunca deixou de gostar de você. Ele só traiu você.

— Mesma coisa.

— Não, não está nem perto de ser a mesma coisa. Se o Porter gostasse da Bess, teria começado a sair com ela. Mas ele não fez isso. E agora ele está te mandando e-mails com beijos e abraços e comprando fritas com queijo para você.

— E daí?

— E daí que se isso não é flertar, eu não sei o que é.

— Não vou pedir desculpas a ele — disse Frankie. — O cara está totalmente maculado.

— Não vou nem perguntar o que isso significa. — Trish revirou os olhos.

— Uma flertadinha não perdoa o que ele fez.

— Não estou dizendo que você deva pedir desculpas — Trish respondeu. — Só estou ressaltando que tem mais coisas acontecendo aqui do que você está enxergando. Há muitas e muitas camadas.

— Ã-hã. — Frankie estava sendo sarcástica.

— Acho que a questão não é se Porter está ou não zangado com você — continuou Trish. — A questão é o que foi que fez você ficar zangada com ele. Foi esse lance da traição do ano passado, aquele papel de “homenzarrão protetor” que ele fez no almoço, ou o fato de que ele está flertando com você agora que você está namorando, e isso a deixou confusa?

— Não sei. Eu não estava conseguindo suportar aquela atitude dele de superioridade.

— Ele sempre foi assim. — Trish enfiou o vidrinho de esmalte verde brilhante dentro da gaveta da cômoda e jogou as bolas de algodão no lixo.

— Mesmo? Eu não lembro.

— Quer dizer, o Porter não é uma pessoa ruim, tirando o lance da traição — disse Trish —, mas ele tem essa mania de James Bond em relação às mulheres.

— Como assim James Bond?

Trish balançou a cabeça.

— Eu sempre vou preferir os bobalhões como Artie. Eu não preciso de toda essa baboseira de macho salvador. Gosto de alguém que seja engraçado e que me trate bem.

Artie era um querido, mas Frankie o considerava completamente desprovido de apelo sexual.

— Ele é um bom namorado — ela disse a Trish. — Você tem sorte.

— Eu te contei que ele quer se vestir de mulher no Dia das Bruxas? — disse Trish, penteando o cabelo na frente do espelho.

— Tá de sacanagem.

— Pois é, ele e o John e o Charles Deckler já estão pegando meias-calças emprestadas das pessoas.

Frankie murmurou alguma coisa em resposta, mas já não estava prestando atenção. Falar sobre Porter a fez lembrar de que ela estava nervosa por causa do seu encontro.

Matthew tinha ficado tão estranhamente silencioso quando Frankie debateu com Elizabeth.

Será que ela o tinha envergonhado?

Ou tinha feito ele perder o interesse nela?

Ou o tinha irritado por ter se sentado à mesa dos quartanistas, ainda que ele fosse educado demais para admitir?

Alfa tinha chamado Matthew de cavalo-marinho. Implicando que ele era pau-mandado.

Frankie colocou perfume, coisa que quase nunca fazia.

Ela trocou de camiseta.

Um pedregulho bateu em sua janela.

— Matthew está lá fora — disse Trish, olhando para baixo.

— Banque a nerd hoje à noite — Frankie disse a Trish, pegando seu casaco.

— Vou bancar.

Matthew estava parado no começo dos degraus com as mãos para trás.

— Tenho que falar com você — ele disse.

— Que foi?

— Venha aqui. Caminhe comigo.

— O.k.

Eles andaram pela pracinha, e ele pegou a mão dela.

— Não vou poder levá-la ao cinema hoje à noite, Frankie.

— Ah.

— Me desculpe. Eu devia ter avisado você antes.

— O que aconteceu?

— Não é nada de mais. Só não vou poder ir; tenho que fazer uma outra coisa.

— Uma coisa com o Alfa?

Matthew assentiu com a cabeça.

— Ele mandou você mudar de planos?

— Não *mandou*, exatamente. Só me lembrou de um compromisso. Preciso estar em outro lugar.

E o Alfa não me quer lá, pensou Frankie. Mas não quero deixar que o Alfa dite as regras.

— Você não pode me levar com você? — ela perguntou.

— Não.

— Por quê? Alguém está doente? — Ela sabia que ninguém estava doente.

— É uma... é uma coisa só dos caras, Frankie. Você sabe que eu adoraria levar você, mas o Alfa... Não, não posso pôr a culpa nele. Eu mesmo concordei que seria uma coisa só dos caras.

Frankie sentiu o coração congelar. Ela pensou: Ele está zangado comigo e isso é um reflexo. Por eu ter sentado sozinha na mesa dos quartanistas, por ter discordado da loba, por ter pedido que o Alfa fosse legal comigo, ou por gostar do jeito que os papais cavalos-

marinhos carregam seus bebês — nem importa por qual desses motivos. Quando me comporto do jeito que me comortei, Matthew não gosta de mim como quando eu caí da bicicleta.

Ele vai terminar comigo?

O que eu posso fazer? pensou Frankie. O que eu posso dizer? Tem alguma coisa que eu possa dizer que vá fazê-lo mudar de ideia?

Não pareça chorona. Não pareça estar na defensiva. Não pareça digna de pena. Não pareça zangada.

Não posso dizer nenhuma das coisas que estou sentindo, porque nenhuma delas vai ajudar.

Não posso dizer: “Mas você prometeu”.

Não posso dizer: “Eu me maquiei. Fiz as unhas. Fiquei esperando por isso o dia inteiro”.

Não posso dizer: “Você está terminando comigo?”.

Não posso perdê-lo.

Não posso perdê-los, também.

Como vou conseguir o que quero?

Se não fosse uma estrategista, Frankie teria reagido como a maioria das garotas reage na mesma situação: com lágrimas, raiva, ficando com a cara amarrada, fazendo beicinho e respondendo de maneira petulante, como: “O que é tão mais importante do que ficar comigo, hein?” ou “Então tá, se é assim que vai ser, nunca mais fale comigo!” ou “Você está agindo como se o seu tempo valesse mais do que o meu”. Mas ela era — ela é — uma estrategista e, portanto, avaliou suas opções.

Uma rápida análise revelou que ela tinha dois objetivos. Primeiro, continuar com seu namorado. Segundo, fazer com que ele parasse de tentar colocá-la no lugar dela, que era o que ela sentia que ele estava fazendo. Ele estava dando prioridade a outra coisa, e não queria que ela perguntasse, reclamasse ou pensasse sobre aquilo.

Frankie tocou a pele macia atrás das orelhas de Matthew, e depois o beijou suavemente na boca, contornando seu lábio inferior com a língua.

— Tudo bem. Eu posso ir àquela festa do Conglomerado com a Trish e o Porter e aquele pessoal.

Mencionar Porter tinha sido um golpe baixo, e Frankie sabia disso.

— Que festa? — perguntou Matthew.

— É um evento anual — ela disse, optando por não mencionar o fator nerd. — Eu fui no ano passado. Porter conseguiu um DJ e a Trish deu uma ajuda no bufê.

Matthew olhou para ela. Será que ele tinha ficado surpreso porque ela tinha outra coisa para fazer? Será que ele estava com ciúmes do Porter? Será que ela tinha retomado o poder?

Frankie inclinou-se e o beijou mais uma vez, com mais força, passando a mão por dentro da blusa dele, por cima de sua barriga quente.

— Eu queria te beijar aqui no frio — ela disse. — Não tem cheiro de Dia das Bruxas?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Fiquei pensando em beijar você durante a aula de inglês hoje — ela sussurrou, aproximando os lábios da orelha dele. — Fiquei pensando em você sem camisa.

Matthew a pressionou com seu corpo contra uma árvore, e ficou olhando para ela.

Ele não vai terminar comigo, de repente ela soube. Ela tinha ganhado algum terreno. Dava para perceber, pelo jeito que ele a tinha abraçado, que ele queria segurá-la firme e mantê-la longe da festa e do ex-namorado.

Frankie olhou para o rosto bonito de Matthew.

— Divirta-se — ela disse a ele. — Vou àquela festa com a Trish.

Ela não mencionou Porter de novo. Não precisava. Ela tinha invertido a dinâmica de poder da situação usando o melhor de suas habilidades: agora, Matthew queria ficar com ela em vez de ir para onde quer que ele estivesse indo — e ele estava inseguro a respeito do que ela faria assim que ele fosse embora.

Matthew a beijou, apertando seu corpo contra o dela com força, de uma maneira que nunca tinha feito antes, e depois saiu correndo noite adentro.

Frankie esperou até que Matthew estivesse a vinte metros de distância — e então o seguiu.

O TEATRO VELHO



MATTHEW VIROU À ESQUERDA na biblioteca e seguiu cruzando o campus. Estava escuro, era pouco depois das oito da noite e as ruas estavam consideravelmente movimentadas. Pessoas indo para o Alpendre, para o complexo de artes, para a festa do Conglomerado de Clubes Nerds, e para outros eventos patrocinados pela escola que davam a largada para o fim de semana. Foi fácil para Frankie seguir Matthew sem que ele a visse. Ela se livrou de seu suéter cor-de-rosa deixando-o pendurado no galho de uma árvore, torcendo para encontrá-lo na volta, e prosseguiu com sua camiseta preta e suas botas marrons.

Ele chegou ao teatro velho, que fora usado como complexo de artes antes de o novo ficar pronto. Aquela parte da Alabaster ficava escura depois do pôr do sol — pelo menos quando não havia peças escolares sendo ensaiadas durante a noite —, e não havia nenhuma luz acesa. Matthew contornou a lateral do prédio mergulhada em sombras, pisou sobre uma cadeira dobrável que estava debaixo de uma árvore, subiu na árvore, deslizou por uma janela e sumiu.

Frankie se escondeu à sombra das escadas de um prédio vizinho e ficou observando enquanto Callum, Dean, Steve e Tristan, um a um, entravam no teatro.

Quando pareceu certo que mais nenhum garoto viria, Frankie subiu na árvore. Ela espiou por uma janela do segundo andar e entrou; era um depósito de material de iluminação. Pilhas de luzes e filtros e extensões cobriam todas as paredes. Entrava luz pela janela, mas a sala à sua frente estava praticamente escura.

Frankie deu uma espiada e não viu ninguém, nem uma sombra de movimento. A alguma distância, ela conseguia ouvir vozes e o tilintar de garrafas.

Ela tateou o caminho pelo corredor e chegou a uma escadaria. Descendo o mais silenciosamente que pôde, acabou dando no lobby do teatro — um salão pequeno e gasto, com piso de mármore. Dois pares de portas duplas levavam ao auditório. Ela encostou o ouvido em uma delas — sim, os garotos estavam lá dentro.

Do outro lado havia uma segunda escadaria. Frankie subiu devagar, com o coração acelerado, e então foi tateando o caminho no escuro pelo corredor até a parte de trás do prédio, passando pelas salas dos professores de teatro e os almoxarifados, descendo mais um lance de escada, até chegar onde queria. No fosso.

Dali ela conseguia ver. Alguém tinha acendido luzes vermelhas para iluminar o palco, e por trás das cortinas escuras era possível enxergar a plateia.

Só que não havia ninguém ali.

Frankie sentiu calafrios. Ela tinha certeza de que Dean ou algum outro garoto ia saltar de trás das cortinas de veludo e... Ela não tinha certeza do que aconteceria.

Eles a fariam se sentir pequena. A fariam se sentir como se não fosse ninguém.

Um instante depois ela ouviu a voz de Alfa, vinda de cima. Eles estavam nas passarelas — um conjunto de três plataformas estreitas montadas bem acima do palco, usadas para derramar neve falsa, posicionar refletores, puxar pedaços do cenário para cima e para baixo. Os garotos estavam sentados em duas das plataformas, de frente uns pros outros, com as pernas balançando no ar. Seus peitos estavam debruçados sobre as grades finas.

— Neste presente ato, convoco a Leal Ordem dos Bassês — Alfa disse, de forma empolada.

— Desculpa — era a voz de Matthew falando para o grupo reunido —, mas nós temos que arrumar alguma coisa melhor para dizer do que “convoco a Leal Ordem”.

— A gente vem dizendo isso há décadas, mano — Alfa retrucou.

— E daí?

— E daí que é o que se diz. Para dar início a uma reunião dos Bassês.

— Não deixa de ser ruim.

— Você precisa matar o revisor que existe em você.

Matthew o ignorou.

— Vamos em frente. Todo mundo que quer tomar cerveja tem cerveja?

— Sim, ó reis Bassês.

— E todo mundo que quer tomar refrigerante tem refrigerante? — ele perguntou.

— Sim, ó reis Bassês.

— Também tem batatinhas, deixa eu ver, hum, sabores *ranch* e *barbecue* — Matthew anunciou. — Callum, joga elas pra cá.

Callum arremessou sacos de batatinhas de uma plataforma para a outra. Os garotos — havia onze deles — as pegaram com facilidade.

— Nada de derramar cerveja ou deixar cair farelo de salgadinho,

estão ouvindo, manos? — Alfa disse.

— Sim, ó reis Bassês.

— Porque se algum aluno de teatro da turma da manhã encontrar farelo de salgadinho sabor *barbecue* no palco amanhã — Alfa explicou —, vão acabar reforçando a segurança desse prédio. Eles já puseram um alarme na porta que dá acesso ao telhado do Talbot, graças a vocês, idiotas, que foram fumar lá em cima.

— Sim, ó reis Bassês.

— Belezinha, então. O juramento — Alfa disse, e os garotos começaram a recitar:

Sobre a coroa da Alabaster,

Colado firme com dupla face.

Olhem para o oeste, rapazes;

Olhem para os livros, homens!

O Histórico é o nosso guia!

Guardem os segredos dentro dos túneis,

As alturas escale, nosso grupo defenda.

O Bassê é uma fera destemida,

Juramos lealdade até o fim.

As vozes ecoaram pelo espaço vazio do teatro, e Frankie pôde sentir o peso do comprometimento à medida que eles iam recitando. Ela olhou para cima, por entre a luz vermelha, tentando ver quem estava ali (além daqueles que ela tinha visto entrar), mas o ângulo era tão estranho e a luz tão opaca que ela não conseguia distinguir os rostos muito bem.

Quando terminaram de recitar o juramento, bateram as bebidas três vezes na plataforma e beberam.

— Convocamos esta reunião para resolver o que faremos no Dia das Bruxas — anunciou Alfa. — É na sexta-feira que vem. Livingston, me diga o que fizemos no ano passado.

— Uma abóbora gigante foi esculpida no formato de um bassê e deixada na frente da sala da diretoria.

— O quê?

— Foi o que fizemos — admitiu Matthew.

— Mas que porcaria — Alfa estava horrorizado.

— Pois é.

— Isso é pior do que o ano anterior!

— Aquilo era um bassê? — perguntou Dean. — Numa abóbora? —

Ao contrário de Matthew e Alfa, ele e os outros quartanistas só haviam se tornado Bassês no final da primavera do ano anterior. — Não tinha como saber que aquilo era um bassê. Sério, parecia uma massa amorfa. Eu vi a abóbora no corredor e fiquei pensando, tipo, mas que porcaria é essa?

— Eu nem cheguei a ver — disse Callum.

— Nem eu.

— Nem eu.

— Afinal, quem é que passa pela sala do Richmond se puder evitar?

— Você acha que ele pelo menos sabia o que significava?

— O.k., o.k. — disse Matthew. — Foi ideia do Hogan. Ele tinha lido alguma coisa na internet sobre essas maravilhosas abóboras esculpidas e quis dar uma de arteção pra cima da gente. Ele achou que seria uma tremenda façanha, sabe, tipo, “os Bassês estiveram aqui!”... Só que, pois é, ninguém viu, e quem viu não sabia o que era. Não foi um dos nossos maiores feitos.

— No ano anterior — explicou Alfa —, nós pegamos tinta fosforescente e pintamos o Peixinho. — Uma estátua de um metro de altura de um peixe não identificado, popularmente conhecida como “o Peixinho”, estava orgulhosamente erguida no gramado da entrada da escola.

— Aquilo era nosso? — Callum praticamente deu um grito. — Eu adorei aquilo.

— Ah, tipo, ele começou a brilhar quando o sol se pôs. Foi o.k. — disse Alfa.

— Mas se Callum era o seu colega de quarto no segundo ano e nem ele sabia, isso é um problema — disse Matthew. — A ideia não é deixar uma marca que as pessoas possam reconhecer? Porque se dois anos depois ninguém está nem sequer associando a travessura do Dia das Bruxas aos Bassês, então não faz muito sentido. A gente devia estar criando uma lenda.

— Concordo — disse Alfa. — A namorada do Dean pensou que o cachorro nos convites era o Snoopy. Precisamos mudar isso.

— Ela não é mais minha namorada — Dean protestou.

— Eu proponho que, se a gente não conseguir pensar em alguma coisa realmente boa — disse Matthew —, é melhor não fazer nada no Dia das Bruxas. A gente pode simplesmente se encontrar aqui e tomar cerveja.

— Por mim, tudo bem — disse Callum.

— Não, seus idiotas — disse Alfa. — Nós temos que pregar uma peça. Os Bassês sempre pregam uma peça no Dia das Bruxas. É uma tradição.

— Desde quando? — perguntou Tristan.

— Não faço a menor ideia. Desde pelo menos dois anos atrás, quando eu entrei, tá bem? Não é como naquele filme, *Sociedade secreta*, em que cada um recebe um livro de regras supostamente confidencial com seu nome gravado em relevo na capa. Não existe uma história escrita, não existe um manual.

— Tá bom, eu entendi. — Callum parecia irritado.

A mente de Frankie começou a trabalhar. Porque ela sabia.

Havia, *sim*, um manual.

Sênior, Hank Sutton e o dr. Montague haviam contado para ela e Zada na churrascaria. *O histórico infame*.

Por que Alfa não sabia sobre ele?

Onde poderia estar?

— Somos uma organização baseada no improviso, manos — Alfa continuou. — Mas temos que pregar uma peça no Dia das Bruxas, isso está claro. Algo sensacional e destruidor, algo que construirá a lenda dos Bassês. Estamos de acordo?

— Sim, ó rei Bassê.

— Matthew? — perguntou Alfa.

— De acordo.

— Ótimo.

— Ah, e quanto aos novatos? — acrescentou Matthew. — Como manda a tradição, vocês terão a honra de pôr em prática o que quer que a gente decidir.

— Por que eles? — perguntou Callum.

— Eles têm menos a perder se forem pegos. Não estão se inscrevendo para a faculdade.

— Que severo.

— Severo não, mano — disse Alfa. — Justo. É uma forma de cada um demonstrar que merece ser promovido à realeza no ano que vem, e também é uma maneira de mostrar lealdade a todos os reis que vieram antes de você.

— Então você esculpiu aquela abóbora estúpida? — Callum perguntou a Sam, o terceiranista.

— Eu e o Matthew — disse Sam.

— E você pintou o Peixinho no segundo ano, certo? — Matthew

perguntou a Alfa, apesar de, claramente, já saber a resposta.

— Pode crer. Joguei o resto da tinta fosforescente numa privada no banheiro dos meninos e, durante um mês, toda vez que alguém ia dar uma mijada no meio da noite, ela começava a brilhar. Quase morri pensando que alguém ia perceber aquele troço debaixo das minhas unhas.

— Beleza, então — disse Matthew. — O que quer que a gente decida será executado pela equipe de dois homens formada por Sam e Porter, como parte da tradicional demonstração de lealdade à Ordem. Entendido?

— Sim, ó rei Bassê.

Frankie sentiu um calafrio.

O aluno do segundo ano escolhido para ser o futuro rei era o Porter.

Matthew devia saber que ela estava mentindo quando disse que iria à festa com Porter. Porque ele sabia onde Porter estaria naquela noite.

E Porter tinha uma ligação com Matthew.

Frankie tentou lembrar quando foi que contou a Matthew que tinha namorado Porter — ela tinha certeza de que fora no final de setembro, quando eles estavam saindo havia só umas duas semanas. Eles sentaram na grama durante um intervalo que tinham juntos e falaram sobre seus ex-namorados. Mas os Bassês tinham dado aquela festa no campo de golfe no começo do ano letivo — Porter tinha ido?

Ele tinha. Ela lembrou que tinha atravessado todo o campo para evitá-lo. Então ele já era um Bassê quando ela e Matthew começaram a sair — e Matthew estava mentindo quando fingia não saber quem ele era.

Então por que Porter tentou alertá-la sobre Matthew?

*

Frankie fez o caminho de volta até a árvore onde havia deixado seu suéter e, dali, foi até a festa do Conglomerado dos Clubes Nerds, onde dançou e conversou com as pessoas como se nada passasse pela sua cabeça. Ela sentiu que precisava de um álibi.

O JURAMENTO



NA MANHÃ SEGUINTE, Frankie trombou com Alfa na mesa das torradas — que era habitada basicamente por grandes fatias de pão e torradeiras, mas era assim que todo mundo chamava.

— Bom dia — ele disse, como se tudo estivesse ótimo entre eles. Como se ele nunca tivesse feito com que Matthew desmarcasse seu encontro. Ele era o “Alfa matinal”, descabelado e com a barba por fazer, ocupando o espaço à medida que ia abastecendo a bandeja com o café da manhã — correndo pelo salão atrás de manteiga, gritando para a mulher do refeitório para, por favor, avisá-lo quando saísse bacon novo, bebendo chá enquanto esperava que a torrada saltasse, segurando a bandeja debaixo do braço, como uma bola de futebol. Ele estava, como ela sempre o via, encantador.

Mas uma pequena guerra havia sido declarada, Frankie sabia. Pela posse de Matthew. Por um lugar na mesa dos quartanistas. Na verdade, pelo status de macho alfa.

— Oi — ela respondeu, cortando um pedaço de pão ao meio com um garfo e colocando na torradeira.

Alfa colocou as mãos acima das torradeiras, para aquecê-las.

— Você está incrivelmente bonita hoje, Frankie.

— Obrigada.

— Estou falando sério. Você é uma garota muito linda. Matthew é um cara de sorte.

Será que tinha sido um pedido de desculpas? Ou um rebaixamento de Frankie ao status de Garota Bonita no lugar de Séria Concorrente?

— Bem — ela disse, sorrindo —, eu penteio o cabelo antes de vir tomar café.

Alfa coçou a cabeça.

— Bom, pois é. Pra você funciona. Você vai sentar com a gente?

— Estou com a minha amiga, Trish. É aquela ali, de moletom vermelho.

— Ela pode vir também. Quero conhecê-la.

Ele é mais esperto do que eu pensava, Frankie percebeu. Ele está apostando que, se me der mais daquilo que eu quero, não vou tentar tomar dele. Que se ele convidar meus amigos para sentar com ele, ficar comigo quando Matthew não estiver por perto, me deixar um pouco mais inserida, ficarei tão fascinada por ele, por eles, pela coisa toda, que eu não vou afastá-los de Matthew. Vou esquecer de lutar.

Ele está enganado, ela pensou. Mas ele não precisa saber disso.

— Tudo bem — ela disse, quando sua torrada saltou para fora. — Vou só resolver um assunto com a geleia aqui e já vou pra lá.

Eles tomaram café da manhã — Alfa, Callum, Trish e Frankie. Matthew e Dean juntaram-se a eles vinte minutos depois. Frankie ficou prestando atenção em Matthew, atrás de sinais de que ele tivesse a menor suspeita de que ela tinha mentido para ele a respeito da presença de Porter na festa do Conglomerado dos Clubes Nerds — mas nada. Ele só ficou ali sentado sendo o “Matthew matinal”, ou seja, de cabelo molhado e em câmera lenta, encostando a cabeça no ombro dela e reclamando que ainda estava com sono, convidando Trish (agora que ela havia entrado em seu mundo) para que os acompanhasse, hipoteticamente, numa viagem de Nantucket até Martha’s Vineyard no próximo verão.

Frankie de repente sentiu um grande carinho por ele. Como ele era adorável. Como seu espírito era generoso. Como ele era esperto. E engraçado.

Dean e Alfa foram levar suas bandejas, deixando Frankie, Trish e Matthew sozinhos na mesa.

— Ei, como estava a festa? — Matthew quis saber.

— Boa — respondeu Frankie. — A gente dançou com os membros do Clube de Xadrez. É inacreditável o que alguns daqueles garotos do xadrez são capazes de fazer depois que entram no clima. E tinha um globo de discoteca.

— Fiquei com ciúmes.

— Dos garotos do xadrez ou do globo de discoteca?

Trish revirou os olhos.

— Você não precisa ficar com ciúmes dos garotos do xadrez.

— Talvez não — Matthew se virou para Frankie. — Mas você não foi com seu ex-namorado, Peter ou alguma coisa assim?

— Porter.

Por que ele estava perguntando? Pra ver se ela iria mentir?

— Porter, isso. Ele é maior do que eu — Matthew continuou. — Você sempre precisa se preocupar quando sua namorada vai a uma festa com um cara maior do que você.

— Porter não apareceu — disse Frankie.

— Também não o vi — disse Trish. — Talvez ele tenha passado mal.

Matthew fez bico.

— Aqui estava eu, me preparando pra ficar com ciúmes porque a

Frankie tinha saído com o ex-namorado, e agora não tenho o que fazer com toda essa energia.

— Você não quer ficar com ciúmes dos caras do xadrez, então? — perguntou Frankie, pegando a xícara para tomar um gole de chá.

— Bem, talvez eu queira. Porque tenho que fazer jus ao que Elizabeth ficou falando sobre alces e testosterona.

— Vai fundo. Aqueles caras do xadrez eram dançarinos incríveis.

— Estou ardendo de raiva — disse Matthew. — Estou ficando verde, você não está vendo?

— Hum — Frankie fingiu estar examinando o rosto dele. — Não.

— Talvez só um pouquinho?

— Nada.

— Tudo bem. Não consigo ficar com ciúmes dos caras do xadrez. Já o Peter-Porter, ou qualquer que seja o nome dele, é melhor agradecer por ter ido pra cama mais cedo — Matthew riu.

— Welsch — disse Frankie. — Porter Welsch.

Frankie nunca tinha pensado em perguntar a Matthew o que ele tinha feito nas noites em que saía da biblioteca às nove para “encontrar o Alfa” ou nas noites em que nem sequer tinha-o visto.

Mas nos dias seguintes àquele encontro desmarcado e à reunião nas passarelas, ela o seguiu.

Ela descobriu ter talento para seguir as pessoas, como se todos aqueles anos de submissão tivessem funcionado como um treinamento involuntário para ela. Ela lembrava como era se sentir invisível — e se sentia capaz de voltar àquele estado de invisibilidade e seguir Matthew e seus amigos com bastante facilidade, bastava se transformar na garota que eles nunca haviam notado. (Isso, claro, se eles nunca a tivessem notado mesmo.) De qualquer forma, ela foi ligeira. Ela foi silenciosa. Ela tinha um senso de direção infalível e uma intuição aguçada. E ela tinha um sobretudo preto e luvas escuras, o que não fazia mal a ninguém.

Os Bassês se encontraram com alguma frequência nos dias que antecederam o Dia das Bruxas. Frankie testemunhou um encontro na beira da lagoa numa noite de domingo, e uma pequena reunião depois do almoço, na terça-feira, quando seguiu Dean, Callum, Matthew e Alfa até um cubículo na área de estudos da biblioteca, onde eles confabularam sozinhos por quinze minutos. Ela não conseguiu escutar o que eles disseram, mas enquanto caminhavam entre as estantes em direção à saída, mencionaram um novo encontro, quinta-feira à noite, no teatro.

O que ela ouvia nos encontros era relativamente trivial. Os Bassês

recitavam o juramento, bebiam cerveja ou refrigerante e comiam salgadinho.

*Sobre a coroa da Alabaster,
Colado firme com dupla face.
Olhem para o oeste, rapazes;
Olhem para os livros, homens!
O Histórico é o nosso guia!
Guardem os segredos dentro dos túneis,
As alturas escale, nosso grupo defenda.
O Bassê é uma fera destemida,
Juramos lealdade até o fim.*

Eles discutiam o que fazer no Dia das Bruxas, mas na maioria das vezes a conversa descambava para coisas como garotas, esportes e outros assuntos de natureza decididamente não sigilosa. Callum não conseguia nada com Gidget. O time de lacrosse estava tendo um ano sensacional. Os alunos do último ano estavam enviando suas inscrições para as universidades.

Frankie, entretanto, não estava confusa. Ela compreendia exatamente o que estava se passando, porque o objetivo da Leal Ordem era estabelecer vínculos. Criar laços. Exclusivos. Masculinos.

E ainda que Frankie achasse os encontros desorganizados e as ideias para o Dia das Bruxas idiotas, ela queria fazer parte daquilo. Eles ocupavam um espaço muito grande no coração de Matthew, e Matthew nos deles.

Eles compartilhavam tanta alegria e lealdade.

E por causa do seu sexo, da sua idade, e (talvez) por causa da sua religião e do seu feminismo, ela poderia sentar-se à mesa com eles todos os dias, mas nunca, jamais seria aceita.

Frankie tinha se apaixonado não apenas por Matthew, mas por todo o seu grupo de amigos. E ela sabia que eles não a viam como alguém importante.

Claro, eles gostavam da Frankie e tudo mais, achavam ela atraente e não pareciam se importar que ela ficasse junto com eles; mas se Matthew terminasse com ela, nenhum deles jamais olharia novamente para Frankie. Nenhum deles.

Seria uma porta fechada.

Só que...

O juramento. Eles recitavam porque sim; porque, mesmo que um adolescente jamais admita publicamente, recitar alguma coisa juntos

cria um laço. Mas ela pôde perceber que poucos deles já tinham parado alguma vez para escutar a letra.

Colado firme com dupla face. Quando Hank Sutton se recusou a falar sobre *O histórico infame* para Frankie, dr. Montague disse: “Colado firme com dupla face”; e Sênior acrescentou: “Olhem para o oeste, rapazes!”, como se o juramento fosse a resposta para a pergunta que ela havia feito: “Onde você guarda esse histórico?”.

O juramento era uma charada. Ele diria a ela onde estava o Histórico.

E nenhum dos membros atuais da Ordem parecia saber que ele sequer existia.

Na segunda vez que Frankie ouviu o juramento, escondida no meio das árvores, no domingo, escutando eles jogarem moedinhas dentro da lagoa e discutirem as chances de Callum com a ainda esquiva Gidget, ela escreveu o que eles diziam. E naquela noite ela ficou sentada na cama com uma lanterna, fazendo anotações.

A coroa da Alabaster. O que é isso? O mastro da bandeira? O prédio principal? O ginásio novo? Alguma pessoa, algum ex-aluno famoso?

Colado firme — o que está sendo colado? O Histórico em si?

Dupla face — o Google diz que é uma fita adesiva.

Olhem para o oeste. A partir de onde? Da coroa da Alabaster? Talvez tenha um sentido mais metafórico, querendo dizer: olhem para o oeste, para a expansão, para a corrida do ouro etc.

Olhem para os livros. Um estímulo genérico em favor da excelência? Para se dedicarem aos estudos? Ou seria literal — olhem para os livros, ou seja, rumem para a biblioteca? Eles faziam encontros na biblioteca.

O Histórico é o nosso guia. Provavelmente se refere apenas ao histórico dos Bassês, escondido em algum lugar, que deveria ser usado como guia. Talvez se refira ao prédio do departamento de história.

Guardem os segredos. Autoexplicativo.

Dentro dos túneis. Bassês fazem túneis? Google. O.k., não fazem. Então, o que túneis têm a ver com isso? E onde eles estão?

De volta à coroa da Alabaster: o novo complexo de artes? As passarelas sobre o palco do teatro? Não. O mirante?

As alturas escale. Apenas uma metáfora para lutar por excelência/poder etc.? Ou alguma outra coisa. Alturas de quê?

Nosso grupo defenda. Óbvio.

Fera destemida etc. Óbvio.



NO DIA SEGUINTE, Frankie matou todas as aulas. Os detalhes de seus muitos passos em falso e suas investigações infrutíferas são tediosos, mas basta dizer que ela passou duas horas no último andar da biblioteca procurando por uma porta escondida, sete minutos examinando o mastro da bandeira, quinze minutos para arrombar o depósito onde as bandeiras sobressalentes ficavam guardadas, e quarenta e dois minutos revistando esse depósito. Ela riscou o ginásio novo e o complexo de artes da lista de possíveis “coroas” porque imaginava que o juramento da Leal Ordem havia sido escrito anos e anos atrás — antes mesmo de Sênior se tornar um Bassê, e certamente antes de os novos prédios serem construídos. Ela passou uma parte significativa do tempo que tinha antes do almoço perambulando pelas passarelas do teatro velho, observando silenciosamente as aulas de teatro que estavam acontecendo no palco lá embaixo. Ela estava procurando por coisas envoltas em fita adesiva, livros ou mapas. Ela olhou para o oeste, mas tudo que pôde ver foram cortinas e material de iluminação.

É claro que ela pensou em ligar para o Sênior e perguntar a ele. Obviamente ele sabia exatamente o que o juramento queria dizer. Só que Frankie sabia que seu pai o cumpria à risca. Ele havia jurado lealdade à Ordem dos Bassês, e nunca revelaria seus segredos, independente do quanto eles fossem triviais ou bobos. Nem mesmo para sua própria filha. Isso tinha ficado claro na churrascaria.

Então Frankie ligou para Zada em vez disso, enquanto saía do teatro velho em direção ao mirante.

— Estou num café na Telegraph esperando por uma pessoa, então não tenho muito tempo — disse Zada. — O que está rolando?

— Oi, Zada.

— Oi, você. Como pode você estar me ligando a essa hora? Você nunca me liga no meio do dia.

— Sabe aquela história do Bassê que o Sênior às vezes fala? Tipo um clube do qual ele era membro na Alabaster?

— Os Bassês. Sim.

— O que mais você sabe sobre eles?

— Ele nunca dá nenhum detalhe. Era tipo uma sociedade secreta. Tinha uns rumores sobre ela quando eu estava na escola, tipo, era um grupo de garotos que fazia coisas misteriosas no meio da noite. Mas nunca vi muito sinal de sua existência.

— Bom, ela existe. Conheço pessoas que fazem parte dela.

— Você vai entrar para os Bassês? — Zada estava incrédula. — O que eles fazem?

— Não posso entrar. É só para garotos, e a maioria é do último ano.

— O Matthew, né? Ele está te contando todos os segredos dos Bassês? Estou morrendo de curiosidade. A gente deixaria o Sênior maluco se você voltasse para casa sabendo tudo sobre a sociedade preciosa dele.

— Matthew não está me contando nada — disse Frankie. — É só isso, eu meio que descobri sem que ele soubesse.

— Então, o que você descobriu? Sempre suspeitei que o Sênior estivesse envolvido em alguma coisa que não podia nos contar por medo de não dar um bom exemplo.

— Até agora, não chega a tanto. Na maior parte do tempo eles estão criando vínculos. Bebendo cerveja ou se encontrando em lugares secretos, tipo lá em cima nas passarelas ou num cubículo na área de estudos da biblioteca. Acho que eles fazem umas pegadinhas de vez em quando. Eles pintaram o Peixinho no Dia das Bruxas dois anos atrás.

Zada riu.

— Ah, aquilo foi engraçado.

— Pois é. Mas... Zada, você não se lembra de mais nada que o Sênior tenha dito? Alguma coisa sobre um histórico que eles escreveram e que está escondido em algum lugar?

— Não. Eu faço tudo que posso para impedir que ele fique me falando sobre seus tempos na Alabaster. O cara é muito chato.

Frankie riu.

— Nós temos mesmo um pai muito chato.

— Por que você está perguntando sobre os Bassês, Frankie? Você já sabe bem mais do que eu.

Era difícil explicar.

— Eles não me deixam entrar — Frankie acabou dizendo.

— Você pediu?

— É preciso ser convidado.

— Mas e se você simplesmente pedisse? Aposto que Matthew ajudaria você a entrar.

— Eu já disse a você, é só para garotos do último ano. E um certo tipo de garoto do último ano.

— E tudo que eles fazem é beber cerveja e pintar estátuas? Por que você ia querer sequer se dar esse trabalho?

— Isso é o que Trish diria, mas esse não é o ponto.

— Olha, Frankie, meu amigo está entrando pela porta exatamente agora. Então seja breve. Qual é o ponto, então?

— Poder, eu acho.

— O quê?

— Como o Sênior sempre dizia: é assim que o mundo funciona. As pessoas formam esses vínculos no colégio.

— Ah, dá um tempo, Frankie. *Oi, Saffron, só um minuto, estou falando com a minha irmã e ela está estressada com um negócio por causa de um garoto.* Você vai mesmo me dizer que comprou essa noção patriarcal de que o poder está localizado em instituições criadas anos e anos atrás por pessoas que tinham muito orgulho de si mesmas pelo fato de possuírem um aparelho reprodutor masculino, sendo que a maioria delas a essa altura está ou morta ou babando em asilos?

— Bem...

— Por favor, isso é tão antiquado. Instituições com supremacia masculina só têm poder de verdade sobre você se você compra essa noção. Funde seu próprio clube e diga que *eles* não podem entrar. Ou, melhor ainda, abandone completamente a ideia de clubes porque eles são excludentes, e adote outras maneiras mais flexíveis de se conectar com as pessoas.

— Mas, Zada... — Frankie quis explicar sobre a porta se fechando, sobre querer meter o pé nessa porta, sobre não querer se sentir pequena nem uma pessoa menos importante na mesa. Mas Zada a interrompeu.

— Não fica pensando demais nisso, Frankie. Tudo bem se Matthew está num clube idiota de pinguços ao qual você não pertence. Deixe ele ficar com o clube dele e vá fazer suas próprias coisas.

— Tá certo.

— Agora respire fundo e volte para a aula. O.k., princesinha? Porque eu sei que você está perdendo a aula.

— Já está na hora do almoço.

— Então tudo bem. Vou desligar aqui. Tchau.

Zada desligou.

A Escola Preparatória Alabaster fora fundada cento e vinte anos atrás, num pedaço de terra que posteriormente acabou se transformando no campus enorme e desconexo onde Frankie estudava. No princípio, entretanto, havia apenas dois prédios: o semirreformado

Salão do Fundador (departamento de inglês) e a Casa do Fundador — uma casa grande, branca, em estilo vitoriano, onde o fundador em pessoa havia vivido, e que agora era um pequeno museu local de pouco interesse. Ele abrigava uma coleção de primeiras edições de romances, além de um monte de porcelanas chiques e algumas antiguidades.

No topo da Casa do Fundador havia um mirante, muito embora a Alabaster não ficasse perto do oceano. Os visitantes podiam chegar até lá subindo uma escadaria íngreme a partir do corredor do terceiro andar. Uma vez lá em cima, eles encontrariam uma plataforma de observação, quadrada e cercada por grades de proteção, que permitia uma visão de trezentos e sessenta graus do campus. Junto à grade da face norte havia um mapa da Alabaster gravado em bronze, cheio de anotações trazendo pequenos fragmentos de informação sobre diversos prédios.

Na porta da Casa do Fundador ficava sentado alguém instruído para distribuir panfletos e mostrar o caminho do banheiro. Frankie sorriu para ele, mostrou sua carteirinha de aluna e disfarçou caminhando tranquilamente pelo primeiro andar, olhando as primeiras edições. Porém, assim que pôde, subiu correndo até o último andar, atravessou o corredor e começou a subir os degraus até o mirante.

Se isso for a coroa, pensou Frankie enquanto subia, então devo olhar para o oeste e ver se enxergo alguma coisa que me dê uma pista sobre onde o Histórico está escondido. Além disso, também precisarei olhar para os livros — para o domo da biblioteca.

Ela empurrou a porta para abri-la e parou por um momento, piscando por causa do sol.

Parado em sua frente estava Alfa Tesorieri. Olhando para o oeste.



ALFA TOMOU UM SUSTO quando viu Frankie, mas em seguida sorriu.

— Olá.

— Oi. Não esperava ver você aqui.

— Eu também não esperava ver você aqui.

Por que ele estava lá? Ele devia ter desvendado a charada do juramento.

Se ele não sabia que havia um histórico, estava ao menos procurando *alguma coisa* na coroa.

Se aquilo fosse a coroa.

Devia ser.

Será que o Alfa tinha a menor ideia de que Frankie estava lá por causa do juramento dos Bassês?

Não.

Sim.

Talvez. Era pouco provável, mas talvez.

— Que coincidência — Frankie disse, caminhando em direção ao mapa. A biblioteca ficava a noroeste da Casa do Fundador, o que não ajudava muito. O prédio do departamento de história (valia a tentativa) ficava ao sul.

— O que traz você aqui? — perguntou Alfa.

Frankie pensou: Tenho que dar um jeito de fazer com que ele não olhe para o oeste. De fazer com que ele não descubra mais nada.

— Está um dia tão bonito — Alfa continuou, já que ela não respondeu. — Eu vim para dar uma olhada na vista. O outono é a melhor época. Ei, você está vendo aquela árvore completamente roxa?

— Onde?

Ele apontou para ela.

— Nem parece uma cor da natureza. Não parece real. Não é demais?

Era uma árvore linda.

— É como se ela não soubesse que deveria ser marrom. Ninguém disse a ela. Então ela resolveu ir de roxo — Frankie disse.

— Exatamente — disse Alfa. — Agora vou te perguntar mais uma vez. O que traz você aqui?

— É um projeto para a minha aula de cidades — Frankie mentiu.

— Temos que vir até aqui e fazer observações sobre o planejamento arquitetônico da Alabaster, o jeito que o layout da escola reforça ou incentiva determinadas ideologias e comportamentos. — A facilidade em inventar uma desculpa plausível a deixou atônita.

— Interessante — disse Alfa, seus olhos perdidos no oeste novamente.

O que ele via lá? Tinha a biblioteca, um pouco ao norte, e diretamente a oeste estava o prédio de ciências naturais. Depois disso tinha o teatro velho, e depois o bosque.

Frankie foi até a grade de proteção da face sul, procurando alguma coisa para distraí-lo.

— Tem uma trilha atravessando o gramado, de tanto que as pessoas passam caminhando por ali, você está vendo? Saindo em diagonal do prédio principal e indo até a porta do refeitório. Ninguém quer ir pela rua, embora não seja muito mais rápido ir pela grama.

Alfa caminhou até lá e olhou para baixo.

— Passa bem do lado da placa de “Não pise na grama”, também.

— Ninguém parece se preocupar em ser pego.

Alfa riu. Seu braço tocou o dela quando eles se apoiaram na grade.

— Eu não me preocuparia. É aquele tipo de coisa que, se pegam você, não acontece nada — ele disse. — Um guarda vai te dar uma bronca. Mas é isso. Você não vai ser expulso.

— Mas é uma revolta tão boba e sem sentido — protestou Frankie. — “Ah, eu vou pisar na grama porque a placa me diz para não fazer isso! Olha só pra mim.” E essas mesmas pessoas nunca quebram nenhuma outra regra. Nenhuma que importa.

— Desobedecer faz a gente se sentir bem, você não acha? — perguntou Alfa. Ele jogou um pouquinho mais de seu peso sobre o braço dela, e Frankie sentiu cheiro de cigarro e um toque de maçã.

Ela não queria realmente se afastar, mas foi o que fez.

— Sair da linha e atravessar o gramado faz a gente se sentir bem — Alfa continuou, como se nada tivesse acontecido.

— Isso não é bem sair da linha — ela disse. Mas por dentro ela pensou: Ele estava flertando comigo? Ou eu estou imaginando coisas?

— Pois é — Alfa disse —, mas é exatamente o que aqueles vendedores de carro estão oferecendo quando fazem propaganda daqueles utilitários esportivos *off-road*. É a *ideia* de sair da linha. Ninguém vai mesmo sair dirigindo sua van montanha acima. Eles só querem ser o tipo de cara que *poderia* fazer isso. Um cara que não anda na linha.

Ele estava discutindo exatamente como tinha feito com seus amigos no refeitório. Como se gostasse dela. Como se respeitasse o que ela iria dizer em seguida.

Ele não estava flertando com ela.

— Você está dizendo que todo mundo gosta de pensar em si mesmo como o cara que não anda na linha? — Frankie perguntou.

— Claro. Quem quer ser alguém que anda na linha?

Frankie também não queria — mas ela não queria ser alguém cuja ideia de sair da linha fosse comprar um utilitário esportivo ou pegar um atalho pelo meio da grama.

— Se todo mundo sai da linha — ela ficou pensando —, não é tudo uma ilusão? Tipo, todos pensam que são rebeldes nócuos, mas na verdade só gastam muito dinheiro para comprar um carro, o mesmo modelo que todos os seus vizinhos também gastaram muito dinheiro para comprar?

Alfa riu.

— Nócuos? Tipo o positivo de inócuo? Isso é engraçado.

Nós não ficávamos a sós desde aquele dia na praia, pensou Frankie, vendo o rosto largo dele ficar cheio de rugas de alegria. Será que ele também está lembrando daquilo? Mas em vez disso ela disse:

— Pois é, é o mesmo tipo de pessoa que se convence que é demais porque atravessa o gramado pelo meio, quando na verdade está pegando sempre o mesmo caminho que metade do corpo estudantil pega todo dia, e só estão quebrando uma regra que a escola não se preocupa em fazer cumprir.

— Você tem um ponto — reconheceu Alfa. — Mas aquela placa de “Não pise na grama” não incomoda você? Não te dá vontade de sair caminhando por cima da grama?

— Não.

— Você não se irrita por ter que fazer todo o caminho até aquela esquina e aí virar à esquerda para ir até o refeitório, sendo que você poderia chegar lá muito mais rápido indo pelo meio do gramado, só porque alguém responsável pelo paisagismo, tipo, uns cem anos atrás, decidiu que o caminho seria desse jeito?

— Eu acho que existem coisas maiores para se rebelar contra — disse Frankie. — Se eu quisesse sair da linha, faria coisas extremamente fora da linha. Por que gastar minha energia para sair da linha num gramado idiota?

— Pois é, mas fazendo coisas extremamente fora da linha você se arrisca a se meter numa encrenca de verdade — disse Alfa.

— Você realmente participou de uma rinha no Lower East Side? — Frankie perguntou a ele. Ela sempre teve curiosidade, e queria sair daquele encontro entendendo um pouco mais o Alfa.

Ele olhou para ela, surpreso.

— Disso quem sabe sou eu — ele respondeu, sorrindo.

— Não, sério... participou?

— Não vou corromper você contando histórias sobre meu mau comportamento. Olha. — Ele apontou para baixo. — Ali está seu namorado.

E, realmente, Matthew estava parado na frente da Casa do Fundador, olhando para eles lá em cima.

Frankie e Alfa encontraram Matthew nos degraus da entrada.

— Minhas duas pessoas favoritas — Matthew disse, parecendo genuinamente feliz em vê-los. — Eu estava praticamente sozinho no almoço.

— Estava nada — Alfa balançou a cabeça.

— Bem, exceto por Dean e Callum e Steve e Tristan — disse Matthew. — Mas eu senti a falta de vocês. Callum e eu construímos um abrigo para uma ilha deserta usando garfos, purê de batata e cascas de banana.

— Esqueci meus livros — Frankie lembrou, e correu de volta para o lobby da Casa do Fundador para pegar sua mochila. Enquanto estava lá, ela ouviu Alfa dizendo para Matthew:

— Mano, ela apareceu no mirante. Por que ela apareceria no mirante?

— Não seja paranoico. Ela jamais mexeria com a gente — disse Matthew. — E, além do mais, ela nem sabe de nada. Eu juro, ela é inofensiva.

— Não tenho certeza.

— Pois tenha. Eu a conheço muito melhor do que você — disse Matthew.

— Não achei nada lá em cima — disse Alfa. — Mas vale a pena voltar. Todas as outras possibilidades se esgotaram.

Frankie se juntou a eles, e eles a acompanharam até sua aula do sexto período.

Alfa insistiu para que cortassem o caminho pelo meio do gramado.



ARTIE, O NAMORADO DE TRISH, era um cara do CTA. Isso queria dizer que ele era um dos alunos que sabia como fazer funcionar os aparelhos de DVD das salas de aula, conectar os laptops dos professores aos projetores, e coisas desse tipo.

Artie tinha chaves.

Numa sala pequena e escura da Casa do Fundador era exibido um curta-metragem no qual alunos da Alabaster em 1938 praticavam diversos esportes, hasteavam bandeiras e posavam orgulhosamente na frente do Peixinho. Artie tinha estado lá para consertar o projetor mais de uma vez.

O que significava que Artie tinha as chaves da Casa do Fundador.

O prédio fechava às cinco da tarde — antes que qualquer um tivesse saído da prática desportiva —, então Alfa não voltaria até as dez da manhã do dia seguinte (se ele conseguisse ser dispensado da aula por algum motivo), ou até a hora do almoço (caso ele não conseguisse). Mas para garantir que chegaria antes dele, Frankie teria de chegar lá antes que o lugar abrisse as portas, na manhã seguinte.

Imediatamente após a aula de dança moderna, ela pediu um favor a Trish.

— Só vou precisar delas por vinte e quatro horas; e o quanto antes, melhor — ela disse, enquanto as duas estavam perto dos armários, tirando as malhas de ginástica ensopadas de suor.

— O que você está tramando? — Trish estreitou os olhos enquanto se enrolava numa toalha e partia em direção ao chuveiro.

Frankie a seguiu, falando baixo:

— Nada. Uma coisa. Não vou roubar nada.

— Você pode ser suspensa por causa disso, sabia?

Frankie assentiu.

— Estou falando sério. Uma coisa é ir ao campo de golfe depois do toque de recolher, mas entrar em prédios trancados, cheios de porcelana valiosa e sei lá mais o quê... A administração vai levar isso a sério.

— Ninguém vai me ver — prometeu Frankie. — Serei totalmente petuosa.

— Sei lá — disse Trish. — Tenho a sensação de que eles veem tudo.

— Confie em mim — disse Frankie. — Você pode ficar completamente comodada.

— Você não está nem falando normal. — Trish puxou a cortina do chuveiro e abriu a torneira. Ela ficou sem falar por alguns minutos. Frankie estava tomando uma ducha no box ao lado, ciente de que suas ideias tinham ultrapassado algum limite.

Se ela fosse normal, estaria preocupada com a prova de geometria, e se conseguiria um lugar no espetáculo de dança de inverno, e se Zada estava bem na Califórnia com aqueles degenerados de Berkeley, e se Matthew a amava como ela o amava.

Mas nada lhe parecia importante, exceto subir de novo naquele telhado.

Matthew tinha dito que ela era inofensiva. Inofensiva. E estar com ele fazia Frankie se sentir como se estivesse esmagada dentro de uma caixa — uma caixa onde ela deveria ser encantadora e sensível (mas não sensível demais); uma caixa para as garotas jovens e bonitas que não eram tão brilhantes ou poderosas quanto seus namorados. Uma caixa para pessoas cuja força não merecia ser levada em conta.

Frankie queria ser uma força.

— O.k. — disse Trish, desligando a ducha e voltando em direção ao armário.

— Você vai fazer?

— Eu disse o.k.

— Obrigada — disse Frankie, desligando seu próprio chuveiro e indo atrás, enrolando-se numa toalha enquanto caminhava. — Estou tão cepcionada.

— O quê?

— Cepcionada.

Trish deu um suspiro.

— De decepcionada?

— Exatamente.

— Você está ficando louca. Você sabe disso, né?

— É. Provavelmente.

*

Trish foi “estudar” com Artie no dormitório dele depois do jantar, e voltou com as chaves do CTA no bolso.

— Ele vai sentir falta delas na quarta-feira à tarde, com certeza — ela disse a Frankie, entregando as chaves. — Então faça logo qualquer que seja essa sua esquisitice e me devolva as chaves antes disso. Ele

precisa arrumar o projetor para a eletiva de cinema do último ano.

— Entendi. Obrigada.

— E não faça cópias.

— Não vou — mentiu Frankie. — Jamais faria.

As chaves estavam numa argola grande, vinte e cinco ao todo, mas Frankie deu sorte. A quarta que tentou serviu na fechadura. Não havia alarmes. Ela tinha levado uma pequena lanterna, mas a manteve desligada, Tateando no escuro para encontrar o caminho pelos três lances de escada, até chegar ao telhado.

Ela foi até a face oeste do mirante, se apoiou na grade e ficou observando. A biblioteca estava lá, ao norte, mas o que ela deveria enxergar? Havia algum segredo nos prédios?

Ou será que aquilo a que o verso se referia já tinha desaparecido há muito tempo? O campus havia se desenvolvido e mudado desde que o juramento fora escrito, provavelmente cinquenta anos atrás.

Aparentemente o Histórico estava preso com uma fita. Mas como é que alguma coisa presa com uma fita poderia ser vista dali de cima?

Frankie ligou e desligou a lanterna rapidamente e caminhou até a face norte para olhar o mapa de bronze. Era datado de 1947, e não incluía o ginásio novo, o complexo de artes ou o anexo do prédio de ciências.

Olhem para o oeste, rapazes. Num impulso, Frankie se agachou e Tateou embaixo do mapa. A parte de trás era lisa, ao contrário da superfície em relevo, e ela correu os dedos até a borda gelada do oeste.

Nada.

Olhem para os livros, homens! Ela passou as mãos na parte de trás do mapa, de cima abaixo, meticulosamente, e ali, debaixo do pequeno domo em relevo da biblioteca, preso ao bronze com fita adesiva, estava um pequeno pacote.

Foi preciso mais de vinte minutos para soltar a velha fita adesiva o suficiente para tirá-lo de lá. Quando conseguiu, Frankie acendeu a lanterna e iluminou o objeto em seu colo. Envolto em três camadas de sacos de papel havia um pequeno caderno de anotações com a capa de couro.

HISTÓRICO



O HISTÓRICO INFAME DA LEAL ORDEM DOS BASSÊS estava preenchido com a letra cursiva de garotos da escola começando em 1951. Na primeira página havia uma ilustração surpreendentemente boa de um bassê, feita em aquarela. O bassê parecia sério e ridículo ao mesmo tempo.

Eis aqui as aventuras dos Bassês desde o começo da Leal Ordem, transcritas para serem usadas pelas gerações futuras. Deixe o Histórico ser seu guia, ó Bassês do futuro!

Nós, abaixo assinados, nos comprometemos formalmente a cometer atos de desonra, ridículo e anarquia, reservando a possibilidade de também cometer atos de indecência e ilegalidade quando a ocasião pedir.

Os reis Bassês registraram as atividades do clube desde a sua fundação, em 1951, até — Frankie folheou adiante — 1975. Naquele ano, como ficou claro pela caligrafia errática, bem como pelo discurso, a principal atividade dos Bassês (entre eles um futuro presidente dos Estados Unidos) era fumar maconha. E já que agora existia esse relato detalhado da atividade mais ilegal praticada pela Leal Ordem até então — os sacos de “erva” e os “baseados” que eles fumavam no mirante nas madrugadas dos fins de semana —, o rei Bassê daquele ano (um tal de Hank Sutton) insistiu que um Bassê poético chamado Franklin Banks escrevesse um poema que, ao mesmo tempo, louvasse a glória da Leal Ordem e indicasse aos futuros membros a localização do esconderijo ultrassecreto d’O *histórico infame*, para que não houvesse risco de ele cair nas mãos erradas durante o verão.

Banks escreveu o poema depois de fumar um, por isso o texto ficou obscuro daquele jeito. Ele também musicou as palavras, arranhando a guitarra de madrugada em seu dormitório. No dia seguinte, ele a ensinou para todos os Bassês, incluindo os futuros reis e, pouco tempo depois, ele e Sutton se formaram — sem jamais terem contado aos garotos mais novos onde haviam escondido o Histórico.

“Nossa canção será ouvida através das gerações”, escreveu Sutton, “e este relato das nossas aventuras e travessuras será revelado quando a erva for legalizada e nenhum mal puder ser feito a nossas reputações.”

Os novos Bassês tinham sido burros demais para encontrar o Histórico, deduziu Frankie. Provavelmente eles procuraram, mas não

tiveram sorte. Os anos foram se passando e ninguém encontrou nada — e não demorou muito para que mais ninguém soubesse que algum dia ela havia existido. O juramento tinha se tornado apenas um juramento.

O livro estava perdido há mais de trinta anos.

E o pai dela fumava maconha com aquele velho, o Sutton.

Frankie folheou de volta ao começo.

“30 de setembro, 1951”, escreveu o rei que assinava como Connelly em seus textos. “O principal objetivo da Leal Ordem dos Bassês é obter o Peixinho.”

E então, numa nota escrita duas semanas depois:

O Peixinho foi capturado. Os Bassês Kennedy e Hardewick vestiram macacões e saíram carregando uma caixa grande de entrega de flores. Passando pela capela (numa hora em que a barra certamente estaria limpa), se aproximaram da estátua pútea, que não estava sendo vigiada, e a soltaram de seu atracadouro usando uma chave inglesa e um grampo de cabelo que Kennedy havia pedido para sua irmã mandar pelo correio. Hardewick e Kennedy meteram o Peixinho dentro da caixa e a colocaram no carro de Hardewick. O Peixinho agora reside no porão da casa de Hardewick em Williamstown.

A administração ficou furiosa. Os alunos protestaram, exigindo o retorno do Peixinho em nome da moral e do bom companheirismo da Alabaster. Jornais locais cobriram a notícia.

A ideia genial do Bassê Sheffield foi posta em execução: mandamos um bilhete para a administração prometendo devolver o Peixinho em troca de clemência e dez caixas de chocolate Mars. A administração concordou. As caixas de Mars foram entregues em um local específico e uma caixa de flores foi enviada em resposta para a sala do diretor contendo... um peixinho de verdade.

(Viemos por meio desta lamentar que a vida de um inocente peixinho tenha sido tirada como resultado de nossa missão, e decidimos não ferir mais nenhum animal na nossa

trajetória de travessuras.)

De qualquer maneira, a administração ficou completamente lívida. O Peixinho de pedra, o verdadeiro, deve ser devolvido no dia seguinte à formatura, desde que a mãe do Hardewick não o encontre no porão. Hihih.

Em 1968, a Ordem armou uma barraca pequena no gramado central, com uma placa na frente, escrito: “Não entre”. Dentro dela não havia nada. O rei Bassê, um tanto esotérico, só queria ver se as pessoas desobedeceriam a placa, uma vez que não havia motivo aparente para a proibição. Poucos o fizeram.

Naquele mesmo ano eles escreveram uma lista de regras com cara de oficial para o refeitório — algumas eram bem razoáveis (“Não fure a fila; Não pegue duas entradas”) e uma dizia: “Por favor, pise apenas nas lajotas pretas”. Nas primeiras horas, segundo relato do Histórico, muitos alunos realmente tentaram pisar apenas nos quadrados pretos do piso xadrez.

Em outros anos as travessuras haviam sido mais tradicionais: os Bassês tinham coberto o carro do diretor com papel higiênico, pendurado cuecas em postes, posto gelatina nas privadas e instalado armadilhas na porta das salas dos professores distraídos.

Em alguns anos as anotações eram relatos longos e completos, enquanto em outros havia rascunhos mais crus. Na maioria dos anos, porém, os membros juravam lealdade eterna por escrito, prometendo “apoiar uns aos outros por completo” e “jamais esquecer, jamais revelar”.

O que mais impressionou Frankie conforme ela lia foi o sentimento de união. O rei geralmente escrevia a maior parte das notas, mas os Bassês editavam a escrita uns dos outros, incluíam comentários e também se revezavam contando histórias. Eles almejavam continuar amigos mesmo quando se tornassem velhos e grisalhos: “quando estivermos trêmulos, andando por aí de bengala, e tivermos esquecido os nomes das nossas esposas, nós ainda seremos Bassês, e ainda estaremos jovens em nossos corações”, escreveu um garoto rapsódico em 1957.

O caderninho estava surrado e, em cada uma daquelas páginas frágeis, Frankie conseguiu sentir a ligação fundamental entre os garotos. Eles enfrentariam a vida juntos — quer suas travessuras tenham sido idiotas ou geniais.

Ela enfrentaria a vida sozinha.

No final do caderninho, uma chave estava presa à parte interna da capa com fita adesiva. Abaixo dela estava escrito, com os garranchos

dos tempos de escola de Connelly: Hazelton, sub-16.

Hazelton era a biblioteca.



NA QUARTA-FEIRA ANTERIOR AO Dia das Bruxas, Elena Tesorieri exigiu que Alfa não fosse à escola por vários dias. Ela inventou uma crise. Elena não conseguia suportar a cobertura vazia e insistiu que Alfa fizesse companhia a ela e sua mãe em um retiro de ioga nas montanhas Berkshires. Ela disse que seria bom para ele, que sentia falta do filho, e que o retiro era necessário para a manutenção de sua saúde mental — mas que sua própria mãe a deixaria maluca se Alfa não estivesse lá para agir como um para-raios.

Ele tinha aula, tinha que entregar trabalhos, tinha que orquestrar pegadinhas — Elena não estava nem aí. Ele iria para as Berkshires, por quatro dias, passar o Dia das Bruxas.

Uma hora antes de partir, Alfa organizou uma audiência durante o almoço no refeitório.

— Dá pra me imaginar num troço desses? — ele perguntou. — Eu sou, tipo, o homem mais inflexível do mundo. Vai ter todas essas cinquentonas de shortinhos, se contorcendo no formato de pretzels, e vai ter eu. Tentando alcançar os dedos do pé como se eles estivessem na China. “Ei, vocês aí! Vocês estão tão longe, não consigo alcançá-los! Vocês conseguem me ouvir, pelo menos?”

— Acho que um pouco de meditação pode fazer bem a você — disse Elizabeth.

— O quê? Você acha que eu sou um cara tenso? — Alfa riu e mergulhou uma batata frita no refrigerante. — Eu sou o cara que vai perder a prova de cálculo e o trabalho de história sobre o Euro, isso sem falar nas inscrições antecipadas de Harvard, que eu teoricamente devia estar terminando de fazer, e tudo isso só pra ir fazer uns alongamentos no meio do mato.

— Só estou dizendo que não faria mal se você relaxasse.

— Você vai ver. Vou voltar com altas vibrações da ioga transbordando pelos poros. Esses caras da ioga são supersensuais. Você vai ficar completamente incapaz de resistir aos meus encantos.

Elizabeth desdenhou.

Frankie pensou: Alfa e Elizabeth estão transando. Será que Matthew está chateado porque eu e ele não estamos transando?

E então ela pensou: Ele está indo embora. Alfa está indo embora.

— Você vai ligar pra falar daquele lance do Dia das Bruxas? — perguntou Callum.

— Cala a boca. Nós estamos no refeitório — disse Alfa, severo.

— Você bebeu muito café? — reclamou Callum. — Pô, você está muito nervosinho.

— Não — disse Alfa, respondendo à pergunta original. — Não vou poder ligar. Não tem celular nem internet. Esse troço de ioga é das antigas.

E Frankie pensou: Ele não vai poder nem ligar para alguém. Incomunicável por quatro dias.

— Bem, e o que vamos fazer? — Callum insistiu.

— Depois — disse Matthew, olhando para a comida. — Você tem uma boca grande, sabia?

Callum riu.

— Eu sei. Literalmente. Frankie, você quer me ver colocar três torradas na minha boca enorme? Eu consigo, pra valer.

Dean concordou com a cabeça.

— Ele consegue. É uma cena terrível.

— Claro — disse Frankie, entregando as duas metades de um pão torrado que estavam em sua bandeja. — Você quer manteiga?

E por dentro, ela pensou: Quatro dias. Se algum dia eu tive uma oportunidade, aí está ela.

Mas para quê? Uma oportunidade para quê?

— Não — disse Callum. — Manteiga é trapaça. Lubrifica tudo. A verdadeira façanha precisa ser realizada sem o auxílio de manteiga.

— No troço de ioga — disse Alfa, jogando umas torradas para Callum —, eles te ensinam a pôr quatro na boca de uma só vez. Todas as manhãs, todo mundo que está lá pratica isso durante o café. Eles colocam as quatro na boca, e quem conseguir mastigar e engolir tudo sem engasgar ganha um prêmio.

— Mas que bobagem — suspirou Elizabeth.

— Qual é o prêmio? — perguntou Matthew.

— Ah, hã... Vamos ver, o prêmio é algum tipo de certificado de iluminação por torrada, e quando você consegue oito delas você ganha uma medalha que prova que você é o Mestre da Torrada. Estou falando sério. Todos os professores de ioga conseguem fazer com seis torradas. Eles fazem isso todos os dias, obviamente.

Callum tinha enfiado três torradas na boca e estava grunhindo e apontando para o rosto.

— Muito bom — disse Frankie.

Pensando: Uma oportunidade para a travessura do Dia das Bruxas,

é claro.

— Isso não é nada! — gritou Alfa. — Vocês não estavam prestando atenção em mim? Quando eu voltar da iogalândia, vou botar muito mais torradas na boca do que esse troglodita. Esperem pra ver.

Por mais que ele estivesse brincando — e os poderes de autoengrandecimento de Alfa tinham sido usados aqui disfarçados de autodepreciação cômica —, o macho alfa havia sido efetiva e eficientemente (ainda que de forma temporária) emasculado por sua mamãezinha.

Frankie sentiu um leve *schadenfreude*, que rapidamente se transformou em empolgação. Ela escapou mais cedo do almoço e levou as chaves do Artie até uma loja de ferramentas, onde fez cópias de cada uma delas. Depois chegou quinze minutos atrasada para o sexto período e largou as chaves na mochila de Trish com um sorriso de agradecimento, bem a tempo de Artie passar o sétimo período exibindo filmes para a turma da eletiva de cinema do último ano.

No intervalo entre as aulas, Frankie abriu o laptop, entrou na internet e criou uma conta no Gmail.

Usuário: OMACHOALFA.

O que ela planejava fazer com aquela conta de e-mail durante a ausência de Alfa ainda não estava claro. Mas Frankie queria fazer alguma coisa.

Alguma coisa grande.

Alguma coisa para o Dia das Bruxas.

Ela tinha que pensar em alguma coisa, rápido.

Às nove e vinte daquela noite, enquanto tirava o sutiã de algodão e colocava a parte de cima do pijama, Frankie notou o sutiã azul de renda com aro de Trish, jogado no chão do dormitório.

Ela pensou: Que sutiã imbecil.

E daí ela pensou: Mas é bonitinho.

É muito engraçado enfeitar os peitos. Ninguém vai ver mesmo. Mas mesmo que alguém veja. Parece tão indigno decorar suas partes privadas com pedaços generosos de renda que você jamais usaria em qualquer outro lugar que não debaixo de suas roupas.

E daí ela pensou: Peitos.

Peitos são essencialmente indignos.

São eles que me impedem de entrar na Leal Ordem. Sim, são meus cromossomos, e talvez outras coisas também, mas para um símbolo da diferença entre mim e esses garotos, peitos estão de bom tamanho. Ou um sutiã.

Foi bem aí que alguém bateu na porta. Frankie pôs seu roupão e foi atender. Era Artie, com dois de seus amigos do CTA, Charles e John. Eles eram uma explosão de brilho e cor, e usavam quantidades ridículas de batom. Os três estavam vestidos de mulher.

— Ei, a Trish está aí? — Artie perguntou, rindo. — Estamos fazendo um ensaio das nossas fantasias para o Dia das Bruxas. Preciso da opinião dela.

— Ela está no quarto da Mabel estudando para a prova de geografia — disse Frankie, saindo no corredor para admirá-los. — O horário de estudos em grupo não está quase acabando? Vão expulsar vocês daqui a qualquer segundo.

— Ah, nós ainda temos dez minutos — disse Artie. — O que você acha? Como estamos?

Ele deu uma voltinha, se exibindo. Estava usando um sapato de salto alto de couro sintético, tinha faixas pesadas de blush nas maçãs do rosto e um vestido de festa de tafetá roxo.

— Quem vocês estão querendo ser? — Frankie perguntou.

— Como assim?

— De que vocês estão vestidos? Tipo, vocês são um grupo de cantoras, ou algo assim?

— Não, não. Apenas garotas — Artie respondeu. — Né? — Ele se virou para seus amigos, que concordaram. — Apenas garotas.

É assim que eles enxergam as garotas?, pensou Frankie. Porque ela ficou se sentindo como se fosse a coisa mais distante daquela criatura reluzente, fofinha e coberta de batom na frente dela, aquele Artie vestido de mulher.

— Boa sorte com isso.

— Posso te perguntar uma coisa? — disse Charles.

— Claro.

— A gente precisa raspar as pernas? Estou tentando evitar isso usando uma meia-calça preta.

— Não precisa — Frankie disse a ele. — Acho que vocês não estão primando muito pelo realismo aqui. — Ele estava usando uma minissaia prateada e sapatos de salto plataforma. Ele tinha um metro e oitenta e cinco.

— Ah, eu estou sim! — ele gritou. — Não quero que os pelos da minha perna fiquem aparecendo.

— Então você vai ter que se depilar, Charles — disse Artie, ríspido. — Já te falei isso.

— Ele quer saber se a Trish empresta um dos sutiãs dela pra ele —

disse John, usando um vestido de formatura rosa, tomara que caia.

— Consegui este aqui com a irmã do Charlie — explicou Artie. — Mas é bem pequeno. Eu queria ter um pouco mais de impacto.

— Você pode perguntar pra ela — Frankie disse. — O quarto da Mabel é o 209.

— Ou ele poderia usar um dos seus? — John sugeriu.

— Serei indulgente em relação a isso — disse Frankie. — Não vou emprestar minha roupa íntima.

— Dulgente? — Artie franziu a testa olhando para ela.

— O positivo negligenciado de indulgente. Não vou indulgir essa sua ideia. Vou dugi-la. Nada de sutiã.

— Ah, vamos lá — suplicou John. — Só até o Dia das Bruxas.

— Cala a boca! — disse Artie. — Ela não precisa fazer isso. Posso conseguir um com a Trish.

— Se vocês vestirem um bolero com esses vestidos — disse Frankie —, não vão precisar raspar as axilas.

— Ah, não! Eu tinha esquecido das axilas! — gritou John.

— Eu também tinha esquecido das axilas! — lamentou-se Charles, cuja blusa era nada menos que um corpete. — O que é um bolero?

— É como um minissuéter — Frankie disse a ele.

— Tem tanta coisa sobre mulher que a gente não sabe! — resmungou Charlie. — Ainda bem que fizemos um ensaio dessas roupas. Senão teria sido um desastre.

— Vamos lá, senhoras — disse Artie. — Temos de ir até o 209 e conseguir um sutiã pra mim.

— E um bolero — disse John.

— Dois boleros — disse Charles. — Ainda quero ver se consigo passar por essa noite sem depilar nada. Tchau, Frankie!

Frankie ficou vendo eles se equilibrarem sobre os saltos instáveis até o quarto da Mabel. Depois fechou a porta e abriu seu laptop.

Ela estava muito, muito desinfeliz.

Ela tinha um plano. Estava pronto e completo, nos mínimos detalhes. Ele tinha se formado em sua cabeça enquanto Artie e os rapazes falavam sobre suas fantasias, e esperou, tranquilamente, para inundar sua mente no momento em que eles partiram.

Ela começou procurando no Google a palavra *paraquedas*.

COMO ATRAVESSAR UMA PORTA FECHADA



VOCÊS LEMBRAM QUE FRANKIE andou pesquisando e escrevendo os primeiros esboços de seu trabalho de cidades, arte e protesto sobre o Clube do Suicídio de San Francisco e a Sociedade Cacofônica. SantaCon? As Noivas de Março? Palhaços no Ônibus? Vocês lembram.

Depois que Frankie abriu a conta no Gmail, ela escreveu um primeiro rascunho do texto a seguir, que será útil para um entendimento completo do que aconteceu em seguida:

Um dia por ano, todos os anos, os veteranos do Instituto de Tecnologia da Califórnia (Caltech) faltam às aulas e saem do campus. Essa tradição é chamada Dia do Furo, e, de uma simples pegadinha contra a administração da universidade, acabou se transformando numa complexa disputa. Agora, aqueles que tradicionalmente costumavam realizar a pegadinha (os veteranos, matando a aula) se tornaram o alvo da brincadeira.

Tudo começou quando, aproveitando a ausência dos veteranos, os calouros começaram a invadir seus dormitórios e colocar armadilhas nas portas dos armários, mudar os móveis de lugar, ou deixá-los inteiramente vazios (STEINBERG, *Se possível, inclua uma vaca: o livro das travessuras universitárias*). Então, enquanto os veteranos afirmavam seu poder sobre a universidade, os calouros afirmavam seu poder sobre os veteranos.

Mas os veteranos reagiram. Eles começaram a lacrar suas portas. Como era a Caltech, eles mal usaram os móveis para bloquear a entrada e logo partiram para barreiras de cimento e pedaços enormes de metal. Eles puseram baldes com areia e creme de barbear em armadilhas nas portas. Os calouros responderam usando serras elétricas, alicates de corte e britadeiras.

Eles entravam nos quartos com tanta frequência que os veteranos recorreram ao que Neil Steinberg chama de “barreira elegante” — que desafia os calouros a resolverem um problema no corredor antes de conseguirem entrar nos quartos. Funciona dentro de um sistema de honra. A porta fica aberta, e os alunos precisam remontar um motor, decodificar notas aleatórias tocadas por um sintetizador ou resolver algum outro problema extremamente complexo que, sem dúvida, levou muitas semanas para ser criado pelos veteranos (ou veteranas).

Uma adaptação mais recente foi a “barreira de honra” inventada pelos veteranos, que pede aos alunos mais novos que saiam e “se humilhem de várias maneiras criativas, conectadas de maneira a

formar uma trama ou enredo” (STEINBERG, p. 150). Eles tinham de correr pelados pelo campus, comprar uma casa ou roubar o carro do diretor atlético.

Steinberg vê essa disputa como simétrica: “os calouros querendo fazer parte, os veteranos querendo deixá-los de fora” (p. 147). Mas eu acho que a coisa mais interessante sobre o Dia do Furo é a maneira como os alunos mais velhos passaram de realizadores das pegadinhas contra a autoridade (ao matar aula) para a autoridade em quem os alunos mais novos pregavam peça. Em seguida, os alunos mais novos acabavam tendo uma nova pegadinha realizada contra si, com as barreiras criadas pelos veteranos.

A administração acabou deixada de lado ao longo do caminho, até que surgiram as barreiras de honra, quando os veteranos conseguiram fazer com que os alunos mais novos realizassem as pegadinhas contra a administração em seu lugar. Assim, os alunos mais novos, achando que estavam curtindo com a cara dos veteranos por conseguirem entrar em seus quartos, estavam na verdade curtindo com a cara da escola ao correrem pelados, roubarem carros etc.

Essas travessuras se assemelham às atividades do Clube do Suicídio/ Sociedade Cacofônica no sentido de que pegam um símbolo (uma porta fechada, representando a privacidade) e o reinventam. A porta fechada de um veterano no Dia do Furo simboliza um desafio para os calouros (ou calouras). Está dizendo “Me atravesse” ou “Supere o meu dono”.

Assim como os cacofônicos, os alunos da Caltech estão criticando uma instituição secular (a universidade) ao quebrar suas regras tácitas: você deve usar roupas, você deve respeitar seus professores, você não deve atacar os dormitórios de seus colegas com uma serra elétrica.

DIA DAS BRUXAS



De: omachoalfa@gmail.com

Para: Porter Welsch [pw034@alabaster.edu], Matthew Livingston [ml220@alabaster.edu], Dean Enderby [de088@alabasterpeparatory.edu], Callum Whitstone [cw165@alabaster.edu], e 7 outros...

Assunto: Dia das Bruxas. Mudança de planos.

Delete este e-mail assim que memorizar o conteúdo. E deletem também do servidor, seus poodles. Entendido? Ótimo.

Houve uma mudança de planos para o Dia das Bruxas. O plano antigo é muito idiota. Precisamos fazer uma travessura em larga escala, que mande a administração tomar no N*MA, e ao mesmo tempo divirta nossos colegas como se não houvesse amanhã.

Cada um de vocês receberá instruções específicas. Porter e Sam irão executar as partes mais perigosas da missão, mas essa é uma operação em larga escala, e todo mundo vai ter que participar.

Alguns de vocês terão que roubar equipamentos de escalada do ginásio novo, e estejam preparados para usá-los com um grau de habilidade razoável.

Outros terão que arrecadar uma grande quantidade de roupas de baixo femininas, com cores e estampas divertidas.

Outros ainda terão que pegar material de pintura no porão do teatro velho para confeccionar cartazes.

Possuo cópias de todas as chaves de que vocês precisarão para realizar a operação, e as deixei dentro de um envelope embaixo da porta do Livingston.

Ah, e mandei via FedEx um paraquedas para o Enderby. Então não se esqueça de conferir sua correspondência, mano.

Todas as outras compras devem ser feitas com discrição. Paguem com dinheiro quando for possível e queimem os comprovantes. As compras que precisam ser feitas pela internet foram amplamente distribuídas entre aqueles que possuem cartões de crédito sem limite.

Não sejam pegos.

O nome da missão? Nas Garotas Confiamos.

Câmbio e desligo.

Antes da chegada dessa mensagem, o plano dos Bassês para o Dia das Bruxas era confuso e desorganizado. Os membros da Leal Ordem haviam discordado em relação ao que era considerado engraçado e ao que valia o incômodo.

Dean sugeriu que todos se vestissem de pirata — mas sua ideia foi vetada porque piratas são muito 2006 e, além disso, aquilo não era exatamente uma travessura. Alfa sugeriu pintar o Peixinho mais uma vez, mas Matthew recusou a ideia por ser repetida e não ter muito o espírito dos Bassês. Sam imaginou que eles poderiam cortar o gramado na forma de um bassê gigante, mas sua ideia foi rebatida pelo fato de que ninguém saberia o que era aquilo, e o cortador de grama faria barulho demais para uma operação secreta. Callum propôs arranjar trinta abóboras, escrever “Leal Ordem dos Bassês” nelas com pincel atômico, e empilhá-las na frente da porta do prédio principal, obstruindo a entrada. Isso seria feito às cinco da manhã e causaria um grande tumulto quando os alunos comessem a chegar e tentassem ir para suas respectivas salas de aula. Mas Alfa cortou essa ideia chamando-a de idiota, e Matthew concordou, argumentando que o pessoal da limpeza removeria as abóboras antes que qualquer um pudesse sequer notá-las.

Por fim ficou resolvido que eles espalhariam garfos pelo gramado (com os dentes para cima) de modo que, vistos de cima, os garfos soletrassem CUIDADO COM O BASSÊ. Sam e Porter ficaram encarregados de roubar várias caixas grandes de garfos de plástico do Alpendre. Eles, junto com outros dois membros menos significativos (porém mais velhos) da Ordem, deveriam acordar com o sol nascendo e enfiar os garfos na grama enquanto Tristan e Callum ficavam vigiando do dormitório deles, que tinha uma janela virada para o gramado.

Na manhã de quinta-feira, entretanto, com Alfa longe, no retiro da iogalândia, todos os Bassês receberam o e-mail acima, cancelando o lance dos garfos em favor de Nas Garotas Confiamos. Além disso, cada membro da Leal Ordem recebeu um e-mail privado, detalhando sua missão em particular.

Quando os alunos da Alabaster acordaram na manhã do Dia das Bruxas, descobriram que os retratos de diretores, figuras literárias e membros do Conselho Administrativo que ficavam nas paredes do prédio principal, do prédio de ciências e do complexo de artes tinham sido decorados com sutiãs coloridos de tamanhos variados. O próprio fundador usava um sutiã meia-taça floral cor-de-rosa, enquanto o diretor anterior vestia um enorme sutiã azul-escuro de alta sustentação. Nenhuma das pinturas foi danificada no processo; todos os sutiãs foram presos com fio plástico transparente amarrado na parte de trás da moldura.

A pequena estátua de uma ninfa que ficava próxima à lagoa estava usando um prático sutiã bege com aro. O Peixinho vestia um sutiã pequeno, num tom de roxo berrante. Até mesmo a árvore enorme que ficava na frente da biblioteca exibia um modelo extragrande escarlate, comprado na gôndola de promoção da Victoria's Secret da cidade. A etiqueta ainda estava presa a ele, tremulando suavemente em meio à brisa de outubro.

O domo da biblioteca Hazelton, tão orgulhosamente erguido no meio do campus, tinha sido vestido com um grande paraquedas marrom-claro — do tipo projetado para atividades de lazer e aulas de educação física. A protuberância no topo do domo, que ficou no centro do paraquedas, foi pintada de rosa-claro e, caso alguém não tivesse captado a ideia, eles penduraram um enorme cartaz na frente da biblioteca, dizendo: NAS GAROTAS CONFIAMOS.

Em cada quadro de avisos do campus havia sido deixado um bilhete, uma cópia da mensagem que logo seria entregue a todas as caixas de correio, tanto dos alunos quanto dos professores.

SOBRE A TRAVESSURA DO DIA DAS BRUXAS

Até os mortos irão perceber que nossos estimados diretores e membros da diretoria — juntos com Mark Twain e os cientistas desinteressantes cujos retratos estão pendurados no prédio de ciências —, além da árvore em frente à biblioteca Hazelton, o Peixinho, a ninfa e até mesmo o próprio domo, finalmente, após anos observando as festividades de Dia das Bruxas dos alunos com uma inveja evidente, resolveram se fantasiar para a ocasião.

Não mais será necessário que eles nos encarem tristemente dos limites de suas molduras e de seus atracadouros arquitetônicos. Agora eles podem celebrar junto com o resto de nós.

Nas Garotas Confiamos!

Feliz Dia das Bruxas.

No rodapé de cada bilhete estava estampado um carimbo que reproduzia o desenho do lacre de cera dos convites para a festa no campo de golfe: um bassê de orelhas caídas.

*

No Dia das Bruxas, apesar de não ter conseguido dormir a noite inteira, Frankie Landau-Banks ficou deitada em sua cama desde as dez da noite até pouco antes do café da manhã.

Quando o retrato do segundo diretor da Alabaster que ficava pendurado no lobby do refeitório revelou-se em um sutiã amarelo-brilhante com enchimento, Frankie demonstrou uma surpresa inocente, com cara de sono. Ela veio com Matthew e os demais Bassês, que estavam todos pálidos e com cara de cansaço, mas havia entre eles uma perceptível (ainda que velada) atmosfera de triunfo. Frankie ficou pensando se algum deles suspeitava dela, meio querendo

que eles soubessem e meio torcendo para que jamais descobrissem.

Ao longo da manhã, ninguém falava de outra coisa. Quando saiu da aula de história, Frankie se encontrou com Trish, Star e Claudia.

— Por que sutiãs? Nisso é que fiquei pensando — Claudia estava dizendo.

— Ah, você viu o meia-taça rosinha do fundador? Aquele ali é muito bonitinho — disse Star. — Eu com certeza usaria.

— Acho que é como se estivessem tirando sarro das mulheres — disse Trish. — Como se estivessem dizendo: “olha só como esses velhos ficam ridículos usando roupas que as mulheres usam todos os dias”.

— Acho que tem mais a ver com objetificação — Claudia sacudiu a cabeça. — Transformaram o domo da biblioteca num peito gigante para que todo mundo pudesse achar graça dele. Todos os garotos ficaram fazendo piada de peitos na aula de matemática hoje de manhã.

— É a mesma coisa — disse Trish.

— Não acho. Uma coisa é objetificação, outra é denegrimento — disse Claudia, sempre botando banca.

— Mas as duas coisas não andam juntas?

Frankie começou a pensar se poderia fazer um PONI a partir de *denegrimento*. *Negrimento*: apreciação, aumento de valor.

Talvez não.

— Eu só achei engraçado! — Star estava dizendo. — Talvez só queira dizer que peitos são demais! Porque eles são. Aposto que secretamente os garotos gostariam de ter peitos. Como se eles tivessem feito da biblioteca um templo para a deusa do peito. Vocês não acham que pode ser isso?

— Será que não estão querendo chamar a atenção para o fato de que, tipo, não tem nenhuma mulher nos retratos espalhados pelo campus? — disse Frankie. — Será que não pode estar dizendo: “Onde estão as mulheres para preencher estes sutiãs?”.

— Isso também é verdade! — gritou Star, saracoteando-se. — A ninfa é a única menina.

— Vocês sabiam — continuou Frankie, o mais casualmente que pôde — que as garotas chegam a cinquenta e dois por cento do corpo estudantil, mas a apenas cerca de doze por cento da administração?

— Uau. Agora você deu uma de nerd — disse Star.

— Cala a boca. — Trish disse.

— Bom, mas tipo, quem é que sabe uma coisa dessas? — Star

perguntou. — É muito esquisito que ela saiba isso.

Frankie ignorou o insulto. As pessoas estavam falando sobre o que ela havia feito. Ela estava feliz só de elas estarem pensando naquilo, quaisquer que fossem suas opiniões a respeito.

— Ah! — ela disse, como se tivesse acabado de lhe ocorrer alguma coisa. — E se levarmos em consideração que talvez todos esses fundadores e diretores estejam tentando entrar em contato com seu lado feminino? Eles estariam vestidos de mulher, do mesmo jeito que muitos garotos fazem no Dia das Bruxas, porque é sua única chance de experimentar um pouco do poder que vem com a feminilidade?

Claudia levantou as sobrancelhas.

— Acho que não.

— Mas o bilhete dizia “Nas Garotas Confiamos” — insistiu Frankie.

— Ainda acho que estão tirando sarro da gente — disse Trish.

— Viva o poder da feminilidade! — gritou Star.

Os sutiãs ficaram lá até depois do almoço, quando a equipe de manutenção terminou as tarefas costumeiras da manhã e começou a desamarrá-los. O peito da biblioteca (ou “Garota da Biblioteca”, como doravante o chamaremos) ficou lá a maior parte do dia, até que conseguissem encontrar e contratar pessoas com o equipamento necessário para escalar o telhado. A entrega da correspondência ao meio-dia, trazendo uma cópia do bilhete supracitado para cada um dos membros da comunidade da Alabaster, fez com que todo mundo começasse a falar de novo sobre aquilo.

Matthew estava flutuando de alegria, Frankie pôde perceber — apesar de ele não ter dito uma palavra sobre a travessura, fingindo inocência e admiração.

Frankie ficou contente por ele estar desinfeliz.

E ficou zangada por ele não ter contado a ela por quê.

Ao mesmo tempo.

UM IMPROVISO



QUANDO ALFA TESORIERI VOLTOU ao campus numa noite de domingo, foi convocada uma reunião extraordinária da Leal Ordem, na escuridão ao lado da ponte que atravessava a lagoa. Frankie ficou assistindo escondida no bosque.

Todo dolorido por causa dos quatro dias de ioga, ele consumiu rapidamente um saco de batatinhas enquanto os outros se reportavam a ele. A maneira como Alfa controlou a situação foi impressionante. Frankie esperava que ele fosse ficar furioso por ela ter sequestrado a travessura do Dia das Bruxas. Esperava testemunhar reprimendas e xingamentos pra cima dos manos.

Ela ficou pensando que, no fim das contas, ele suspeitaria de alguém de fora do bando e acabaria acusando-a, com raiva mas admirando sua genialidade e a reconhecendo como mente superior.

Mas não foi isso que aconteceu.

Ainda que estivesse claro para Frankie que, a princípio, Alfa não tinha a menor ideia do que tinha acontecido na Alabaster no Dia das Bruxas, ele rebateu, tranquila e jovialmente, todas as bolas que jogaram em sua direção.

— Mano, fiquei tão feliz que você nos fez desistir dos garfos — disse Sam. — Eu não estava muito animado para fazer aquilo.

Passou-se menos de um segundo antes que Alfa dissesse:

— Não era bom o bastante.

— Brilhante — disse Matthew. — Quero dizer, brilhante mesmo. Você é um gênio do mal.

Alfa deu um tapa em suas costas.

— É o meu objetivo, me tornar um gênio do mal.

— Sério — prosseguiu Matthew. — Ninguém poderia ter feito melhor.

— Valeu. Mano, você e eu temos que conversar mais tarde.

— Onde você conseguiu aquele paraquedas? — perguntou Callum.

— O quê?

— O paraquedas.

— Na internet, onde mais? — respondeu Alfa.

— Os e-mails foram excelentes — disse Dean. — Não sei como nunca tínhamos pensado nisso, organizar as coisas usando uma lista de e-mails.

— E como você sabia onde comprar os sutiãs, mano? — perguntou Callum.

Alfa improvisou.

— Sutiãs? Você está falando dos sutiãs? — Ele fez conchas com as mãos e colocou sobre o peito.

— Sutiãs.

A voz do Alfa não denunciou nem um pouco do quanto ele devia estar confuso.

— Acorda. Eu tenho uma namorada. Mas não se preocupem, eu tirei as informações dela sem que ela suspeitasse de nada.

— Aquela carta foi genial. — Dean sacudia a cabeça.

— Você gostou? — Ele estava tentando conseguir mais informações.

— Demais. “Nas Garotas Confiamos!”

— Eu escrevi antes de partir.

— Como é que você conseguiu a chave do ginásio? — Sam quis saber.

— Ah, eu tenho meus canais. Meus contatos secretos.

— Porter quase se matou naquele telhado.

— Aí, hein, Porter. Provando que é digno da coroa, excelente.

— Alfa — chamou Porter. — Tenho uma pergunta...

— Manos! — interrompeu Alfa. — Tenho uma séria privação calórica para tratar, e não vejo Elizabeth há quatro dias. Vamos terminar por aqui, se não tiver nenhuma ordem do dia? Eu entro em contato.

— Sim, ó rei Bassê.

Frankie estava sentada sobre seu suéter, a uns três metros de distância deles, no escuro. Ela não se mexeu até que o último deles fosse embora.

Ela deveria saber que aquilo iria acontecer. Como é que ela não previu?

Alfa estava levando o crédito.

Bem, se ele queria jogar daquele jeito, Frankie resolveu subir as apostas.

OS E-MAILS SUBSEQUENTES



De: omachoalfa@gmail.com

Para: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Você disfarça bem, Alessandro. Quase deu para acreditar que você sabia, na noite passada, o que aconteceu com os sutiãs.

E com o paraquedas.

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Que porra é essa, seu ladrão de identidade membro do meu próprio bando?

De: omachoalfa@gmail.com

Para: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Eu fiz você ficar bem na foto.

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Cachorro!

De: omachoalfa@gmail.com

Para: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Eu mordo pior do que lato.

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

O que você quer?

De: omachoalfa@gmail.com

Para: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Espera e verá.

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Sam, seu bunda-mole com sede de poder.

De: omachoalfa@gmail.com

Para: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Concordo, Sam é um bunda-mole com sede de poder.

Mas não sou ele.

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Elizabeth, se for você, isso significa que você andou vasculhando meus documentos privados, o que significa que você não é mais minha namorada.

De: omachoalfa@gmail.com

Para: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

A loba não vasculhou seus documentos.

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Você é tipo o meu *doppelganger*, é isso?

De: omachoalfa@gmail.com

Para: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Doppelganger: da palavra alemã *doppel*, em dobro. E *ganger*, aquele que caminha. Alguém que caminha em dobro.

Significa um sósia, Alessandro. Ou um gêmeo malvado.

Mas eu? Eu sou invisível; e quando você me vir, verá que não pareço em nada com você.

Então, não. Não sou seu *doppelganger*.

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Como você é?

De: omachoalfa@gmail.com

Para: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Sou mais bonito, Alessandro. E tenho um e-mail muito mais legal.

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Não me chame de Alessandro, senão a coisa pode ficar feia.

De: omachoalfa@gmail.com

Para: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Ah, então devo chamá-lo de Alice?

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

A Leal Ordem está na ativa desde a década de 1940. Os reis Bassês são escolhidos pelos reis do ano anterior. Sempre foi feito dessa maneira. Este é o protocolo: se você não está feliz com o que vem ouvindo nas reuniões, venha falar comigo ou com o Livingston. Nós ouviremos o que você tem a dizer.

De: omachoalfa@gmail.com >

Para: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Sua informação não está correta. A Leal Ordem está na ativa desde 1951, fundada por Henry Connolly, Davie Kennedy e Clayton Hardewick. Sua primeira atividade foi a captura do Peixinho e seu consequente abandono no quintal da

casas da mãe de Hardewick. Eles só foram devolver depois da formatura.

Eles escreveram tudo isso em um livro, *O histórico infame da Leal Ordem dos Bassês*.

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Já sei sobre o Histórico. Sam é um herdeiro. O pai dele contou pra ele, e Sam contou pra mim. Assim que nós o encontrarmos, vamos dividir com todo o bando.

De: omachoalfa@gmail.com

Para: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Estou olhando para ele neste momento.

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Quem quer que você seja, esse livro não é sua propriedade legítima. Ele pertence aos Bassês. Ao coletivo, não a um membro individual. A Ordem não tem servido bem a você? Lembre-se de seu voto de lealdade.

De: omachoalfa@gmail.com

Para: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Se eu fiz um voto de lealdade, não estou lembrado.

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Frankie Landau-Banks. Acertei?

Sabia que você estava tramando alguma coisa naquele dia no mirante.

De: omachoalfa@gmail.com

Para: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Você realmente acha que eu sou a namoradinha do Livingston?

Não me insulte ou vai acabar se arrependendo. Tenta de novo, babaca.

E se você está tão nervosinho, por que não conta pro Livingston o que está rolando?

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Você sabe por que não conto pro Livingston.

De: omachoalfa@gmail.com

Para: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Sim, eu sei.

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Só me diz que você não é o Livingston. Matthew jamais faria isso.

De: omachoalfa@gmail.com

Para: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Não sou o Livingston.

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

PARA: omachoalfa@gmail.com

Quero esse livro, seu lunático mascarado.

(Frankie não respondeu esse e-mail).

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Você recebeu meu último e-mail? Quero esse livro. Será que nós podemos fazer uma troca?

(Sem resposta.)

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

O que você quer por esse livro? Deve haver alguma coisa que você queira, ou você não teria me dito que está com você.

(Sem resposta.)

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Quero esse livro, seu psicopata.

(Sem resposta.)

QUANTO CUSTA AQUELE CACHORRINHO NA JANELA?



HAZELTON SUB-16 ERA UMA PORTA no subsolo da biblioteca. Nenhuma das chaves do CTA de Artie dava acesso aos túneis de manutenção do sistema de calefação que passava por baixo dos prédios da Alabaster; Frankie havia tentado usá-las em todas as portas que conhecia. Mas a chave presa à contracapa d'O *histórico infame* serviu perfeitamente, e Frankie caminhou pelos túneis, sozinha, na hora do almoço, na segunda-feira após o retorno de Alfa.

Uma nota de 1963 no Histórico explicava que os túneis da manutenção da Alabaster passavam por todo o campus, com seus becos sem saída, bueiros ocasionais, portas trancadas e dutos de calefação pendurados nas paredes. Somente os zeladores e o pessoal da manutenção podiam entrar. Um Bassê chamado Shelby Dexter havia surrupiado aquela chave de um cara que trabalhava na manutenção da biblioteca, quando o encontrou dormindo no trabalho — e desde então ela havia sido passada a cada rei Bassê que veio depois.

Em 1965, vários Bassês disseram ter levado garotas de uma escola local para os túneis, durante uma festa, para consumir paixões impróprias aos espaços públicos. Em 1967, um rei empreendedor, com uma grande quantidade de dinheiro e um conhecimento mínimo sobre vinho, montou uma adega nos túneis — apenas para descobrir, pouco tempo depois, que todas as garrafas haviam esquentado demais, arruinando o conteúdo. Em 1968, os membros da Leal Ordem deram início a uma infiltração sistemática em todos os prédios a que podiam chegar usando os túneis, deixando o logotipo dos Bassês desenhado em quadros-negros espalhados pelo campus todas as noites ao longo de uma semana. No começo dos anos 1970, na época em que os Bassês se divertiam fumando maconha, os túneis estavam impregnados com o perfume doce e pungente da erva, e em 1975, quando o pai da Frankie era um Bassê, os membros da ordem se infiltraram diversas vezes no canteiro de obras do novo prédio de ciências, sempre deixando vários bassês de pelúcia em locais de destaque.

O ar do outono estava frio, e o sistema de calefação da Alabaster já estava em funcionamento quando Frankie explorou os túneis pela primeira vez. Ela levou uma lanterna com ela, para evitar acionar qualquer interruptor, mas numa questão de minutos estava suando tanto que precisou ir embora. Ela voltou mais tarde naquela noite, vestindo uma regata e um shorts por baixo da roupa. Em seu bolso

trazia uma bússola e um rolo de barbante.

Ela amarrou o barbante em volta da torneira que saía de um cano perto da porta, acendeu a lanterna e saiu andando rapidamente por entre os túneis, ignorando a sensação de formigamento que descia pelas suas costas e lembrando a si mesma de que não estava sendo observada.

Era só o pan-óptico que a deixava tão paranoica, ela disse a si mesma. Isso, e a culpa por estar mentindo sistematicamente para o seu namorado desde o primeiro dia em que o seguiu.

O túnel levou Frankie por baixo da biblioteca — e depois, como ela havia previsto, até abaixo do gramado. Havia vários cruzamentos, e muitos caminhos que ela seguiu levaram a becos sem saída. Também havia relativamente poucas retas — os caminhos iam mudando de direção em ângulos retos. Frankie contava com o barbante que ia desenrolando para não se perder irremediavelmente.

Muitas portas e alçapões tinham identificações não oficiais, etiquetas com garranchos em canetinha preta, provavelmente feitos por uma série de caras da manutenção ao longo dos anos. Frankie achou o prédio de ciências, o complexo de artes, o refeitório e assim por diante — mas todas as entradas estavam firmemente trancadas.

Ela levou quase duas horas para encontrar uma porta que abrisse. Quando finalmente encontrou, entretanto, soube que tinha acertado em cheio: a porta levava ao subsolo do ginásio antigo; ela podia sentir o cheiro de cloro impregnado nas paredes, ainda que a piscina dali estivesse desativada há uma década.

Amarrando o barbante firmemente à maçaneta e mantendo a lanterna apontada para baixo, Frankie subiu as escadas do subsolo até a piscina no porão e de lá para o térreo. Havia duas salas grandes, ambas com piso sintético e quadras de basquete. O teto tinha o dobro da altura e as janelas eram excepcionalmente altas.

Frankie encontrou a salinha do zelador.

Ela subiu as escadas.

O andar superior abrigava os vestiários masculino e feminino e uma sala de pesagem. Havia janelas enfileiradas no corredor que davam para um dos alojamentos dos garotos.

Frankie estava procurando por uma tomada. Ela acionou um interruptor para se assegurar de que ainda havia eletricidade.

Era uma e meia da manhã.

Por volta das duas e quinze ela já tinha seguido o barbante de volta até Hazelton, saído por uma janela no porão que tinha deixado encostada, ligado para o celular de Trish e entrado pela porta da

cozinha no segundo andar do alojamento.

— Espero que você esteja usando algum contraceptivo — sussurrou Trish, mal-humorada, enquanto engatinhava de volta para cama.

Frankie fez que sim com a cabeça.

— Você está com uma cara horrível — Trish acrescentou. — Você está bem?

— Claro.

— Tem certeza? Tem alguma coisa que você não está me contando?

Tinha tanta coisa que Frankie não estava contando para ela. Por onde ela deveria começar?

— Matthew e eu tivemos uma discussão — ela mentiu. — Nós fizemos as pazes, mas foi bem complicado. Na verdade, vou escrever sobre isso para colocar minha cabeça no lugar. — Ela tirou o laptop da tomada e o levou para cama. — A luz não vai te incomodar, vai?

— Não, já estou meio dormindo mesmo — Trish balbuciou. — Lamento pela briga.

— Tá tudo bem.

Frankie ligou o computador e checkou sua conexão à internet. Cada osso em seu corpo estava doendo, mas ela estava totalmente desperta. Ela ainda tinha treze e-mails para escrever.

Quatro dias depois, a partir das cinco da tarde, as janelas do ginásio antigo — tanto aquelas mais altas, nas quadras de basquete do térreo, quanto as que ficavam no andar de cima, próximas aos vestiários — foram iluminadas por doze bassês de plástico de sessenta centímetros de altura usando chapéus de Papai Noel, originalmente projetados para servirem como ornamentos natalinos de jardim. Eles brilhavam por dentro.

Eles vinham do animais-natalinos.com, e cada um tinha sido comprado e enviado para um membro da Leal Ordem. Cabos de extensão haviam sido comprados pelos garotos de um fornecedor online, assim como as lanternas. A chave do subsolo da biblioteca Hazelton havia sido duplicada e encontrada por Alfa Tesorieri em sua caixa de correio. Com ela, ele fez exatamente o que Frankie disse, e levou seus companheiros até o porão às quatro e meia da manhã em que o projeto seria executado. Os Bassês seguiram o barbante que Frankie havia deixado para guiá-los por entre os túneis escuros de manutenção até o ginásio antigo, onde arrombaram a salinha do zelador com alicates, usaram a escada que encontraram lá dentro, e colocaram as luzes natalinas em forma de bassê nas janelas.

A tarefa de Porter era fingir estar doente, faltar ao treino de

lacrosse e voltar ao ginásio pelos túneis de manutenção logo depois que escurecesse. Uma vez lá, ele deveria acender todas as luzes.

Quando os alunos da Alabaster começaram a andar pelo campus depois da prática desportiva, um grupo de pessoas se reuniu em frente ao ginásio antigo. Eles olhavam para os cães de aparência boba que brilhavam na penumbra.

Frankie estava indo buscar o Matthew na saída do futebol quando viu a multidão. Ela esperava ver os manos, é claro, mas não lhe ocorreu que as pessoas fossem se concentrar na frente do prédio. Ela ficou ali parada, com o suéter pendurado nas costas, amarrado pelas mangas.

— Surreal, hein? Como é que conseguiram entrar ali? — Star falava com Claudia.

— Não sei; está fechada com correntes há muitos anos, desde que uns quartanistas se infiltraram ali. Meu irmão me contou.

— Não iam reformá-lo?

— Meu irmão disse que tem amianto aí dentro — chutou Claudia.

— Parece que aqueles cachorros estão nos observando — disse Star. — Você não acha assustador?

Claudia deu de ombros.

— Acho que quem está fazendo essas coisas simplesmente pensa que o campus precisa ser mais bem decorado. Como se os retratos precisassem de sutiãs emperiquitados, e o ginásio antigo, de luzes natalinas.

— Pode ser.

— Não tinha um bassê naquele convite que recebemos para a festa no campo de golfe, o mesmo que estava na carta do Dia das Bruxas?

— Ouvi que é algum tipo de sociedade secreta que está fazendo tudo isso — Star disse. — Foi o que Ash me contou.

— Mesmo?

— Sim, e é superantiga e ninguém sabe quem é membro.

— O Dean não tinha alguma coisa a ver com aquela festa?

Star fechou a cara e disse:

— Não quero falar sobre o Dean.

— Mas ele não tinha?

— Não sei. Ele nunca me contava nada.

Claudia sacudiu a cabeça.

— Não acho que ele seja inteligente o suficiente pra fazer algo assim.

— Como assim? — Star ficou brava. — Ele está fazendo a inscrição antecipada para Princeton.

— É, mas ele nunca ia pensar nisso — observou Claudia. — Ia? Ele nunca teria toda essa motivação.

— Eu já disse a você que não quero falar sobre ele.

Frankie não falou com Star — nem com ninguém. Ela ficou ali parada, exultante, ouvindo cinquenta e quatro estudantes e três professores debatendo, especulando e pensando.

Sobre algo que ela tinha feito.

Algo que ela tinha feito acontecer.

UM OUTONO INFAME



NO MÊS DE NOVEMBRO, a Leal Ordem dos Bassês teve um crescimento em suas atividades que superou qualquer coisa que eles haviam feito desde 1968. Todas as ideias foram atribuídas a Alfa, que manteve um silêncio misterioso a respeito de seus métodos e passava cada vez mais tempo com Elizabeth, quase ao ponto de evitar seus colegas Bassês — principalmente Matthew.

Muitas coisas que o diretor Richmond mais tarde chamaria de “malcriações” foram ideias tiradas d’O *histórico infame*. Frankie procurou “como desenhar” e “bassê” na internet e descobriu um tutorial online sobre como desenhar o cão. Ela fez com que todos os membros da ordem aprendessem e, depois disso, eles usaram as cópias das chaves de Artie para entrar nos prédios fechados durante a noite e desenhar bassês enormes em todos os quadros-negros.

Ela fez com que aqueles que possuíam cartões de crédito sem limite comprassem grandes quantidades de bassês de pelúcia, que foram então enfileirados do prédio principal até um hidrante num lugar de destaque. (Ela tinha medido a distância cuidadosamente para garantir que haveria bichos de pelúcia suficientes para chegar até lá.)

Numa escala maior, houve a Noite dos Mil Cães, em que cada aluno do último ano recebeu uma máscara de borracha de cachorro. Não havia bassês entre elas — parece que não há muito mercado para máscaras de cães pequenos. Em vez disso havia rottweilers, buldogues, dinamarqueses e pastores-alemães. Elas foram compradas de trinta sites diferentes pelos garotos. Instruções foram enviadas por e-mail em seguida, e a turma do último ano usou as máscaras na Festa da Colheita que aconteceu numa sexta-feira à noite (exceto por alguns membros muito sérios do grêmio estudantil e os integrantes do coral).

Quando chegou a hora de toda a escola cantar — “’Tis a Gift to be Simple”, seguida de “This Land is Your Land” —, os cães apontaram seus narizes para o alto e uivaram. Um deles levantou um cartaz que dizia:

Informamos respeitosamente que,

Em nossa opinião coletiva,

Música folclórica é uma merda.

A apresentação foi encerrada prematuramente.

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

E aí, psicopata,

Alguns manos estão me perguntando por que estou importunando a administração. Uma fileira de bichos de pelúcia é uma coisa, mas quando você mexe com os professores de canto, você vai acabar fazendo inimigos.

Eu não quero ficar ouvindo reclamações por causa disso.

De: omachoalfa@gmail.com

Para: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Relaxa. 96% da turma do último ano participou. A escola inteira está animada.

Além do mais, sei que você concorda comigo sobre música folclórica.

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Quero que você pare. Agora.

De: omachoalfa@gmail.com

Para: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Não.

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Não posso me meter numa encrenca por causa disso. Não posso me dar ao luxo de me meter numa encrenca de verdade por causa disso.

De: omachoalfa@gmail.com

Para: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Você não vai se meter em encrenca a menos que faça algo estúpido.

Todos os rastros estão bem escondidos.

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Não vou mais fazer o que você mandar.

De: omachoalfa@gmail.com

Para: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Você vai contar pros manos que você não é o cara que eles pensam que você é?

Contar tudo para o Richmond e comprometer todos os manos que fizeram o que você mandou?

Mostrar para Elizabeth que você não é o homem que ela pensa que ama?

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Beleza. Você me pegou. É óbvio que não.

Mas eu ainda quero aquele livro de volta, seu bunda-mole com sede de poder.

De: omachoalfa@gmail.com

Para: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Você vai gostar da próxima missão, Alessandro. Isso eu prometo a você.

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Por que você está fazendo isso? É isso que não consigo entender.

(Sem resposta.)

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Você quer que eu fique pensando em você o tempo todo, é isso?

(Sem resposta.)

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Mas de que adianta pensar em você o tempo todo se não sei quem você é?

(Sem resposta.)

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Me responda! Estamos tendo uma conversa aqui!

(Sem resposta.)

A REVOLTA DA BETERRABA ENLATADA



A REVOLTA DA BETERRABA ENLATADA surgiu quando o diretor Richmond anunciou na capela que Sylvia Kargman, uma ex-aluna particularmente generosa, CEO da Viva (uma grande empresa de refrigerantes) e mãe de três garotos, sendo que o do meio (Jeff) era terceiranista na Alabaster, viria falar para toda a escola sobre o tema “Seguindo seus sonhos: conhecimentos e estratégias essenciais para o sucesso”. Em seu discurso, Richmond observou que a empresa da sra. Kargman havia “patrocinado” as reformas do refeitório.

— É por isso que todas as máquinas de refrigerante são da Viva — balbuciou Matthew, enquanto saíam da Capela.

— São? — Frankie não tinha reparado.

— Claro. Dois anos atrás eles levaram embora todas as máquinas de Coca e Snapple e as trocaram por essas.

— E quanto à máquina de sucos no ginásio?

— Leia as letras miúdas. O suco Jumbo é um produto das empresas Viva. O campus inteiro está coberto de anúncios da empresa da mãe do Jeff.

(Jeff Kargman não era um Bassê, nem amigo de nenhum dos Bassês em particular. Ele era, na verdade, membro do Conglomerado de Clubes Nerds, ativo tanto na Olimpíada de Ciências quanto no Clube de Horticultura.)

— De que mais eles são donos? — perguntou Frankie.

Matthew deu de ombros.

— O jornal publicou uma reportagem quando a reforma do refeitório foi feita. A Viva é dona não apenas do suco Jumbo, mas também dos laticínios Swell, das comidas enlatadas NiceFood, e de uma empresa que produz hambúrgueres congelados. Coisas que usamos no refeitório todos os dias. Tentamos fazer com que as pessoas se indignassem com aquilo, mas não deu em nada. O prédio agora possui ar-condicionado e tem lindas claraboias, mas a comida ainda é uma merda e a escola assinou um contrato para usar toda essa comida industrializada até não sei quando.

— Você escreveu todas essas coisas e ninguém ligou?

— Não fui eu que escrevi. Foi um dos quartanistas do jornal. Eu era apenas um secundanista na época.

— As pessoas não reclamaram ou se revoltaram?

Matthew pôs o braço em volta dela.

— Já faz quase dois anos que sou editor, e parei totalmente de me enganar achando que alguém lê o jornal.

— Eu leio.

— Mas você lia antes de me conhecer?

— Não.

— Ninguém lê. É a maior ironia da minha vida: editar essa coisa vai me colocar na faculdade, mas ninguém dá a mínima para ela.

— É por isso que não tem salada?

— No refeitório? Tem salada.

— Na real, não. Tem grão-de-bico e beterraba enlatada. E azeitonas recheadas com pimentão. Zada diz que em Berkeley eles têm um bufê de saladas enorme com, tipo, rúcula e tomate e abacate e vagem. E uns dez molhos diferentes.

Mas Frankie percebeu que Matthew não estava prestando atenção nela. Seus olhos estavam em Steve, que vinha correndo pelo gramado em sua direção.

— Mano! — Steve gritou.

— Que foi?

— Vem aqui, preciso falar com você sobre o futebol. Desculpe, Frankie.

— Tudo bem. Querida, tenho que ir. — Matthew beijou Frankie nos lábios e saiu andando.

Frankie abriu seu laptop assim que chegou na sala de aula e passou todo o segundo período criando o Instituto Social Salvem a Salada Orgânica. Dentro de vinte e quatro horas, os membros da Leal Ordem, seguindo suas instruções, encomendaram adesivos, bótons e panfletos para a palestra da Sylvia Kargman. O dia da visita foi declarado, em caráter não oficial, Dia da Consciência Vegetal. Cada aluno recebeu um bóton em sua caixa de correio; adesivos foram colados em todos os banheiros; e bilhetes foram afixados nos quadros de avisos das portas de todos os dormitórios. As mensagens dos bótons:

ONDE ESTAIS, Ó COUVE-FLOR?

KETCHUP NÃO É UM VEGETAL.

EU TENHO CONSCIÊNCIA VEGETAL.

“Bem-vindo à Revolta da Beterraba Enlatada” estava escrito nos bilhetes afixados aos quadros de avisos.

Hoje vocês irão, inconscientemente e talvez involuntariamente, participar da Revolta da Beterraba Enlatada, sob os auspícios do Instituto Social Salvem a Salada Orgânica. Para ser breve, exigimos um bufê de saladas no refeitório, tanto no almoço quanto no jantar.

Os vegetais oferecidos atualmente na Alabaster são enlatados e/ou anêmicos. Na verdade, eles são murchos e nojentos, não um bufê de saladas de verdade.

Viva não a Viva, mas sim os Vegetais!

O bufê de saladas requisitado deverá ter (regularmente):

alface e espinafre,

couve-flor ou brócolis,

cenoura ou aipo,

tomates,

pepinos,

um vegetal do dia,

talvez algumas frutas,

pelo menos cinco tipos de molhos para salada,

e aqueles troços que são uns pedacinhos de bacon, que podem ou não ser feitos de bacon de verdade. Estamos dispostos a ser flexíveis em relação e esse elemento não vegetal do bufê de saladas.

Os produtos da Empresa Viva de Refrigerantes monopolizam o orçamento de comida da escola porque a Viva pagou pela reforma do refeitório.

O refeitório é muito legal, mas precisa de um pouco de salada.

Então:

Mesmo que você esteja pouco se lixando pra salada, use seu bóton da INOSSO na palestra da Viva hoje à tarde. Nem que seja apenas para nos divertir, assim como nós temos divertido vocês.

(Sem assinatura, apenas o carimbo do bassê, dessa vez numa tinta verde alegre.)

O nível de adesão surpreendeu até mesmo Frankie. Praticamente todos os membros do corpo estudantil da Alabaster usaram um bóton ou exibiram um adesivo colado no caderno. A palestra da executiva da Viva foi assistida respeitosamente, mas ao final dela um envelope endereçado à sra. Kargman foi passado de mão em mão por toda a capela. Ninguém sabia de onde tinha saído. Kargman recebeu o envelope graciosamente, abriu e encontrou um bóton: “Vegetal do dia!”.

Confusa, ela agradeceu ao corpo estudantil e usou o bóton orgulhosamente pelo resto da tarde.

Pouco antes do almoço, um bufê de Boston chegou ao campus para entregar uma travessa enorme no corredor central do prédio principal. O item revelou-se um bassê de um metro por um metro e vinte, composto inteiramente de vegetais. Seus olhos caídos eram feitos de berinjela grelhada, suas manchas intercalavam cenouras assadas e pimentão vermelho. Nabo crocante foi usado na parte branca do pelo, e a coisa toda estava sobre uma base encantadora de pepino, salsinha e brócolis. Embaixo do cão havia um pequeno bilhete: ME COMA.

O diretor Richmond, cujo escritório ficava no corredor vizinho, foi visto pela última vez consumindo diversos pedaços da perna esquerda do bassê, numa demonstração tensa de bom humor.

No dia seguinte, a sra. Kargman, se dando conta tardiamente de que havia sido ridicularizada e criticada, optou por reparar os estragos em vez de reclamar. Ela prontamente enviou um cheque para Richmond com um bilhete curto, dizendo que a nutrição estudantil era importante para a corporação Viva — e para ela, pessoalmente —, e que tinha o prazer de fazer uma doação para financiar a construção de um bufê de saladas maior no refeitório, comprometendo-se a abastecê-lo com vegetais frescos pelo resto do ano letivo.

Richmond fez um discurso monótono na capela na semana seguinte, explicando que havia maneiras apropriadas e inapropriadas de expressar o desejo por mudança dentro de uma comunidade, e havia maneiras apropriadas e inapropriadas de expressar inclinações artísticas; eram dois tipos diferentes de expressão, apropriados a contextos diferentes. Entretanto, nenhum dos dois deveria envolver a invasão de prédios abandonados, brincadeiras com eletricidade, ridicularização de um palestrante convidado, ou o envio de alimentos perecíveis para espaços públicos em momentos inoportunos.

Frankie sentia uma sensação incrível de alegria à medida que Richmond ia falando naquele tom tedioso. Ela estivera ocupada — absorta, pela primeira vez de verdade, em algo que estava fazendo. Ao ir a fundo em sua pesquisa sobre as atividades do Clube do Suicídio e da Sociedade Cacofônica para a aula de cidades, e ao esquadrinhar a internet atrás de lugares onde os bassês pudessem comprar cartões, adesivos, decorações natalinas, cabos de extensão, cães feitos de legumes, e coisas desse tipo, ela sentia diariamente um tipo de empolgação que fazia seus interesses anteriores — *ultimate frisbee*, dança moderna, ler e debater — parecerem incrivelmente enfadonhos em comparação. Agora ela era comandante de um esquadrão de rapazes mais velhos, enviando-os em aventuras que faziam as bases da Alabaster tremerem.

Naquela noite, Matthew a trocou por uma reunião dos Bassês, e Frankie nem sequer o seguiu — porque ela não ligava.

Ele poderia pensar que tinha um segredo para esconder dela, mas não tinha.

Ele estava fazendo exatamente o que ela dizia a ele para fazer.

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Você estava certo.

Realmente gostei dessa.

Mas você ainda é um psicopata.

O que você quer?

De: omachoalfa@gmail.com

Para: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Estou conseguindo *exatamente* o que eu quero.

Feliz Dia de Ação de Graças.

O RETORNO DA PRINCESINHA



MATTHEW TINHA FICADO QUIETO sobre o recesso do Dia de Ação de Graças. Quando eles falaram sobre isso no começo de novembro, ele tinha dito a Frankie que voltaria para sua casa em Boston para passar o feriado com os pais. Ela o havia convidado para visitá-la na sexta depois do feriado.

— Me salve da Ruth — Frankie disse a ele, esperando que a ideia de ser seu salvador superasse a falta de interesse em conhecer a família dela. — Porque eu posso voltar mentalmente perturbada se ficar sozinha com ela por quatro dias. Zada vai ficar na Califórnia.

Matthew disse sim. É claro que ele a salvaria. Ele dirigiria até lá e a levaria para assistir um show em Nova York.

Mas ele não tinha mencionado aquilo novamente desde então.

E ele continuava sem mencionar à medida que o feriado se aproximava.

— Você irá me salvar? — ela finalmente perguntou a ele, dois dias antes do recesso. Eles estavam sentados na biblioteca depois do jantar. Matthew havia comprado três pacotes de Mentos sabor morango para Frankie, e eles tinham aberto tudo e arrumado as balas em uma fileira entre eles enquanto estudavam. — Porque minha mãe vai me enlouquecer.

— Se eu conseguir escapar, vou com certeza — Matthew disse. — Alfa quer descer um escorregador alpino maluco no oeste de Massachusetts.

— O que é isso?

— Ele é louco. Você desce essas montanhas nuns carrinhos tipo um trenó para crianças, e não tem neve.

Frankie sentiu seu peito gelar.

— Posso ir junto? — ela perguntou.

— Ah, hum. — Matthew passou a mão pelos cabelos. — Isso seria ótimo, mas como pegariamos você?

— Teria como você me buscar?

— Não na quinta à noite; o jantar da minha família nunca começa antes das nove.

— Eu poderia pegar o ônibus para Boston na sexta de manhã.

— Hum. Acho que a gente vai sair cedo.

— Não dá pra vocês saírem mais tarde?

— É preciso chegar lá cedo, pelo que diz o Alfa.

— Matthew.

— O que foi?

— Então você já fez esse plano.

— Mais ou menos.

— Mas a gente não tinha conversado sobre você ir para Nova Jersey na sexta?

— É.

— Então eu pensei que você, provavelmente, dirigiria até lá.

— Eu ia, eu... Isso apareceu, e eu prometi ao Alfa que iria. Nós não tínhamos deixado nada marcado, tínhamos?

— Não. É que... eu vou sentir saudades.

Ela sentiu como se jamais tivesse ficado só com ele. Como se estivesse sempre no mundo dele, e ele nunca no dela. E havia provas disso: não importava o quanto ela se esforçasse para entrar no mundo dele — que droga, ela estava controlando partes inteiras da vida dele àquela altura, não que ele soubesse —, não importava o quanto ela tentasse forçar sua entrada, ele sempre poderia fechar uma porta para ela.

— Também vou sentir saudades — Matthew disse, pegando um Mentos de morango e dando a ela. — Mas vamos nos ver no domingo à noite. Me ligue assim que chegar ao campus.

Frankie comeu a bala. O toque dos dedos dele em seus lábios a distraiu. Ele tinha trazido Mentos de morango, apesar de tudo.

Isso não deveria ser o bastante?

Matthew levantou para ir ao banheiro no final do corredor e, enquanto estava fora, Frankie mexeu em sua mochila. Aquilo era errado, ela sabia. Mas ela sentiu como se estivesse perdendo o controle sobre ele. Dois cadernos — cálculo e história do Japão. Diversas canetas, incluindo algumas marca textos. Três embalagens de chocolate e um tubo de moedas de vinte e cinco centavos. Uma carta da mãe dele, ainda fechada. Pastilhas para tosse. Vários panfletos velhos: o calendário escolar de outubro, uma lista de eletivas abertas, um memorando sobre plágio. E uma folha impressa.

Na mochila de Matthew havia uma folha impressa com e-mails trocados entre Frankie e Porter, indo até este ponto:

De: Porter Welsch [pw034@alabaster.edu]

Para: Frances Landau-Banks [fl202@alabaster.edu]

Assunto: Ei

Frankie, e aí? Espero que tudo esteja correndo bem para você nesse semestre.

Queria me desculpar pelo que aconteceu com a Bess no ano passado.

— Porter

De: Frances Landau-Banks [fl202@alabaster.edu]

Para: Porter Welsch [pw034@alabaster.edu]

Assunto: Re: Ei

Você está dizendo que *queria* se desculpar ou que *está* se desculpendo? Sua gramática é confusa.

Era isso.

Frankie enfiou a folha de volta na mochila e voltou a estudar. Matthew voltou e deu a ela outro Mentos.

Ela não podia perguntar a ele sobre aquilo.

Se perguntasse, ele saberia que ela havia mexido em sua mochila.

Frankie afundou na cadeira, numa mistura de culpa e raiva — mas não disse uma palavra.

*

Frankie passou o feriado do Dia de Ação de Graças com Ruth, seus tios e seus primos vis. Zada ligou da Califórnia, e Sênior de Boston, para desejar um feliz Dia de Ação de Graças a eles.

— O que a nossa princesinha está achando da escola? — perguntou tio Ben, bagunçando o cabelo de Frankie quando ela ofereceu a ele um copo de cidra de maçã quente. Ruth estava na cozinha fazendo molho de carne.

— É legal.

— Ótimo.

Tio Paul veio na direção de Frankie e apertou seus ombros.

— Você cresceu tanto desde o verão. Você já começou as aulas naquele lugar metido a besta de que seu pai tem tanto orgulho?

— Já estou no segundo ano, tio Paul.

Tio Paul fingiu não acreditar.

— Você está brincando comigo! Não tem como você estar no segundo ano. No ano passado, juro sobre a minha cova, eu troquei suas fraldas.

— Eu concordo — disse Ben. — Ontem mesmo, vou dizer pra você, ela estava arrastando aquela boneca por toda a parte, você lembra, aquela sem os braços?

Ruth saiu da cozinha e envolveu Frankie em seus braços.

— Mas ela continua adorável como sempre, vocês não acham?

— Você tem um namorado lá na sua escola metido a besta? — tio Paul queria saber. — Sua mãe disse que você tem um namorado.

— Mãe!

Ruth fez cara de inocente.

— Não era pra contar?

Paulie Júnior tinha encontrado uma bandeja de sobremesas escondida na sala de estar e estava enfiando musse de chocolate na boca, mas parou por tempo suficiente para cantar:

— A Frankie tá namorando. A Frankie tá namorando.

Frankie deu um sorrisinho para Ruth.

— Você não precisa sair falando pra todo mundo.

— É segredo da sua própria família que você tenha um namorado?

— Ruth balançou as mãos com desdém. — Fico feliz que você tenha um cara legal para tomar conta de você por lá. — Ruth olhou para Ben. — Zada disse que ele é de uma família muito boa. Gente que tem jornais.

— É, é uma boa família — resmungou Frankie.

— Ele é melhor do que aquele que você tinha no ano passado, né, princesinha? — perguntou tio Paul. — Acho que lembro de ter rolado um pá e bola com aquele ali.

— Você quer dizer rala e rola! — gritou Ruth. — Teve rala e rola.

— Não teve — reclamou Frankie.

— De qualquer forma, esse é melhor, né, princesinha? — disse Ruth. — Ele trata ela bem, a Zada me disse. Ele toma conta de você?

— Ele não é uma babá, mãe.

— Babá? Quem é que está falando de babás?

— Você está agindo como se eu precisasse de um namorado para tomar conta de mim.

— Não é o que estou dizendo — disse Ruth, ocupada acrescentando manteiga a uma tigela de batatas amassadas. — Sou feminista como qualquer outra pessoa. Só estou dizendo...

— O quê?

— Não me preocupava com você na escola quando Zada estava lá. Mas agora que você fica lá sozinha, gosto de pensar que você tem esse cara legal para cuidar de você... É só isso.

— Você sempre me subestima.

Ruth sacudiu a cabeça.

— Eu acho você incrível. Agora, será que você pode levar as batatas até a mesa? A tigela está muito pesada.



LONGE DO NAMORADO POR quatro dias e sentindo-se abandonada, Frankie ficou pensando no significado daquela folha que ela tinha encontrado na mochila dele, seguindo este raciocínio: se Matthew tivesse visto a troca de e-mails entre Frankie e Porter no laptop de Frankie, ele não teria como imprimi-la — a não ser que os tivesse enviado para si mesmo para fazer isso mais tarde. Frankie conferiu sua caixa de e-mails enviados, e ele não tinha feito isso. A não ser que ele tenha se dado conta e apagado os e-mails enviados.

Era mais provável, ela concluiu, que Matthew tivesse visto os e-mails no laptop do *Porter* — mas mesmo assim, ele também teria que encaminhá-los, e então, quando fossem impressos, os e-mails mostrariam no cabeçalho que haviam sido encaminhados, ao passo que aqueles estavam limpos, sem nenhum sinal do endereço de e-mail do Matthew.

Então, Porter tinha dado aquela folha impressa a ele.

Sim, essa era a conclusão mais provável. Porter tinha dado a Matthew uma cópia daqueles e-mails. Mas por quê?

Será que Matthew tinha obrigado Porter a se desculpar com Frankie? E exigiu que Porter entregasse uma cópia do pedido de desculpas a ele? Apesar disso, Porter deve ter cometido a insubordinação de convidar Frankie para almoçar, para poder alertá-la sobre Matthew.

Isso explicaria por que Matthew ficou tão perturbado quando soube que Frankie iria almoçar com Porter. De acordo com a hierarquia dos Bassês, Matthew deveria ter o controle sobre Porter — mas Porter tinha se mostrado relutante a ser completamente controlado.

Se Frankie tivesse feito o que Matthew pediu a ela e tivesse dado um bolo em Porter, teria sido uma vitória de Matthew. Mas ela tinha ido ao almoço contra a vontade de Matthew — e Porter tinha se fortalecido. Apesar de Frankie nunca ter dito a Matthew que Porter a havia alertado sobre ele, o convite desafiador de Porter para o almoço o havia marcado como o menos leal entre os Bassês. E, sendo assim, ele era potencialmente um elo fraco.

Algo para se lembrar.

Embora estivesse satisfeita com as conclusões que tirou de sua reflexão, Frankie ficou perambulando pela casa da mãe nos dias que antecederam o Dia de Ação de Graças, olhando pela janela por longos períodos de tempo. A ideia de que Matthew havia obrigado Porter a

lhe pedir desculpas não saía da sua cabeça.

Ela comeu brownies demais e ficou um pouco enjoada. Abriu diversos livros e não passou da primeira página.

Ela queria Matthew tivesse ligado. Mas ele não ligou.

*

A próxima grande façanha da Leal Ordem aconteceu no começo de dezembro. Foi o sequestro do Peixinho da Alabaster, e sua substituição por um enorme ornamento de jardim feito de plástico na forma de um bassê com olhos tristes. O bassê vinha com um cartaz de plástico aos seus pés que dizia: “Consciência: aquele período aborrecido entre sonecas!”. Agora ele trazia um bilhete, cuidadosamente plastificado para o caso de chover:

Solto de suas amarras por membros da Sociedade de Libertação dos Peixes, o Peixinho da Alabaster fará uma jornada de volta a seu lar, no fundo da lagoa, a menos que possamos ser convencidos do contrário por meio do pagamento de um resgate. Mais informações em breve.

Um bilhete de resgate foi entregue ao diretor Richmond, escrito em letras de fôrma sobre um cartão adorável que trazia um bassê usando um estetoscópio, em cujo interior originalmente lia-se: “Melhore logo!”.

O bilhete exigia o fim da presença obrigatória na capela nas manhãs de segunda-feira:

O Peixinho sente que o cristianismo implícito no comparecimento à capela, ainda que essas assembleias tecnicamente não estejam relacionadas a nenhuma religião, é uma afronta aos alunos da Alabaster que são judeus, budistas, muçulmanos ou qualquer outra coisa. A presença obrigatória na capela também é extremamente irritante para aqueles que, como o próprio Peixinho, preferem se considerar ateus.

O Peixinho defende o direito de cada aluno ficar por dentro do calendário de esportes, iniciativas de caridade e bailes escolares sem a necessidade das imagens enormes de Jesus crucificado dominando o processo. Até mesmo para os alunos cristãos é inapropriado misturar furor religioso com anúncios que dizem respeito ao vestibular.

O Peixinho pede respeitosamente que, de agora em diante, as assembleias sejam realizadas no auditório do novo complexo de artes. Ele ficará feliz de retornar quando essa mudança tiver sido feita.

Cópias desse bilhete foram deixadas em todas as caixas de correio.

Richmond respondeu convocando uma reunião do corpo docente, durante a qual houve uma discussão considerável. A questão das assembleias na capela já havia sido levantada anteriormente, mas a tradição da Alabaster tinha prevalecido sobre o pequeno número de alunos não cristãos e ateus que haviam pedido pela mudança. Eles haviam sido facilmente intimidados pela declaração de Richmond de

que os vitrais mostrando crucificações e Virgens eram parte da tradição da Alabaster, que os alunos desfrutavam havia quase cento e vinte anos, e além disso, como o conteúdo das assembleias era explicitamente não religioso, ninguém poderia contestar.

Os alunos propuseram a não obrigatoriedade da presença e, de fato, isso chegou a ser tentado em 1998, mas as presenças na assembleia diminuíram tanto que ninguém mais sabia quando os eventos haviam sido marcados, o comparecimento a atividades escolares e iniciativas de caridade caiu, e um grande número de alunos se metia em todo tipo de encrenca nas manhãs de segunda-feira, quando a maior parte do corpo docente comparecia à assembleia matinal.

Assim, a obrigatoriedade da presença na capela foi restaurada, e ninguém a havia questionado de forma séria no século XXI.

A estátua do Peixinho tinha estado na Alabaster desde seu terceiro ano de existência, e era um objeto de nostalgia entre os ex-alunos ricos. Durante sua estadia temporária na casa da mãe do Bassê Hardewick em 1951, o ultraje dos Veteranos em relação a sua perda tinha sido tão violento quanto apaixonado.

Dessa vez, o diretor Richmond convocou uma reunião do corpo docente para discutir os conteúdos do bilhete de Frankie. Alguns membros argumentaram que o mau comportamento de roubar o Peixinho não deveria ser incentivado. Os responsáveis deveriam ser encontrados e suspensos. Outros argumentaram que, caso os pedidos da organização que agora se denominava Sociedade de Libertação dos Peixes fossem ignorados, talvez o Peixinho jamais fosse devolvido. A decepção dos ex-alunos seria considerável — e isso poderia trazer prejuízo financeiro à escola, que dependia fortemente de doações. Além disso, e se o responsável fosse o filho ou filha de algum ex-aluno importante? Seria mais seguro e tranquilo render-se.

Outros membros do corpo docente ainda argumentaram que a assembleia na capela sempre os havia incomodado, seja porque a capela deveria ser reservada para o culto religioso, ou porque a atmosfera de devoção cristã era opressiva para aqueles que seguiam outras religiões, conforme esse pessoal do peixe — do vegetal, do cachorro, do peito, do que quer que eles fossem — tinha observado.

No fim, Richmond postou um comunicado mudando imediatamente a assembleia das manhãs de segunda-feira para o auditório do novo complexo de artes e exigindo o retorno do Peixinho.

Naquela tarde, por volta das cinco horas, Elizabeth Heywood recebeu um bilhete datilografado por baixo de sua porta, orientando ela e diversas de suas amigas numa caça ao tesouro atrás do Peixinho.

A primeira pista as levou até o escritório de Richmond, onde uma segunda pista as levou até a central de manutenção. Não demorou muito para que um grupo de administradores, zeladores, professores de educação física e calouros estivessem seguindo as veteranas enquanto elas iam decifrando uma série de bilhetes enigmáticos. Ninguém foi à noite do cinema, grupos de estudo debandaram e o diretor cancelou um jantar com a esposa dele.

Frankie, Matthew e Alfa acompanharam Elizabeth até ela encontrar a última pista:

Embaixo d'água não estou, é certo

Mas você está, enfim, chegando perto

Minha banheira com cloro

Já foi profunda outrora

Hoje está seca

E é lá que eu durmo agora

O Peixinho estava na piscina vazia do ginásio antigo.

Um zelador abriu a corrente que trancava a porta após uma espera de quinze minutos, e metade da escola invadiu o prédio abandonado. Frankie estendeu o braço e pegou firme a mão de Matthew.

— A piscina. Perfeito — ela disse.

Ele deu uma risadinha.

— Nada mau.

— O que você acha que significa? — Frankie perguntou.

Ela queria muito saber. Já fazia mais de um mês, agora, que ela planejava aquelas aventuras e os membros da Leal Ordem as executavam. E apesar de ela estar muito satisfeita com seu trabalho e com a reação das pessoas a ele, ela começou a ter vontade de falar sobre os projetos. Ela tinha reunido esforços magníficos para fazer aquelas coisas acontecerem, e queria falar sobre eles com Matthew, cuja opinião ela valorizava mais do que a de todos.

— Hum? — Ele parecia distraído.

— Colocar o Peixinho na piscina antiga. Você não acha que isso significa alguma coisa?

— Como assim?

Ela não acreditava que ele tinha carregado aquela estátua de vários quilos por entre túneis sufocantes no meio da noite sem sequer pensar no simbolismo do esconderijo.

— O Peixinho é um ícone da nossa escola, certo? Todos os ex-alunos lembram dele com carinho, está aí desde sempre etc.

— Sim.

— Então?

— O quê?

— Você não vê?

— Bem, é um peixinho numa piscina, que é tipo um aquário — Matthew disse.

— Não seria um indício de que a velha Alabaster esteja obsoleta?

— Talvez — Matthew riu e passou o braço em volta de Frankie. — Mas talvez você esteja pensando demais.

— Não, sério — ela insistiu. — O Peixinho representa os valores antigos da escola, e colocá-lo nessa piscina seca é como dizer que estes valores são velhos e imprestáveis, do mesmo jeito que a piscina.

— Que valores?

Por que ele não a entendia? Ele estava se fazendo de bobo para guardar o segredo?

— Toda essa rede da Alabaster, essa coisa de Veteranos da escola preparatória — ela disse.

— Parece que você está interpretando um monte de coisas pra nada — Matthew deu de ombros.

— Você não acha que é isso que está no jogo?

— Você quis dizer “em jogo”?

Ele estava corrigindo a gramática dela.

Ela estava explicando a pegadinha inteira para ele, a pegadinha que ele mesmo havia realizado, e em vez de ouvir sua opinião, ele estava corrigindo a gramática dela.

— Você está pensando demais — ele disse.

O quê? Ele não queria que ela pensasse?

Qual era o sentido de fazer *qualquer uma* daquelas pegadinhas se as pessoas não fossem pensar sobre elas?

— Isso — disse Frankie. — Em jogo.

Matthew passou a mão nos cabelos dela.

— Você é linda. Você sabe que eu acho isso, né?

— Obrigada — disse Frankie.

O triste era que ela sabia. Mas não era o suficiente.

Ele se inclinou e a beijou no pescoço.

— Você cheira bem, também. Quer vir dar uma jogadinha por alguns minutos antes do toque de recolher? Vamos ficar sozinhos.

Ele estava trazendo de novo aquele lance da gramática.

Ele só queria dar uns amassos — ele jamais ouviria o que ela tinha

para dizer. Ele não sabia que eles estavam juntos naquilo.

Matthew pensava que ele e os Bassês tinham feito aquilo acontecer sozinhos — e ele não iria falar nada para ela, não importava o quanto Frankie demonstrasse que estava interessada.

Não é que ele não tivesse mais um segredo para esconder dela. Na verdade, o segredo de Matthew estava ficando cada vez maior — e Frankie finalmente teve de admitir a si mesma que ele não ia, nunca, jamais, contar para ela.

Ela se virou para ele.

— Não acredito que você disse isso, Matthew. Dar uma jogadinha com você?

— Ah, não quis dizer nesse sentido. A gente estava só brincando... em jogo, uma jogadinha...?

— Tá.

— Não fique zangada.

— Tá bem.

— Por favor.

— Não estou zangada — ela mentiu. — Só lembrei que preciso fazer uma coisa.



FRANKIE SEGUIU NA DIREÇÃO DA BIBLIOTECA. Ela havia deixado o barbante estendido pelo labirinto de túneis desde a porta da Hazelton sub-16 até o ginásio antigo. Ela tinha feito a mesma coisa depois do projeto Cãezinhos na Janela e, daquela vez, repreendia a si mesma por ter se esquecido de pedir a alguém para enrolá-lo de volta. Se o pessoal da zeladoria encontrasse o barbante, seria uma questão de horas até que a fechadura da sub-16 fosse trocada, então era crucial que o barbante fosse tirado dali — mas nenhum dos Bassês tinha pensado em fazer isso sem ter sido mandado. Frankie matou uma aula para cuidar disso quando teve certeza de que não haveria membros da Leal Ordem por perto para flagrá-la.

A incompetência dos manos a tinha deixado perversamente feliz.

Eles precisavam dela, ela pensou enquanto navegava pelos túneis de manutenção com uma lanterna debaixo do braço. Ela era o cérebro pensante do grupo.

Ela também gostava daquela rara oportunidade de participação física proporcionada pelas escapadas entre os túneis de manutenção. Ela gostava de estender o fio e enrolá-lo de volta. Muitos dos seus esforços para as aventuras da Leal Ordem eram conduzidos em seu laptop ou no laboratório de informática, enquanto os garotos escalavam prédios, passavam cabos de extensão, ou iam às compras.

Então, ao planejar a realocação do Peixinho para a piscina através dos túneis, Frankie pretendia, desde o começo, enrolar o barbante de volta ela mesma.

Enquanto se infiltrava no porão da Hazelton, depois de deixar Matthew na cena do crime no ginásio antigo, ela manteve a lanterna desligada. Ela deixou o casaco de lã, o suéter e a malha térmica perto da entrada, ficando só de regata e jeans. Ela correu os dedos pelo barbante estendido. Quando ela chegasse ao ginásio antigo, o desataria e o enrolaria no caminho de volta até a biblioteca.

Os chiados e estalos da calefação faziam barulho nos túneis. Eles eram mais quentes à noite — quando o aquecimento tinha ficado ligado por algo como dezesseis horas — do que durante o dia. Frankie começou a suar, e descobriu, conforme percorria o caminho no escuro, que em vez de se sentir superior e envolvida, como da última vez que havia enrolado o barbante, ela se sentia só.

Ninguém se importava o suficiente com os projetos da Leal Ordem para pensar em executar aquela tarefa. Matthew não se importa o

suficiente para entender o simbolismo da última pegadinha. O que realmente importava para eles, ela pensou, era o sigilo. O clubismo.

Ela podia comandá-los, enganá-los; ela podia saber mais sobre a história deles do que qualquer um deles jamais saberia — mas eles manteriam seu sigilo e seu clubismo longe dela mesmo assim.

Os projetos não importavam para o Matthew, Frankie pensou. É claro que gostava deles, admirava-os, achava-os divertidos e espertos, mas o que importava mesmo para ele era executá-los com seus amigos. O que importava era aquela emoção da rebeldia e do anticonvencionalismo, sem arriscar a segurança sólida de seus privilégios.

Ele gostava mais quando era só um peixinho em uma piscina, ou um cãozinho na janela, ela pensou. Nada mais. Nada simbólico. Ele não queria mudar o jeito que as coisas funcionavam; não queria enfurecer a administração ou questionar a autoridade. Ele queria beber cerveja no campo de golfe com seus amigos. E o mesmo valia para o resto deles.

É por isso que ele não quer analisar as pegadinhas comigo, mesmo sendo um cara que gosta de analisar tudo, ela pensou. Ele não quer que elas signifiquem nada que vá desestabilizar seu mundo. Mesmo a coisa sobre a corporação Viva — ele ficou irritado com aquilo, mas não estava interessado em mudar o statu quo expressando sua opinião no jornal, porque aquilo iria colocar coisas demais no jogo.

Em jogo.

Colocaria coisas demais em jogo.

Frankie tinha caminhado por cinco minutos quando o barbante em seus dedos ficou frouxo.

O quê?

Como poderia estar frouxo? Ela tinha dado um nó quádruplo na maçaneta da porta do ginásio antigo. Não era possível que ele tivesse simplesmente se desatado.

Havia alguém na outra ponta.

Enrolando o barbante.

Alguém *tinha* se importado o suficiente para ir lá embaixo retirá-lo.

Alguém se importava.

E agora ele iria descobri-la nos túneis.

O primeiro impulso de Frankie foi se esconder. Ela soltou o barbante e se encostou contra uma parede, mas seu braço descoberto encostou num duto da calefação e ela ouviu o chiado antes mesmo de sentir a dor da queimadura. Ela deu um pulo e cobriu a boca com a

mão para abafar um grito, acendeu a lanterna e correu o mais rápido que pôde em direção à saída da biblioteca.

Esconder-se era idiota, de qualquer jeito. Ela tinha que chegar até a porta e pegar seu casaco e suas roupas para que a pessoa atrás dela no escuro não as encontrasse e descobrisse que ela havia estado ali.

Com a respiração irregular, ela alcançou a porta. Quando se curvou para pegar sua jaqueta e suas roupas, ela viu o que deveria ter visto quando entrou — pendurado em um prego na parede estava um casaco azul-marinho que a maioria dos garotos da Alabaster usava durante o inverno. Com pressa e com os braços carregados, Frankie agarrou a maçaneta da porta, derrubando a lanterna e várias outras coisas dos bolsos no processo. Ela tateou a jaqueta rapidamente para ter certeza de que sua carteira ainda estava lá, e deixou o que havia derrubado para trás. Ela se lançou na atmosfera fluorescente do subsolo da Hazelton, voou escada acima até as estantes que ficavam no porão e se escondeu atrás de uma delas, vestindo sua malha térmica apressadamente, para esconder a pele cauterizada em seu braço.

Tudo estava em silêncio.

Ela tinha ouvido pegadas? Ou a porta sub-16 se fechando?

Será que ele tinha sentido o toque dela no barbante?

Ouviram-se um chacoalhar de chaves, e dois guardas passaram trotando entre as prateleiras, na direção da entrada do subsolo. Frankie pegou um livro de uma prateleira e fingiu estar imersa, levantando o olhar apenas quando eles passaram por ela.

— Oi — ela disse.

— Olá. — O guarda estava impassível.

— Tem alguma coisa acontecendo lá embaixo?

— Nada para se preocupar. O diretor acha que quem quer que tenha roubado aquela estátua a transportou pelos túneis que se conectam com o subsolo, então vamos dar uma olhada — disse o guarda.

Frankie forçou uma risada.

— Você acha que alguém carregaria aquela coisa enorme pela biblioteca sem que ninguém percebesse?

— Provavelmente não. Os túneis aqui embaixo se conectam com a maioria dos prédios do campus. Eles poderiam ter trazido a estátua de qualquer lugar. Mas ele nos disse para descer lá e dar uma olhada, e esta é a entrada mais próxima da central de segurança. Talvez a gente consiga uma pista sobre quem está cometendo todos esses atos de vandalismo na escola nos últimos tempos.

— Vandalismo?

— Você sabe, os sutiãs nos retratos, as decorações natalinas e tudo o mais.

— Nunca pensei nisso tudo como vandalismo.

— Vamos descer lá agora, senhorita. O dever nos chama. Mas não vá esquentar sua cabecinha linda com isso, o.k.? — disse o guarda, e ele e seu colega trotaram escada abaixo, com as chaves balançando.

QUEIMADURA



Frankie correu de volta ao dormitório e deixou o braço debaixo de uma ducha gelada o máximo que pode. A pele estava começando a formar bolhas, e um vergão ia do ombro até o pulso, seguindo pelas costas da mão.

Ela não deixou de notar que era a segunda vez que se queimava em nome da Leal Ordem.

Era quase o horário do toque de recolher. Seu jeans estava molhado por causa dos respingos da ducha, e Frankie tremia de frio — mas toda vez que tirava o braço da água a sensação de queimadura era tão intensa que ela o enfiava de volta.

Doía.

Doía.

Ouviram-se passos no corredor, e a porta do banheiro começou a abrir. Frankie se encolheu dentro do box para que ninguém pudesse vê-la e se perguntar por que ela estava só com metade do corpo embaixo da ducha. Uma vez que ela entrou debaixo da água, seu jeans ficou instantaneamente pesado e encharcado. Ela lutou para tirá-lo e o empurrou para um canto do box com os pés.

Duas garotas entraram no banheiro — Star e Trish. Elas estavam escovando os dentes e passando cremes no rosto antes de ir para a cama.

— Então, não entendi por que eles pegaram o Peixinho, em primeiro lugar — Star estava dizendo.

A voz de Trish veio:

— Acho que a ideia é fazer todo mundo falar sobre aquilo. Quem quer que esteja fazendo isso só quer atenção.

— Mas se eles só querem atenção, por que não revelam sua identidade?

— Você viu como Richmond ficou furioso, não viu?

Fez-se silêncio por um momento, enquanto Trish e Star escovavam

os dentes. A pele de Frankie parecia crua e congelada. Ela ligou a água quente, mas sua queimadura gritou em protesto, então ela voltou para a água gelada, batendo os dentes.

— Eu vi que ele ficou fulo — Star disse, finalmente —, mas saiu quando Dean e aqueles caras foram ajudar a carregar o Peixinho de volta para o lugar dele. Então perdi o discurso.

— Ah. Você perdeu um longo blá-blá-blá de superdiretor sobre roubo e rebeldia, e como essas brincadeiras do Snoopy desrespeitam a administração escolar. Brincadeiras do Snoopy, é assim que ele as chama.

— Que sem noção — disse Star. — Ele nem sabe o que está acontecendo em sua própria escola. Qualquer um pode ver que é um bassê.

— Pois é. Depois ele disse que ia contratar um consultor de segurança escolar para ajudar a descobrir quem são os responsáveis.

— Sério?

— Ele disse que travessuras no Dia das Bruxas eram uma coisa — Trish continuou —, mas roubar a propriedade da escola era outra, e ele estava levando a situação extremamente a sério.

— Então alguém está muito encrencado.

— Ah, muito mesmo. Apesar de eu ter achado bem inteligente, pra falar a verdade. Colocar esse símbolo da Alabaster naquela piscina velha e vazia e coberta de limo. Como uma crítica — Trish disse.

— ã-hã. O que você acha do cabelo da Elizabeth Heywood? — Star ficou imaginando. — Você acha que ela pintava quando estava na TV?

Quando Star e Trish deixaram o banheiro, Frankie fechou a torneira e ficou ali parada, tremendo, vestindo apenas uma regata e uma calcinha molhada.

Seu casaco de lã estava pendurado no gancho das toalhas. Ela o pegou, tirou seu jeans ensopado do chão do chuveiro, assim como seus sapatos que estavam debaixo de um banco. Alguém tinha deixado um pote grande de vaselina numa prateleira; ela pegou um punhado e passou em seu braço queimado. Ela puxou algumas folhas de papel do suporte e secou-se o melhor que pôde.

Queimada, pingando e congelando, Frankie Landau-Banks andou pelo corredor até seu quarto. Trish estava sentada na cama, vestindo um pijama de flanela decorado com cavalos, lendo um panfleto chamado “Aventura com passeios de caiaque”.

— O que aconteceu com você? — ela perguntou.

— Caí na lagoa — mentiu Frankie.

— Como?

— Meus pés escorregaram.

— Você deve estar congelando. Mas por que você tirou os sapatos e a calça? — Trish levantou para pegar o casaco e as roupas molhadas de Frankie. — Você não veio caminhando até aqui assim, veio?

— Não, não. Eu tirei no banheiro.

— Por que você não passou aqui para pegar uma toalha? — Os olhos de Trish se arregalaram. — O que aconteceu com o seu braço?

— Ah, nada, isso foi de ontem.

— Você está mentindo para mim.

Frankie tirou o resto das roupas.

— Não, não estou.

— Não sou idiota, Frankie. Você está com uma queimadura enorme no braço e o seu casaco nem está molhado. Não tem lama em lugar nenhum. É óbvio que você não caiu na lagoa.

Frankie estava nua agora, vasculhando sua gaveta atrás de um moletom e uma calça de pijama.

— Não posso falar sobre isso.

— Por que não? — Trish a pressionou. — Isso tem alguma coisa a ver com aquela vez que você pegou as chaves do Artie?

— Não. Isso foi outra história.

— O que aconteceu com o seu braço?

Frankie estava vestindo sua roupa de dormir agora, mergulhou na cama e apagou as luzes.

— Não me pergunte, Trish. Por favor, me deixe em paz.

— Eu pensei que fôssemos amigas — Trish resmungou.

— Nós somos amigas.

— E então?

— Por favor, amiga. Fique fora disso.

— Você conta todos os seus segredos pro Matthew agora, é isso? E ele conta os dele pra você?

— Não. — Frankie não conseguiu evitar o riso. — Sério, você não poderia estar mais enganada.

— Porque já estou com o Artie há quase dez meses agora, e nunca te deixei de fora desse jeito, Frankie, só por causa de um namorado. Eu roubei chaves por você, menti pro Artie por você; abri a porta pra você na noite em que você desrespeitou o toque de recolher. Menti para o inspetor por você. Até tomei café com aquele afetado daquele

Alfa — choramingou Trish. — E você nem pra me dizer o que está acontecendo.

— Você não gosta do Alfa? — Era inconcebível para Frankie que alguém pudesse não gostar do Alfa, ainda que parte dela o odiasse profundamente.

— Blé, não — respondeu Trish. — Ele se acha o maioral do campus.

— Como é que você pode não gostar do Alfa? — ponderou Frankie, sentindo-se levemente delirante e desidratada.

— Como é que vamos ser amigas de verdade, Frankie? Isso é o que eu quero saber — disse Trish, dando uma alfinetada. — Se você mente para mim e não me conta os seus segredos? Como é que vamos ser amigas desse jeito?

— Eu sou uma amiga ruim — gemeu Frankie, tremendo de dor e frio. — Eu sei, sou uma péssima amiga. Me desculpe, eu só... Eu não sei como ser qualquer outra coisa agora.

Trish suspirou.

— Você precisa de gelo? — ela perguntou depois de um minuto. — Eu pego pra você na máquina do porão.



POUCO ANTES DO TOQUE DE RECOLHER daquela noite, como o corpo estudantil ficaria sabendo na manhã seguinte, guardas entraram nos túneis de manutenção através de uma porta geralmente trancada no subsolo da biblioteca Hazelton.

Os guardas logo descobriram uma lanterna, um pacote de goma de mascar sabor canela, um calendário de *ultimate frisbee* dobrado em quatro, um livro, um casaco masculino e uma boa quantidade de barbante próximo à entrada, com uma das pontas amarradas a uma torneira sem nenhum bom motivo. Uma busca mais profunda revelou o bolsista do último ano Alessandro Tesorieri escondido numa passagem lateral pouco utilizada, suando abundantemente.

Tesorieri se recusa a dizer o que estava fazendo nos túneis, mas a teoria que a segurança apresentou ao diretor Richmond foi a de que ele era o culpado pelas diversas atividades da assim chamada Sociedade de Libertação dos Peixes e do suposto Instituto Social Salvem a Salada Orgânica. Tesorieri também é suspeito de ter comandado outras infrações recentes — a saber, a campanha Nas Garotas Confiamos (incluindo a Garota da Biblioteca), a Noite dos Mil Cães, e a que ficou popularmente conhecida como Cãezinhos na Janela.

Ele foi acusado de roubo, vandalismo da propriedade escolar, invasão e perturbação da paz. O diretor Richmond, junto com o chefe da segurança do campus, interrogou Tesorieri, perguntando a ele o significado do símbolo de cachorro que aparecia em tantas brincadeiras, ligando-as entre si.

Tesorieri apenas deu de ombros e disse que nunca tinha gostado muito do Snoopy.

Antes de liberá-lo, a segurança revistou o quarto e o laptop de Tesorieri. Ambos se revelaram completamente livres de provas (ele havia deletado todos os e-mails, seguindo instruções de Frankie), mas no fim da noite um guarda teve a ideia de abrir o livro que havia sido encontrado perto do casaco nos túneis, ainda que o suspeito tenha negado veementemente que pertencesse a ele, observando que também não mascava goma de canela nem jogava *ultimate frisbee*.

O livro, após investigação mais profunda, revelou carregar o título de *O histórico infame da Leal Ordem dos Bassês*. Sua presença próxima ao casaco do suspeito foi considerada incriminadora.

Finalmente a segurança deixou Tesorieri ir para a cama,

ameaçando fazer uma reunião oficial do Comitê de Disciplina Estudantil assim que possível.

Frankie foi às duas primeiras aulas na manhã seguinte, mas praticamente não tinha dormido na noite anterior e seu braço havia começado a inchar e vazar, então lá pelo terceiro período ela estava na enfermaria, inventando uma mentira sobre um cano exposto na lavanderia do alojamento e recebendo uma receita para antibióticos. Ela estava se sentindo fraca e tonta.

Na hora do almoço, Matthew a visitou. Ela estava sozinha, deitada numa cama da enfermaria com três sacos de gelo amarrados no braço com esparadrapo. A enfermeira estava na sala da frente.

Matthew puxou uma cadeira para perto da cama e sentou.

— Como você sabia que eu estava aqui? — ela perguntou a ele.

— Trish me contou.

— Eu pedi a ela para não contar.

— Você fugiu na noite passada como se estivesse zangada comigo.

Ela mal conseguia se lembrar. Ah, sim. Ele não a tinha ouvido sobre o Peixinho, tinha corrigido a gramática dela, e depois tinha sugerido que ela desse uma jogadinha com ele. Ele escondia segredos dela que jamais revelaria.

Matthew era o namorado de Frankie havia quase três meses. Por que ela não podia assumir que estava zangada?

— Não acho que a gente converse de verdade — ela balbuciou.

— Sim, nós conversamos — ele disse, levando seus olhos para o teto. — Nós conversamos o tempo todo.

— Eu... Eu acho que você me subestima.

— Isso não é verdade.

— É sim — Frankie disse. — Você me subestima.

Matthew ficou confuso.

— Eu acho você ótima, Frankie. Encantadora e engraçada, e... geralmente, você é incrível. Como é que eu poderia subestimá-la?

— Mas você subestima — ela disse a ele. — Eu sei que sim.

— Mas como é que você pode saber?

— Nós não contamos muita coisa um pro outro, né?

Ele se levantou e começou a caminhar pelo quarto.

— Eu não sabia que a gente ia discutir a relação. Eu vim aqui para ver se você estava bem. E para contar a você sobre o Alfa.

— Não estamos discutindo a relação.

— Não estamos? Porque para mim está parecendo que sim.

— O que houve com o Alfa?

— Você sabe que o Peixinho foi roubado, e que teve aquelas luzes em forma de bassê nas janelas do ginásio antigo?

— Sim. — Será que ele ia contar para ela?

Ele ia. Ele precisava.

Ele finalmente ia contar para ela.

— E toda aquela história com o bufê de saladas, e os sutiãs por toda a parte no Dia das Bruxas? — Matthew continuou.

— ã-hã.

— Parece que era o Alfa quem estava fazendo tudo isso acontecer. Ele não está falando nada para ninguém na administração, mas eles o pegaram noite passada nos túneis de manutenção, e eles sabem que foi assim que o Peixinho chegou até a piscina. Pelos túneis. Eles encontraram um caderninho junto com ele que provava tudo.

— Junto com ele?

— Bom, no chão, junto com o resto das coisas dele. Ele diz que as coisas não são dele, mas na real só podem ser.

Então era o Alfa nos túneis.

Parte de Frankie estava feliz. Não pelo Alfa ter sido pego — mas feliz porque ela tinha feito ele se importar. Porque ele estava nos túneis, enrolando barbante.

A única pessoa melhor teria sido Matthew.

— O que vai acontecer agora? — ela perguntou.

— O Comitê de Disciplina se reuniu hoje de manhã. Eles votaram pela expulsão.

— Não. — A mente de Frankie se embaralhou. Ela não queria isso, não queria ter arruinado a vida dele.

— Se fosse qualquer outro, provavelmente eles não expulsariam — Matthew continuou. — Eles só ameaçariam, mas não fariam de verdade. Do Alfa eles podem mesmo se livrar, então vão usá-lo como exemplo. Ele é descartável aos olhos deles.

— Por quê?

— Ele não tem dinheiro. Quer dizer, a mãe dele não tem. Se fosse qualquer outro aluno, o comitê só faria ameaças. Daí a família faria uma doação enorme, e o aluno seria reintegrado com a ficha limpa.

— Não se fosse eu — disse Frankie. — Meu pai não tem todo esse dinheiro.

Matthew deu de ombros.

— Bem, a maioria das pessoas aqui tem. E o seu pai é um ex-aluno ativo; ele conhece pessoas. Mas não é o caso do Alfa. A mãe dele nem sequer fez faculdade.

— Ela não o levou para um retiro de ioga? Não é tão caro quanto ficar em um spa?

— Ela é maluca. Ela gasta todo o dinheiro que ganha alugando o apartamento, como se não houvesse amanhã. Ela não tem uma poupança, nem maneiras de se sustentar. E o Alfa foi aceito na seleção antecipada de Harvard.

— Ele foi?

— A carta chegou semana passada. Mas se ele for expulso, vai perder a vaga.

— Você sabia de tudo isso? — Frankie perguntou.

— O quê?

— Sobre o Alfa estar fazendo essas pegadinhas.

(Me conta, ela pensou. Me conta.)

Matthew sacudiu sua cabeça.

— Eu não tinha ideia.

— Mas ele é o seu melhor amigo.

— Bem, ele é totalmente brilhante, e sempre está quebrando regras e tendo ideias novas. Não posso dizer que estou surpreso. Mas as travessuras que ele fez este ano foram muito além das que ele tinha feito até então, e todas tinham uma inclinação política, e um elemento artístico, sabe? Então nunca tive certeza. E era estranho ele não me contar.

— Pois é.

— Richmond chamou a mim e alguns outros caras para ver se nós sabíamos quem estava ajudando o Alfa a fazer essas pegadinhas, mas não tínhamos nada a dizer. Nós não sabíamos de nada.

Ele estava mentindo para ela.

Mesmo agora, quando ela estava na enfermaria. Mesmo agora, quando ela tinha dito a ele que eles não conversavam de verdade.

Quando o Alfa estava sendo expulso da escola.

— Ele não está dizendo uma palavra sobre como essas coisas foram feitas — prosseguiu Matthew. — Eu achei que talvez a Elizabeth estivesse ajudando, mas agora parece que era alguém que ele conhecia do segundo ano.

— Quem?

— Seu ex-namorado, Porter Welsch. Ele ficou assustado e entregou

alguns e-mails que recebeu do Alfa, dizendo a ele para comprar ornamentos de jardim e máscaras de cachorro na internet, e para subir no domo da biblioteca levando um paraquedas.

— Porter trabalhava para o Alfa e entregou e-mails para o Richmond?

— Acho que sim. De qualquer forma, todos nós vamos mandar cartas atestando que o Alfa é um cidadão correto, membro valoroso da comunidade da Alabaster e essas coisas... mas eu duvido muito que ajude. Richmond precisa de um bode expiatório.

Matthew jamais contaria a ela, Frankie podia ver.

E pior, ele jamais suspeitaria dela. Porque para ele, assim como para a família dela, ela era a princesinha. Embora ele nunca a tenha chamado assim.

Inofensiva.

— Olhe para o meu braço, Matthew. — Frankie apoiou-se no cotovelo bom para se levantar e tirou o saco de gelo para que ele pudesse ver a queimadura.

— Surreal. — Ele veio em sua direção e segurou a mão dela. — O que aconteceu com você? Eu deveria ter perguntado assim que cheguei, me desculpe.

Frankie olhou para o rosto dele. Ele gostava genuinamente dela, ela sabia. Talvez até a amasse. Só que a amava de uma maneira limitada.

A amava mais quando ela precisava de ajuda.

A amava mais quando ele podia definir os limites e fazer as regras.

A amava mais quando ela era uma pessoa menor e mais nova do que ele, sem nenhum poder social. Quando ele podia adorá-la por sua juventude e charme e protegê-la das preocupações da vida.

— Eu me queimei — ela disse.

— Como?

— Você não tem nenhuma ideia?

Ele olhou para o braço dela por um longo tempo. Envolto em sacos de gelo.

— Não, nenhuma. Era pra eu ter?

Frankie respirou fundo e disse:

— Eu me queimei nos túneis de manutenção.

— O quê?

— Você está aí, me dizendo que o Alfa foi pego nos túneis de manutenção, sendo que ontem você mesmo passou metade do dia nos

túneis, e aí você olha o meu braço queimado e não te vem à cabeça que eu poderia ter estado lá com vocês?

Matthew soltou a mão dela.

— Você seguiu a gente?

— Não.

— Então o quê?

— Por que para você é tão difícil me enxergar, Matthew? Por que parece impossível para você que eu tenha mandado vocês até lá? Que eu tenha escrito aqueles e-mails?

Ele ficou encarando-a silenciosamente.

— Não é difícil criar um e-mail que faça você parecer outra pessoa — ela disse a ele. — Qualquer um pode fazer isso.

— Mas por que você faria? — ele sussurrou.

— Eu nunca quis que ninguém fosse expulso, você precisa acreditar em mim. Eu queria... — Frankie procurou pelas palavras certas. — Eu queria... provar o meu valor. Eu queria fazer as coisas acontecerem, queria mostrar que sou tão esperta quanto qualquer um de vocês, ou até mais, quando tudo que vocês sempre pensam a meu respeito é que eu sou linda.

Matthew sacudiu a cabeça.

— Eu não queria ser deixada de fora — ela prosseguiu. — Você e o seu clube. Você é tão *excludente*, Matthew, que estava me deixando louca. Mesmo que eu fosse sua namorada por todo esse tempo, você nunca ia me falar nada, nunca ia me deixar entrar. Como se você achasse que não sou boa o bastante.

— Como foi que você ficou sabendo sobre os Bassês? — A voz dele estava tensa.

— Eu segui você uma noite. Até o teatro. Não foi tão complicado.

Ele se arrepiou.

— Isso é loucura.

— O quê? Eu devia ter simplesmente pedido pra você me convidar para participar?

— Talvez.

— Fala sério. Você nem me deixou tocar naquele cachorrinho de porcelana estúpido no seu quarto. Duvido que você fosse simplesmente me contar tudo que estava acontecendo.

— Nós contamos para a Elizabeth.

— Só o suficiente para que ela fizesse uns convites bonitos para a festa de vocês! Não que ela realmente fosse parte de alguma coisa.

— Bem, nós contamos pra ela. E talvez eu tivesse contado a você.
— Ele estava na defensiva.

— Mas você não contou, Matthew. Eu te dei uma centena de chances, e você nunca me contou. — Frankie sentiu um nó na garganta. — Eu queria mostrar para você o que sou capaz de fazer. E não havia outro jeito de fazer isso a não ser assim. Eu achei que você fosse sacar um tempão atrás, na verdade. O que me deixa mais triste é que você nunca sacou.

Ela esperava, esperava mesmo, que ele *entenderia*. Que ele gostaria dela do mesmo jeito que gostava do Alfa. Admiraria sua esperteza, sua ambição, sua visão. Que ele a admitiria como igual, ou até mesmo como superior, e a amaria pelo que ela era capaz de fazer.

Ela esperava, esperava mesmo, que ele visse o quanto *ela* queria fazer parte do mundo dele, o quanto ela queria atravessar a porta que os separava, e o quanto merecia atravessá-la.

— Isso é muito doentio — Matthew disse, por fim.

Aquilo ficou pairando no ar.

Matthew desenrolou um chiclete, enfiou selvagememente na boca e depois amassou a embalagem até virar uma bolinha.

— Não acredito que você andou mentindo pra mim desse jeito.

— Mas *você* estava mentindo *pra mim*! — Frankie gritou.

— Eu não estava.

— Você mentia sobre os lugares aonde ia, mentiu sobre não conhecer o Porter, fingiu que não tinha nada a ver com tudo o que aconteceu. Você mentiu para mim todo santo dia desde que nos conhecemos.

— Eu estava sendo leal. — Matthew levantou e caminhou até o outro lado da enfermaria. — Leal a um grupo de amigos que conheço há quatro anos, quando não desde a infância. Leal a uma sociedade que existe há mais de cinquenta anos. Você está sendo leal a quê, hein? Ou estava só brincando com as pessoas para se sentir poderosa?

— Eu...

— E o que você tem contra o Alfa? Por que você armou para ele daquele jeito, sendo que ele é meu melhor amigo? O cara está sendo expulso por sua culpa.

— Eu não queria que isso acontecesse! E não é como se ele não fizesse parte daquilo também. Ele nunca admitiu que não tinha escrito aqueles e-mails. Ele poderia ter feito isso a qualquer momento. E, além do mais, não é como se você não tivesse feito nada também — gritou Frankie. — Você roubou o Peixinho. Você carimbou todas aquelas cartas, e comprou sutiãs, e bassês de brinquedo e luzes de

Natal. Eu sei que sim. Por que você não está lá confessando qual era sua participação naquilo, já que está tão preocupado com o Alfa?

— Eu confessaria — gritou Matthew. — Mas, que droga, ele não quer que eu fale nada. Era ele quem estava com *O histórico infame*, é o nome dele que aparece naqueles e-mails, foi ele quem Porter entregou. Confessar que sou membro da Leal Ordem não vai mudar nada, além de custar uma bolada pro meu pai. Não faz sentido.

Frankie estava segurando as lágrimas.

— Eu queria que você me deixasse explicar.

— Acho que você já fez isso — ele disse.

Ele estava bem longe, do outro lado da sala. Parecia tão injusto que Matthew pudesse sair e deixá-la ali, enquanto ela estava presa numa cama, fraca e seminua.

— Você é maluca, sabia? — Matthew continuou, andando de um lado para o outro. — O que você fez foi psicótico.

— Por que é psicótico se eu fiz, e brilhante se o Alfa fez? — choramingou Frankie. — Isso é tão injusto. Você está usando dois pesos para julgar.

— Ele está sendo expulso! Você mentiu para mim! — Matthew pegou uma pequena tigela de metal da mesa da enfermeira e atirou contra a parede. Ela atingiu o chão com um estrondo.

— Não atire coisas! — berrou Frankie. — Você não pode ficar atirando coisas.

— Você está me fazendo querer atirar coisas! — gritou Matthew.

— Pare com isso! — ela disse da forma mais enérgica que pôde.

Matthew andou para lá e para cá mais um pouco, mas não atirou mais nada.

Nenhum dos dois falou.

— Vou entregar você — por fim Matthew disse. — Vou até a sala do Richmond agora mesmo.

Ele saiu pela porta, batendo-a atrás dele.

— Não bata a porta na minha cara! — gritou Frankie. — Volte aqui! — Ela tirou as pernas de cima da maca da enfermaria e cambaleou até a porta usando a camisola de algodão que a enfermeira tinha dado a ela.

Ela o impediria.

Ela explicaria tudo. Faria ele ver que a tinha julgado mal.

Mas quando ela abriu a porta, Matthew já tinha saído do prédio.

A CARTA, DE NOVO



A SRTA. JENSSON, PROFESSORA DE CIDADES, tinha ficado com uma cópia do trabalho de Frankie sobre as atividades do Clube do Suicídio e a Sociedade Cacofônica. Quando Richmond pediu aos professores e alunos que se manifestassem caso tivessem qualquer evidência que trouxesse luz aos eventos recentes, ela o entregou a ele. O trabalho continha vários elementos que poderiam ser identificados como as sementes dos projetos da Leal Ordem, e a srta. Jensson (que logo quis se desassociar do responsável pelas pegadinhas para manter seu novo emprego), prestativa, fez anotações para que o diretor não deixasse passar nenhuma das conexões.

Um dia depois de Matthew tê-la denunciado, Richmond chamou Frankie até sua sala e pediu uma carta de confissão. Em resposta, ela escreveu a missiva que vocês sem dúvida lembram do começo deste relato:

Eu, Frankie Landau-Banks, venho por meio desta confessar que sou a única por trás das malcriações da Leal Ordem dos Bassês. Assumo responsabilidade total pelos transtornos provocados pela Ordem — incluindo a Garota da Biblioteca, os Cãezinhos na Janela, a Noite dos Mil Cães, a Revolta da Beterraba Enlatada e o sumiço do Peixinho.

Isto é, eu escrevi as instruções indicando a todos o que deviam fazer.

Eu, e somente eu.

Não importa o que Porter Welsch tenha dito a vocês em sua declaração...

A semana de provas começou no mesmo dia, e Frankie ficou grata por isso. As aulas do semestre tinham terminado e a rotina de sempre — refeições, prática desportiva, horários de entrada no alojamento — havia sido suspensa em favor do calendário de provas.

Frankie, com o braço enfaixado e uma receita médica para antibióticos no bolso, deixou a carta na sala de Richmond e subiu até o mirante para ligar para Zada. Ela explicou tudo.

— Sênior vai ficar maluco — Zada disse, depois de escutá-la.

— Eu sei.

— Mas, enfim, por que você queria ser membro desse clube idiota?

— Não sei.

— Duvido que ele fique bravo porque você queria fazer parte — disse Zada. — Quer dizer, acho que é tipo o sonho dele que você siga os seus passos. Mas ele vai ficar furioso porque você expôs a coisa toda e perdeu *O histórico infame*. Ele vai achar que você desrespeitou a instituição sagrada dele e comprometeu o caráter sigiloso do clube.

— Você acha que ele vai me tirar da escola... se eu não for expulsa? — perguntou Frankie. — Tipo, que ele vai se recusar a continuar pagando por ela?

— Talvez. Mas você queria mesmo continuar estudando na Alabaster?

Frankie queria — e não queria ao mesmo tempo. Ela queria ter uma boa educação. Queria o poder que ser uma aluna da Alabaster daria a ela. Queria abrir as portas que a Alabaster abriria para ela.

Ela era uma pessoa ambiciosa.

Mas ela também odiava o pan-óptico do colégio interno, o estabelecimento patriarcal, a vida insular e cheia de privilégios. E ela odiava a ideia de ter que passar mais um semestre na companhia de Matthew e Alfa depois do que tinha acontecido. Parte dela queria que Richmond a expulsasse, do mesmo jeito que eles planejavam expulsar Alfa; ou que o Sênior se recusasse a pagar, porque a escolha não teria que ser feita por ela.

— Você pode incitar a Ruth pra cima dele se ele tentar tirar você de lá — continuou Zada, quando Frankie não respondeu. — Se ela for pra cima dele, ele vai te deixar na escola. Ele não consegue dizer não a ela, não importa o que aconteça.

— Eu sei — disse Frankie.

— Princesinha, você está precisando ser medicada? — Zada perguntou de repente.

— O quê?

— Quer dizer, será que não seria bom você conversar com um psicólogo? Parece que você está meio... como se tivesse ficado obcecada.

— Acho que é a instituição — disse Frankie.

— Não estou dizendo pra você se internar, só para falar com um psicólogo.

— Não, a instituição é o que está me incomodando — disse Frankie.

— Alabaster?

— Eu estava tentando dominá-la.

— Princesinha, vá falar com o psicólogo por uma hora. Eu te ajudo a lidar com o Sênior.

— Tenho prova de geometria — Frankie disse a Zada. — Preciso ir agora.

Do lado de fora da Casa do Fundador, Frankie acabou topando com Porter. Ele estava esperando por ela.

— Deixa eu ir com você até a aula de geometria — ele disse, caminhando pelo gramado. — Está preparada para a prova?

Frankie sacudiu a cabeça.

— Eu estava na enfermaria. Não estudei muito.

Na última vez que eles tinham conversado, ela tinha gritado com ele no Alpendre, mas Porter agiu como se nada pudesse estar mais longe de seus pensamentos.

— Eu não sabia que era você — ele disse, enquanto eles caminhavam. — Quando entreguei aqueles e-mails, não sabia que era você.

— Ah.

— Eu pensei que fosse o Alfa. Quer dizer, eu sei que nós tivemos nossas diferenças, e que eu fui um babaca no ano passado, mas eu nunca te entregaria para o Richmond desse jeito. Eu não tinha ideia. Vou ficar muito mal se você for expulsa por causa do que eu fiz.

Ele ainda tinha o impulso de protegê-la — ele, que havia causado a ela mais estragos que qualquer outro.

— Por que você entregou todos eles? — Frankie perguntou. — Você não era membro da Leal Ordem?

Porter sacudiu a cabeça.

— Na real, não — ele disse.

— Como assim?

— Eu era um espião — ele disse com um lampejo de orgulho. — Em março, quando Richmond deixou Alfa voltar para cursar o último ano na Alabaster, ele sabia que estava aceitando um encrenqueiro. Alfa tinha quebrado todo tipo de regra em seus primeiros dois anos. Ele foi flagrado com álcool. E cigarros. Fugiu do campus. Você sabe.

— É, eu sei.

— Mas enfim — disse Porter. — Richmond queria dar uma chance para o Alfa se formar na Alabaster, mas também queria que alguém do corpo estudantil pudesse ficar de olho no que ele estava tramando,

porque ele tinha, potencialmente, um grande controle sobre os garotos do último ano.

Frankie olhou para os pés, caminhando pela neve lamacenta do caminho não oficial pelo meio do gramado.

— Por que você faria uma coisa dessas?

— Richmond sabia que eu ia rodar em biologia.

— Você ia? — Frankie não sabia.

— Eu deixei de entregar o dever de casa no começo do semestre e não consegui me recuperar. Puffert estava ameaçando me reprovar na matéria, mas Richmond me chamou e disse que poderia fazer o problema desaparecer se eu fizesse uma coisa para ele. Ele sabia que eu era amigo do Callum e do Tristan por causa do lacrosse, e perguntou se eu poderia, você sabe, me juntar ao bando. E informá-lo se alguma coisa muito grande estivesse sendo arquitetada.

— Richmond sabia sobre os Bassês?

— Não. O cara não tinha ideia até que todos esses cachorros começaram a aparecer por aí este ano. Ele só me disse para ver se eu conseguia me infiltrar no meio desses caras e ficar de olhos bem abertos. Eu sabia que isso significava me tornar um Bassê, mas também sabia que, se eu fizesse as coisas certas, isso não seria tão difícil.

— Por que não?

— Meu pai foi membro, e meu irmão mais velho também. Sou um herdeiro. Então era praticamente certo que eu receberia um convite, bastava que esses caras gostassem de mim.

— Você não pensou no quanto sua família ficaria chateada quando soubesse que você traiu a Ordem?

Porter riu amargamente.

— É, eu pensei nisso.

— Então como é que você pôde fazer isso?

— A última coisa que eu quero é ser como meu pai, Frankie. — Porter sacudiu a cabeça. — Ou como meu irmão. Você deve se lembrar disso. Eu odeio tudo que eles representam.

— Então você disse ao Richmond que sim.

Porter deu de ombros.

— Pois é. Quer dizer, eu pensei nisso com carinho. Não estou dizendo que foi fácil. Mas Richmond estava me salvando de repetir biologia, eu podia mandar meu pai à merda e, ainda por cima, tinha uma chance de derrubar Tesorieri de seu pedestal.

— Ã-hã.

— Mudei o meu guarda-roupa, comecei a contar piadas no vestiário, apareci nas festas mesmo quando não era convidado até que, enfim, fui convidado. Não foi difícil, mesmo.

— O que você tem contra o Alfa? — Frankie perguntou a ele.

— Ele saiu com a minha irmã Jeannie quando eles estavam no segundo ano. Você não sabia disso?

Não, ela não sabia.

— Ele partiu o coração dela. Um belo dia, parou completamente de falar com ela. Sem nenhum aviso, sem um rompimento formal. Ela acabou mergulhando numa depressão profunda e passou o resto do verão trancada no quarto, bebendo e ouvido Smiths. Arruinada.

— Poxa.

— Pois é, meus pais tiveram que mandá-la para o psicólogo. — Porter tirou o cachecol e começou a dobrá-lo caprichosamente enquanto andava. — Então eu nunca gostei do cara — ele continuou. — E aí, quando eu estava na Ordem, ele era tão cheio de si. Tudo bem, admito que admirava as ideias dele. Se bem que as ideias eram suas. De qualquer forma, odiava o jeito que ele se comportava, como se fosse nosso dono. O líder do bando. Aquilo me incomodava.

— E quanto a Callum e Tristan? Você não se importava de traí-los?

— Eles são bons companheiros de lacrosse. Mas eles são... Eles são muito clubistas. Muito antiquados. Eu sou um nerd, Frankie. Eles não são meus amigos de verdade.

— Matthew fez você pedir desculpas para mim, não foi? — Frankie especulou.

— Eu teria pedido de qualquer forma.

— E ele fez você imprimir uma prova para ele.

— Bem, sim. Ele fez. Você sabia disso?

Frankie assentiu.

— Eu encontrei o papel.

— Ele não é tudo aquilo que parece, Frankie. Tentei te alertar para ficar longe dele no Alpendre, mas não podia falar nada porque ele ficou muito bravo quando convidei você para almoçar comigo, e depois ficou mais bravo ainda quando soube que a gente andou discutindo.

— Sério?

— Sim, durante semanas eu recebi uns bilhetes do Matthew a cada dois dias, questionando minha lealdade e me dizendo que era melhor aderir ao código dos Bassês, senão perderia o meu lugar. Então eu não tinha como avisar o Richmond ou fazer qualquer outra coisa a não ser

obedecer o que o Alfa dizia naqueles e-mails. Senão os Bassês me expulsariam e todo o projeto de espionagem teria sido inútil.

— Só que não era o Alfa quem estava escrevendo os e-mails.

— Não. — Ele olhou para ela e puxou sua touca para baixo, para cobrir melhor as orelhas.

Eles estavam parados na frente do prédio de matemática agora. Os alunos estavam chegando para a prova das onze da manhã.

— De qualquer forma — disse Porter —, eu queria dizer que não sabia que aqueles e-mails que entreguei iriam incriminá-la. Me desculpe por toda a confusão que isso está causando.

— Qual a diferença? — Frankie perguntou a ele.

— Como assim?

— Qual a diferença entre mim e o Alfa? Por que você o entregaria, mas não a mim, se sua missão era entregar a pessoa responsável?

Porter franziu a testa, pensando.

— Eu tenho algum tipo de lealdade a você, eu acho. Porque a gente costumava sair. Acho que a gente sempre fica com uma espécie de saldo de lealdade com a pessoa com quem saiu.

— E você não tem nenhuma lealdade ao Tristan? Ou Callum?

Ele deu de ombros.

— Nunca estive realmente com eles, sabe? Só estava fingindo estar com eles.

Nenhum dos dois soube o que dizer por um minuto. Frankie roçou a bota na neve.

— Por que você fez tudo aquilo, Frankie? — perguntou Porter. — Quer dizer, foi brilhante o que você fez, o que você nos fez fazer. Mas pra que se incomodar? Isso é o que eu não consigo entender.

Frankie suspirou.

— Você já ouviu falar do pan-óptico? — ela perguntou a ele.

Porter sacudiu a cabeça.

— Já se apaixonou alguma vez?

Ele sacudiu a cabeça de novo.

— Então não tenho como explicar — Frankie disse.

Eles entraram no prédio e fizeram a prova de geometria.



DE CERTA FORMA, podemos enxergar Frankie Landau-Banks como um positivo negligenciado. Uma palavra enterrada.

Uma palavra dentro de outra palavra que está recebendo toda a atenção.

Uma mente dentro de um corpo que está recebendo toda a atenção.

A mente de Frankie é uma palavra desprezada, que quando revelada — por meio da invenção, da imaginação, ou da recordação —, contém um poder que é cômico, surpreendente e memorável.

Agora, não só tinha ficado claro que um aluno com uma riqueza familiar significativa era menos suscetível a ser expulso de um colégio interno metido a besta do que um bolsista, mas também tinha ficado claro que uma garota bonitinha sem histórico pregresso de mau comportamento receberia uma sentença mais branda (mesmo com uma confissão total por escrito) do que um garoto do último ano com um histórico de visitas à sala do diretor.

O diretor Richmond e o Comitê de Disciplina concordaram em manter tanto Alfa quanto Frankie na Alabaster, em período de experiência. Eles avisaram a ela dois dias antes do final das provas de inverno.

E Frankie se deu conta de que queria ficar.

Ou melhor, ela decidiu ficar, embora estivesse apavorada. A longo prazo, era mais provável que ficando ali ela chegaria aonde queria. Onde quer que isso fosse. O que quer que isso seja. Porque a educação, e as conexões, e a reputação da Alabaster valiam o incômodo — embora ela tivesse perdido Matthew e seus amigos para sempre.

Férias de inverno. Chanuca. Ruth, o bando de garotos vis, Zada em casa com uma mala cheia de roupas hippies e literatura feminista. Não vou cansá-los com detalhes, mas vou dizer que a posição de Frankie nos encontros familiares era levemente diferente.

Ela tinha surpreendido a todos.

Eles não tinham mais certeza de onde ela se encaixava. Se ela não era a princesinha — o que tinha ficado claro que ela não era —, quem era ela? Sênior, quando passou para fazer uma visita, não conseguiu encará-la nos olhos. Ruth apertava seus ombros com frequência, mas raramente puxava uma conversa. Tio Paul e tio Ben evitaram fazer suas perguntas de costume sobre garotos e escola, limitando-se a convidá-la para jogar uma partida de Banco Imobiliário quando foram até lá para o jantar comemorativo.

Frankie venceu facilmente os dois.

Dia 22 de dezembro, depois de um grande jantar em família cheio de *latkes* com molho de maçã, que ficou completo com Paulie Júnior jogando um vaso de planta de uma janela do segundo andar e pagando o primo vil mais novo para correr pelo quarteirão sem camisa, Frankie se trancou no quarto e abriu o laptop. No topo da tela estava o ícone do Gmail. Mensagens: 1.

Ela não tinha mais recebido nenhum e-mail na conta omachoalfa desde que Matthew a havia entregado.

De: Alessandro Tesorieri [at114@alabaster.edu]

Para: omachoalfa@gmail.com

Assunto: Um elogio, acredite se quiser

Eu pensei em escrever para você, pensei muito — mas acabei não escrevendo.

Não acho que você mereça, sério mesmo.

Mas aí fico me lembrando da obra.

O planejamento, e o acesso aos prédios, e as cartas e os e-mails.

Até as compras.

Colocar todos aqueles manos para fazer o que você mandava.

Eu lembro que você fez o Matthew e todo mundo — a escola inteira, mesmo — pensar que eu era um gênio.

Que eu era o cara que queria ser. O cara que não sou de verdade. O cara que participa de rinhas e de rachas.

A quantidade de tempo que você deve ter levado para fazer tudo isso é fenomenal.

Provavelmente psicótico.

Eu fiquei com o crédito por tudo, sim. Porque era brilhante pra caramba, e sou um cara brilhante às vezes, mas nem sempre ajo de acordo.

Nunca ajo de acordo, na verdade.

Vou me arrepender de ter mandado isso. É tarde da noite e andei bebendo. Minha mãe é maluca pra caramba. Ela quer que a gente se mude para a Califórnia pra tentar trabalhar na televisão.

A mulher tem quarenta e três anos.

Não que eu queira ser seu amigo agora, Frankie. Nem venha falar comigo, sério, não consigo mesmo lidar com você.

Só estou escrevendo para dizer que subestimei você.

Subestimei você de modo significativo.

Na verdade, não acho que seja realmente possível *superestimá-la*.

Embora você não seja uma boa pessoa.

Alfa

O coração de Frankie disparou com a leitura da carta. Vitorioso e cheio de esperança.

Ela tinha impressionado o Alfa.

Ganhado sua admiração.

Será que era isso que ela estava tentando fazer esse tempo todo?

Por um breve momento, ela pensou em escrever de volta. Apesar do que ele havia dito, apesar de tudo que tinha acontecido, talvez eles pudessem ser amigos. Talvez até alguma coisa a mais. Eles eram parecidos, ele e ela, de tantas maneiras. E agora ele tinha finalmente reconhecido ele nela, ou ela nele.

Não tinha?

Mas ela queria algo maior que o Alfa. Queria mesmo. Algo muito maior.

Então ela não respondeu, mas fez o papel de estrategista. Ela detinha mais poder segurando uma resposta.

DEPOIS DA TEMPESTADE VEM A BONANÇA



QUANDO FRANKIE VOLTOU À ALABASTER no começo do segundo semestre, ela era uma espécie de celebridade. Star e Claudia a evitavam por ela ter colocado Alfa e seu bando em apuros, assim como Elizabeth e vários outros quartanistas, enquanto Trish ficou fielmente ao seu lado. O pessoal do Clube de Debates e do resto do Conglomerado de Clubes Nerds elevou seu status para o de lenda e a convidou para sentar em suas mesas no refeitório. Membros do grêmio estudantil ficaram surpreendentemente interessados em discutir com ela estratégias de mudança social, e o pessoal do CTA se inspirou e começou a se infiltrar regularmente no novo teatro à meia-noite (já que eles tinham as chaves) e exibir filmes para os seus amigos.

Frankie gostava da acolhida e da rejeição na mesma medida, porque ambas significavam que ela tinha causado impacto. Ela não era uma pessoa que precisava ser amada tanto quanto era uma pessoa que gostava de ser reconhecida.

Como condição de seu retorno à Alabaster, Ruth e Zada insistiram para que Frankie começasse a frequentar um psicólogo. Ela tinha sessões semanais com o especialista em saúde mental da escola, a fim de explorar sua “agressividade” e trabalhar a canalização de seus impulsos para atividades mais apropriadas do ponto de vista social. O psicólogo sugeriu esportes de equipe competitivos como uma válvula de escape positiva, e estimulou Frankie a se inscrever na equipe feminina de hóquei sobre a grama.

Não foi uma solução produtiva.

Era a equipe feminina.

Os garotos nem sequer jogavam hóquei sobre a grama.

Os garotos não estavam nem aí pro hóquei sobre a grama.

Frankie não estava interessada em praticar um esporte que era classificado como nada pela metade mais poderosa da população.

O psicólogo também sugeriu meditação. Encontrar um tempo todos os dias para se concentrar em respirar profundamente e aceitar a vida como ela era naquele momento.

Também não foi uma solução efetiva.

Frankie não aceitava a vida como ela era naquele momento. Era parte fundamental de sua personalidade. A vida como ela era naquele momento não era aceitável para ela. Se ela relaxasse, será que não ficaria submissa? Será que não acabaria ficando sempre dentro da

linha que se estendia à sua frente?

Ela não aproveitou muita coisa da terapia.

Frankie Landau-Banks é uma pessoa fora da linha.

Ela pode, de fato, ficar louca, como acontece com muitas pessoas que quebram as regras. Não aquelas que só posam de rebelde, quando na verdade apenas consolidam suas posições já dominantes na sociedade — como Matthew e a maioria dos outros Bassês —, e sim aquelas que se envolvem em causas maiores para perturbar a ordem social. Quem tenta forçar as portas que geralmente estão fechadas. Às vezes elas ficam loucas, essas pessoas, porque o mundo está dizendo a elas para não querer as coisas que elas querem. Pode parecer que é mais sensato desistir — mas aí elas ficam loucas por terem desistido.

Pelo lado positivo, Frankie tem uma vida mais fácil do que muitas pessoas com os mesmos desejos, pensamentos e ambições. Ela é bonita e terá uma boa educação. Sua família possui uma boa quantia de dinheiro, embora não tanto quanto outras. Muitas portas se abrirão facilmente para ela, e pode ser que ela abra aquelas que quiser sem muita dor ou esforço.

E assim, outra possibilidade — a possibilidade na qual acredito — é a de que Frankie Landau-Banks abrirá ela mesma as portas que quer atravessar.

E crescerá para mudar o mundo.

Deixamos Frankie enquanto ela termina seu segundo ano. Olhando de fora, parece que ela está indo bem. Se comportando como todo mundo quer que ela se comporte. Mas a queimadura em seu braço deixou uma cicatriz atroz do cotovelo até o pulso, e ela usa manga comprida até no calor para manter sua pele desfigurada longe dos olhares curiosos.

Ela ainda está cursando dança moderna, ainda debate, ainda divide o quarto com Trish, que decidiu interpretar o comportamento de Frankie durante aquele outono infame como “stress por causa de um mau relacionamento”.

Frankie está grata por ter uma amiga tão leal, mas sabe que a falta de compreensão de Trish é uma condição daquela lealdade. Se Trish compreendesse totalmente a maneira que Frankie pensa, os temas sobre os quais ela reflete o tempo todo quando parece estar fazendo o dever de casa tranquilamente — sua fúria e ambição —, ela se afastaria. Para Trish, Frankie ainda é uma garota comum, que mantém hamsters numa gaiola cheia de túneis coloridos, só que agora está meio triste e precisando ser colocada para cima por ter escolhido o namorado errado duas vezes seguidas.

Agora lá está Frankie, sentada com seu laptop num banco na frente

da biblioteca, sentindo o ar quente da primavera. É sábado. A maioria dos alunos pegou um dos ônibus da Alabaster até a cidade, e o campus está praticamente vazio. Trish estava jogando golfe com Artie.

Matthew, Dean e Callum saem de dentro da Hazelton e descem as escadas fazendo barulho, depois ficam parados conversando há uns três metros de distância de Frankie, antes de cada um seguir seu caminho.

Eles não dizem oi.

Eles nem parecem tê-la notado.

— Eu poderia me preocupar menos com o remo esse ano — Callum está dizendo.

— Não poderia se preocupar menos — Matthew diz, cutucando-o.
— Se você pode se preocupar menos, significa que você está se preocupando em certa medida. O certo é *não* poderia se preocupar menos.

— Mano, eu sei disso. Você já tinha me dito. Mas não tô nem aí.

Matthew ri.

— Mas você sabe que isso é como passar a unha num quadro-negro para o meu cérebro. Será que você não poderia falar direito, por mim?

— Mano — Callum brinca. — Vou entrar nesse seu cérebro no meio da noite e massacrar o revisor que existe em você. Não é de se estranhar que você não tenha uma namorada.

— Você fez de novo! — Matthew grita, rindo e dando ombradas no Callum.

— O quê?

— Você não pode massacrá-lo! *Massacre* se refere ao assassinato de muitas pessoas — Matthew explica. — Você tem que matá-lo. Ou assassiná-lo. Porque ele é apenas um.

Callum sorri.

— Mano, é evidente para todo mundo que você tem muitos, mas muitos revisores aí dentro.

— *Touché*.

Dean interrompe.

— Vocês querem jogar golfe hoje à noite?

— Com certeza — Matthew diz. — Vou espalhar a notícia. — Uma pausa. — Eu e os meus revisores.

Frankie quase ri alto, mas ela sabe que não deveria estar ouvindo.

E é claro que ninguém joga golfe à noite, não sem óculos infravermelhos.

Eles estavam dando uma festa.

De repente, a armadura protetora de Frankie desaparece e ela não está mais zangada com ninguém sobre coisa alguma. Ao olhar para Matthew ela não vê nada além de um garoto bonito que costumava achá-la incrível. Um garoto que ama palavras, que faz ela rir. Ela vê seu sorriso esperto, seus ombros largos, e as sardas beijadas pelo sol em volta do seu nariz. A camiseta do Super-Homem ainda mora no fundo da gaveta de Frankie, e tudo que ela vê é um garoto cujo mundo está repleto de aventura e segredo e humor e amizade. Um mundo onde ela costumava ser — quase — bem-vinda.

Frankie quer ir à festa no campo de golfe. Ela se arrepende de tudo. Ela deseja nunca ter se infiltrado nos Bassês. Ela deseja ser um tipo diferente de garota. Alguém simples, doce e sem ambições.

Talvez ela possa ser aquela garota. Talvez haja uma chance.

— Matthew — Frankie o chama quando ele vai se afastando, descendo as escadas.

Ela percebe pelo jeito que suas costas se contraem que ele tinha ouvido. Mas ele não responde.

— Matthew! — ela chama de novo. — Ei, escuta!

Ele se vira.

Será que ele ainda acha ela bonita?

Será que ele se lembra de como era beijá-la na cama estreita do dormitório? De como era segurar as mãos dela no escuro?

Matthew é um cavalheiro. Ele teve uma boa criação. *Noblesse oblige*. Ainda que não tivesse mais olhado Frankie nos olhos desde que saiu da enfermaria naquele dia, ele o faz agora que ela falou com ele. Um espasmo de repulsa corre seu rosto por um instante, antes de ele reprimi-lo.

— Sim?

— Estou com uma camiseta que devia devolver a você — Frankie diz a ele.

Será que ele irá buscar a camiseta? Será que agora ele irá ao quarto dela e eles ficarão sozinhos, e todas as coisas ruins simplesmente desaparecerão?

— Não me lembro — ele diz, parecendo indiferente.

Mas é claro que ele lembra. Frankie conhece esse jogo.

— Super-Homem — ela diz. — A camiseta do Super-Homem.

— Ah, eu tinha me esquecido. — Ele dá uma risadinha de leve. Falsa. — Fique com ela — ele diz. — Nunca pego meus presentes de volta.

Matthew preferia deixar que ela ficasse com a camiseta do que interagir com Frankie por mais um segundo. Ele a odeia tanto assim.

Ele se vira e os manos o seguem.

Frankie engole as lágrimas. Ela não queria a camiseta, de qualquer forma.

Conforme os Bassês vão atravessando o gramado, Frankie lembra a si mesma de que não quer o Matthew. Que não o queria, de qualquer forma.

É melhor ficar sozinha, ela pensa, do que ficar com alguém que não te enxerga como você é. É melhor liderar do que seguir. É melhor falar do que ficar em silêncio. É melhor abrir portas do que fechá-las na cara das pessoas.

Ela não será simples e doce. Ela não será o que as pessoas dizem que ela deve ser. Aquela princesinha está morta.

Ela fica observando os garotos enquanto eles se espalham em direções diferentes e desaparecem pelos cantos e dentro dos prédios da Alabaster.

Ela não está mais com vontade de chorar.

Algumas notas sobre o texto, e os agradecimentos

Estou em dívida com vários livros pelas minhas ideias a respeito de colégios internos, clubes de garotos, pegadinhas, arte intervencionista, exploração urbana e assim por diante. Em particular, eu usei: *Fugitives and Refugees: A Walk in Portland, Oregon*, de Chuck Palahniuk; *The Interventionists: Users' Manual for the Creative Disruption of Everyday Life*, editado por Nato Thompson e Gregory Sholette; *Preparing for Power: America's Elite Boarding Schools*, de Peter W. Cookson Jr. e Caroline Hodges Persell; *If at All Possible, Involve a Cow: The Book of College Pranks* [Se possível, incluía uma vaca: o livro das travessuras universitárias], de Neil Steinberg; *Prank University: The Ultimate Guide to College's Greatest Tradition* de John Austin; *O código dos Woosters* e as histórias de P. G. Wodehouse sobre o Drones; *Memórias de Brideshead* de Evelyn Waugh; e *O clube do suicídio*, de Robert Louis Stevenson.

Fiz pesquisas em sites como o <santarchy.com>, <museum ofhoaxes.com>, <actionsquad.org>, <la.cacophony.org>, <brides ofmarch.org>, além de vários outros dedicados à exploração urbana e às travessuras universitárias.

O material contido no trabalho de Frankie sobre o Clube do Suicídio e a Sociedade Cacofônica é real, assim como o material sobre o pan-óptico, cuja interpretação teórica foi vagamente tirada de *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*, de Michel Foucault. O roubo do Peixinho é baseado no roubo do Bacalhau Sagrado de Massachusetts, cometido em 1933 por alunos de Harvard. É uma das travessuras de faculdade mais famosas de todos os tempos. Todos os erros relativos a esses temas malucos são culpa minha.

As informações sobre sociedades secretas são completamente imaginárias — e provavelmente falsas.

O bassê feito de vegetais foi inspirado no meu amigo Paul Zelinsky, que uma vez fez uma Rapunzel de queijo.

Muito obrigada a Donna Bray por sua enorme clemência e perspicácia editorial. E por ter fé que eu escreveria algo decente a partir de uma ideia que não era nada além de dois parágrafos cheios de besteira. Todos na Hyperion foram maravilhosamente encorajadores e criativos, particularmente Emily Schultz, Elizabeth Clark, Jennifer Zatorski, Scottie Bowditch e Angus Killick. Minha agente, Elizabeth Kaplan, é indispensável. Sou muito grata pela sua ajuda.

Obrigada a Ben Fine por suas histórias de colégio interno, e aos meus amigos da faculdade que deram festas no meio da madrugada no campo de golfe da Vassar. E a meu marido, que me deixou roubar

algumas de suas piadas e leu o primeiro rascunho.

Justine Larbalestier, Maryrose Wood, Lauren Myracle e Sarah Mlynowski deram tanto palpite na minha foto de autor que parecia que estávamos dando uma festa do pijama, e depois elas ainda me fizeram voltar lá e tirar uma nova foto usando maquiagem — obrigada a todas vocês. Heather Weston <heatherweston.com> tirou infinitas fotos e me cobrou apenas um oitavo do que elas valem.

Sarah Mlynowski leu um rascunho quando este livro estava pela metade e terrível, e me ajudou imensamente. Muito obrigada também aos membros do grupo de discussão YA Novelists por me ajudarem a escolher o título e por seu apoio em geral. Obrigada a meus companheiros de escrita Scott Westerfeld, Maureen Johnson e John Green, por não me deixarem sozinha durante o período de revisão e por responderem perguntas chatas como “Qual é o nome daquela animaçãozinha que tem no Pac-Man? Você sabe, o troço que aparece depois que você completa duas coisinhas?” (apresentação entre fases) ou “Qual é a banda que você sempre escuta quando está deprimido de verdade?” (Smiths), sempre que eu perguntava.



© www.heatherweston.com

E. LOCKHART nasceu em Nova York e fez doutorado em literatura inglesa na Universidade Columbia. Deu aulas de redação, literatura e escrita criativa. Seus livros já foram traduzidos para mais de dez idiomas. É autora de *Dramarama*, *The Boyfriend List* e *Fly on the Wall*, e coautora de *How to Be Bad*, com Lauren Myracle e Sarah Mlynowski. Ela nunca fez parte de uma sociedade secreta. E, mesmo que fizesse, ninguém ficaria sabendo.

Copyright © 2008 by E. Lockhart

Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Disreputable History of Frankie Landau-Banks

CAPA Cassio Leitão

IMAGEM DE CAPA David Toase/ Getty Images

PREPARAÇÃO Nathália Dimambro

REVISÃO Gabriela Ubrig Tonelli e Larissa Lino Barbosa

ISBN 978-85-8086-809-8

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Índice

Rosto

Uma evidência

Cisne

Um encontro casual que se provaria fundamental

Veterano

Alabaster

O conglomerado de clubes nerds

Matthew

Alfa

As garotas

O pan-óptico

Os convites

O bosque

O campo de golfe

Pão de alho

Um triângulo

O positivo negligenciado

Fritas com queijo

A camiseta

O clube do suicídio

Monstro

A leal ordem

Um cavalo-marinho

Star

Um encontro desmarcado

O teatro velho

O juramento

A coroa da alabaster

Olhem para o oeste, rapazes

Colado firme com dupla face

Histórico

Pão torrado

Como atravessar uma porta fechada

Dia das bruxas

Um improviso
Os e-mails subsequentes
Quanto custa aquele cachorrinho na janela?
Um outono infame
A revolta da beterraba enlatada
O retorno da princesinha
A sociedade de libertação dos peixes
Barbante
Queimadura
Um responsável
A carta, de novo
Mais alguns e-mails
Depois da tempestade vem a bonança
Sobre a autora
Créditos